



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO -
PPGCR

JOSÉ GENILTON COSTA DOS SANTOS

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*:
Características, origens e impactos na Igreja Católica

Aracaju - SE
2024

JOSÉ GENILTON COSTA DOS SANTOS

**EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*:
Características, origens e impactos na Igreja Católica**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, Linha de Pesquisa Religião, Conhecimento e Linguagem, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

BANCA DE AVALIAÇÃO

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Jesus dos Prazeres.
Prof. Dr. Romero Venâncio Silva.
Prof. Dr. Edemir Antunes Fiho.

Aracaju - SE
2024

Dedicatória

Aos meus pais, que desde cedo me ensinaram, através dos seus exemplos, que a honestidade, a solidariedade, o respeito e o amor ao próximo são requisitos indispensáveis para transformar a si mesmo, a comunidade, a sociedade e o mundo. Que a elegância do ser humano não consiste nas aparências, nem por meio da erudição e nem pelo poder aquisitivo, mas pela humildade, força do caráter, pelo senso de justiça e do testemunho de vida. Foi esse tesouro que herdei do meu pai e da minha mãe e tenho me esforçado o máximo a vivenciá-lo, aperfeiçoá-lo a cada dia, a partir do meu estilo de vida.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237e Santos, José Genilton Costa dos
Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* : características, origens e impactos na Igreja Católica / José Genilton Costa dos Santos ; orientador Alexandre de Jesus dos Prazeres. – São Cristóvão, SE, 2024.
108 f. : il.

Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Religião. 2. Evangelização – Igreja Católica. 3. Exortações apostólicas (Cartas papais). 4. Documentos papais. 5. Teologia pastoral. I. Francisco, Papa, 1936- – Ensinamentos. II. Igreja Católica. Papa. (2013- : Francisco). III. Prazeres, Alexandre de Jesus dos, orient. IV. Título.

CDU 272-732.2-472

Ata de aprovação assinada

Agradecimentos

Quero expressar os meus agradecimentos a todas as pessoas que me ajudaram na condução desse processo de realização deste Mestrado. Ao Inefável minhas preces, minha gratidão, meu louvor. Mesmo sem conseguir compreendê-lo e descrevê-lo em uma linguagem humana, eu sinto no universo da minha existência a sua presença. Mesmo indecifrável é Nele que me refúgio a cada instante, a cada dia, somente Nele encontro força para prosseguir e encontrar o sentido da vida.

Ao Prof^o. Dr^o. Alexandre de Jesus dos Prazeres, orientador desta dissertação, pela disponibilidade, paciência, abertura e compreensão, pois me orientou com rigor acadêmico, me ensinando uma forma metodológica de estudar, pesquisar, pensar e escrever. Eu não teria êxito nesta pesquisa se não tivesse contado com a compreensão, encorajamento do meu orientador para seguir em frente diante de ventos fortes e ondas agitadas.

À Banca Examinadora, Prof^o. Dr^o Edemir Antunes Fiho e Prof^o Dr^o Romero Venâncio Silva, por terem aceitado participar desse momento marcante em minha vida pessoal. Agradeço a leitura acurada e ativa do texto de qualificação e as contribuições enriquecedoras, que muito acrescentaram a este trabalho.

A secretária do PPGCR, Sr^a Kate, meu carinho, apreço pela atenção, seriedade, dedicação com que exerce seu trabalho profissional nesta Instituição.

Ao Arcebispo de João Pessoa, Dom M. Delson, pela nossa amizade e pelo bem que me tem desejado em toda a minha trajetória de vida e por ter-me proporcionado todos meios para que eu realizasse o mestrado.

Ao professor Carlos, que tanto me motivou e colaborou para o meu ingresso na Universidade Federal de Sergipe/ PPGCR. Obrigado pela força, pelo companheirismo, pelo incentivo e pelo bem que me fez em todo período que passei na capital sergipana.

Ao Prof^o. Dr. Calvani, que, com seu espírito de justiça, dialogou comigo sobre quem poderia me orientar em um tema que me ajudaria no trabalho que realizo nas comunidades eclesiais.

A professora Leonice de Lima Mançur Lins, pelo seu espírito humanístico, cultivado por uma mística eucarística diária, admiradora do *Poverello de Assis* e do Papa Francisco, a minha gratidão pela sua disponibilidade, paciência, ajuda incondicional, pois em todos os momentos esteve presente, motivando-me e colaborando franciscaneamente.

Por fim, a todos e todas que me ajudaram e acreditaram na realização deste trabalho científico. A luta foi intensa, mas valeu a pena!

Por isso, desejo uma Igreja pobre, para os pobres.¹

¹ Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n.198.

Resumo

Esta Dissertação busca apreender as transformações no interior da Igreja Católica com o Papado de Francisco, primeiro papa jesuíta e latino-americano na história milenar da Igreja Católica. Parte da premissa que o Papa Francisco, adepto da Teologia do Povo durante sua vida pastoral na Argentina, tenha levado para o governo da Igreja as posições teológicas e pastorais dessa teologia, através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* - EG. Assim, este estudo objetiva analisar criticamente essa Exortação, escrita pelo Papa Francisco e publicada no ano de 2013, buscando compreender as características deste documento católico, examinando as origens do documento e analisando os impactos do documento, tanto dentro da Igreja Católica, como na sociedade, especificamente a brasileira. No primeiro capítulo apresenta-se as características da *Evangelii Gaudium* - EG, do Magistério do Papa Francisco, sua linha de pensamento teológico, pastoral e as influências do *locus* latino-americano, especialmente da Argentina, onde ele nasceu, cresceu e recebeu uma formação jesuíta. Enfoca-se sua trajetória enquanto sacerdote e Cardeal na Argentina, enfatizando sua experiência pastoral nas periferias de Buenos Aires e o contexto social, político e econômico. O segundo capítulo centra sua análise nas origens do documento *Evangelii Gaudium* - EG, buscando situá-lo no Magistério do Papa Francisco, bem dos temas presentes na EG que sinalizam influências dos documentos pós Concílio Vaticano II, dos documentos pós Conferências Latino-Americanas e Caribenhas. O terceiro capítulo analisa os impactos do documento no agir da Igreja Católica. Basicamente busca-se perceber como a Igreja, no mundo e no Brasil, foi impactada ao longo dos últimos dez anos pelas diretrizes apresentadas na EG. A presente pesquisa adota a metodologia da pesquisa bibliográfica como principal ferramenta de investigação. Pode-se perceber, na análise do documento, que os caminhos propostos pelo Papa Francisco para o governo da Igreja revelam que a trajetória pessoal e as posições teológicas do jesuíta Jorge Mario Bergoglio se cruzam e se fazem presentes nos ensinamentos e no agir do atual papa.

Palavras-chave: *Evangelii Gaudium*. Igreja Católica. Papa Francisco. Evangelização. Teologia do Povo.

Abstract

This Dissertation seeks to understand the transformations within the Catholic Church with the Papacy of Francis, the first Jesuit and Latin American pope in the millennial history of the Catholic Church. It starts from the premise that Pope Francis, a supporter of the Theology of the People during his pastoral life in Argentina, has taken the theological and pastoral positions of this theology to the government of the Church, through the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium* - EG. Thus, this study aims to critically analyze this Exhortation, written by Pope Francis and published in 2013, seeking to understand the characteristics of this Catholic document, examining the origins of the document and analyzing the impacts of the document, both within the Catholic Church and in society, specifically the Brazilian one. The first chapter presents the characteristics of *Evangelii Gaudium* - EG, the Magisterium of Pope Francis, his theological and pastoral line of thought and the influences of the Latin American locus, especially Argentina, where he was born, grew up and received a Jesuit formation. . It focuses on his trajectory as a priest and Cardinal of Argentina, emphasizing his pastoral experience in the outskirts of Buenos Aires and the social, political and economic context. The second chapter focuses its analysis on the origins of the document *Evangelii Gaudium* - EG, seeking to place it in the Magisterium of Pope Francis, as well as the themes present in the EG that signal influences from documents after the Second Vatican Council, documents after Latin American and Caribbean Conferences. The third chapter analyzes the impacts of the document on the actions of the Catholic Church. Basically, we seek to understand how the Church, in the world and in Brazil, has been impacted over the last ten years by the guidelines presented in E G. This research adopts the methodology of bibliographical research as the main research tool. It can be seen, in the analysis of the document, that the paths proposed by Pope Francis for governing the Church reveal that the personal trajectory and theological positions of the Jesuit Jorge Mario Bergoglio intersect and are present in the teachings and actions of the current pope.

Keywords: *Evangelii Gaudium*. Catholic Church. Pope Francis. Evangelization. Theology of the People.

Sumário

Resumo _____	08
Abstract _____	09
Introdução _____	11
I - A Igreja Católica na perspectiva do Papa Francisco _____	18
1. Magistério da papa Francisco _____	23
2. Visão sobre religião, sociedade e cultura _____	27
3. Igreja com e para o povo _____	33
II - O Concílio Vaticano II como fonte inspiradora do Papa Francisco _____	40
1 . Transformações na igreja e na sociedade _____	40
2. Conferências episcopais latino-americanas _____	48
3. Ciência, fé e diálogo inter-religioso _____	70
III – Impactos eclesiais e sociais do documento do Papa Francisco _____	78
1. Inclusão das pessoas pobres _____	79
2. Diálogo social e a questão da paz _____	94
3. Igreja Católica no Brasil _____	99
Conclusão _____	101
Bibliografia _____	104

Introdução

Esta pesquisa se propõe a analisar a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (doravante EG), escrita pelo Papa Francisco² em 2013, sendo o primeiro documento oficial do seu Magistério³. Ao longo das páginas deste documento, deparamo-nos com temas já amplamente discutidos pela Igreja Católica, cuja abordagem dá “a direção e o norte” do papado de Francisco. Resgata temas como a missão da Igreja no mundo atual, a necessidade de reformas na estrutura da Igreja, aborda a cultura e inculturação no anúncio do Evangelho e a dimensão social da evangelização⁴, que são temas tratados no Concílio Vaticano II⁵ (1962-

² Jorge Mário Bergoglio nasceu na capital argentina, no dia 17 de dezembro de 1936, no seio de uma família católica. Aos 21 anos de idade entrou no seminário de Villa Devoto, em Buenos Aires. No dia 11 de março de 1958 o jovem Bergoglio iniciou seu noviciado, na Companhia de Jesus, em Córdoba, na Argentina. A Companhia de Jesus é a maior congregação masculina da Igreja Católica – 112 nações e seis continentes. Em 12 de março de 1960 Bergoglio fez os seus primeiros votos simples na Companhia de Jesus. Em 1969 Bergoglio conclui sua formação como jesuíta. No dia 13 de dezembro de 1969, aos 33 anos de idade, foi ordenado sacerdote em Buenos Aires. No dia 31 de julho de 1973, elegeu-se provincial da Argentina, cargo que exerceu por seis anos. Em março de 1986, foi estudar na cidade de Frankfurt, na Alemanha. No dia 20 de maio de 1992 o Papa João Paulo II nomeou Bergoglio como bispo auxiliar de Buenos Aires, com 55 anos, sendo sagrado bispo em 27 de junho do mesmo ano na catedral portenha. Foi promovido a arcebispo coadjutor de Buenos Aires no dia 3 de junho de 1997. Com a morte do Cardeal Quarracino, em 28 de fevereiro de 1998, assumiu como arcebispo de Buenos Aires e se converteu no primeiro jesuíta primaz da Argentina.

³ A doutrina católica, desde os tempos apostólicos, nos seus mais de vinte séculos de existência, fundamenta-se em três pilares, igualmente importantes e entrelaçados entre si, a saber: Sagrada Escritura, Sagrada Tradição e Sagrado Magistério. A Sagrada Escritura compreende os textos sagrados (Bíblia), aqueles que foram escritos, selecionados e reconhecidos pelo Magistério da Igreja. A Sagrada Tradição compreende os ensinamentos dos apóstolos e dos primeiros cristãos, aquilo que os discípulos viram e ouviram do próprio Senhor e que permanece sendo contado e ensinado atualmente. O Sagrado Magistério compreende o que os Concílios, o Bispo de Roma em particular, e em comunhão com ele todos os Bispos, definem e ensinam como verdades de fé e moral. A missão do Magistério é guardar e interpretar as verdades da fé. A Exortação *Evangelii Gaudium* – EG é o primeiro documento do Magistério do Papa Francisco, onde apresenta o programa do seu pontificado. Como dissemos, nele está contida a síntese do pensamento de Francisco e suas intenções para a Igreja Católica no seu pontificado.

⁴ Para a Igreja Católica, que se auto intitula a ‘Igreja de Cristo’, a razão da sua existência é a evangelização. O papa Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* - EN, depois do Sínodo sobre a Evangelização, em 1974, afirmava “Evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e direta, de Deus revelado por Jesus Cristo no Espírito Santo (EM 26). Jesus, o ‘Evangelho de Deus’, foi o primeiro e o maior evangelizador (EN 7). E nós cristãos, seguindo os Seus passos, somos convidados a fazer o mesmo: evangelizar! Esta é a sua missão. É isso que Jesus pediu aos apóstolos, quando os enviou a todos os povos e a toda criatura: ‘ide... proclamai o Evangelho’”. Para a Conferência dos Bispos no Brasil – CNBB, essa missão, realizada por toda a comunidade daqueles que Jesus Cristo reuniu, santificou e enviou, tem basicamente quatro aspectos complementares, como recordam as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, da CNBB: O serviço ao próximo em nome de Cristo; o diálogo com todos, para a aproximação respeitosa, a busca da verdade e a promoção da convivência fraterna; o anúncio explícito da Palavra de Deus; o testemunho de comunhão, para manifestar a vida nova do Evangelho.

⁵ O Concílio é a assembleia de todos os bispos do mundo ou de uma representação dos bispos do mundo inteiro que, em comunhão com o Papa, procura esclarecer questões de fé, de moral ou da vida prática da Igreja. O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) é considerado um dos maiores acontecimentos da Igreja no Século XX. Ao todo, foram realizados vinte e um Concílios ecumênicos em toda a história da Igreja. O último, o

1965). Tais temas também foram discutidos na Conferência Geral do Episcopado Latino-americano⁶ de Medellín (1968), convocada pelo Papa Paulo VI para refletir e aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina; na Conferência Episcopal de Puebla (1979), de Santo Domingo (1992) e de Aparecida (2007), *locus* de discussões teológicas e pastorais sobre o “agir da Igreja” nos séculos XX e XXI. O referido documento, objeto do nosso estudo, tem como meta apresentar caminhos para uma evangelização no mundo atual, tendo a “alegria do Evangelho” como marca para todos os fiéis cristãos católicos e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos. (EG, n.3).

O documento EG atualiza a pastoral⁷ da Igreja Católica a partir do contexto atual, conjuga evangelização e questões sociais, ao mesmo tempo em que, como declarou o Cardeal Burke (IVEREIGH, 2015), interliga a pastoral com a promoção humana, a libertação do pobre e a inclusão social. A EG é um “caminho” para todos os continentes, sem exceção. “É uma mensagem clara, direta, simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar”. (EG, 2019, p. 113, n. 194).

Sobre esse documento, que completou dez anos no dia 24 de novembro de 2023, foram escritas dissertações e teses, e publicados livros e diversos artigos. Nele, como em outros

Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, visava guardar o depósito sagrado da doutrina cristã e ensiná-lo de forma mais eficaz ao mundo moderno.

⁶ As Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e Caribenho são reuniões de caráter pastoral que permitem à Igreja Católica presente na América Latina e no Caribe definir suas ações com maior identidade cultural e com maior atenção às necessidades e peculiaridades locais. Convocada pelo Santo Padre, que autoriza o propósito da reunião, aprova o tema, faz a abertura da reunião e a orienta com seu discurso inaugural. É também o Romano Pontífice quem aprova as conclusões do modo que julgar mais adequado. Trata-se de uma prática de deliberação coletiva, onde é reforçada a dimensão da chamada colegialidade apostólica. Até a presente data já se realizaram cinco conferências gerais: I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 1955); II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968); III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Puebla, 1979); IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Santo Domingo, 1992); V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (Aparecida, 2007).

⁷ Ação pastoral da Igreja no Brasil ou simplesmente pastoral é a ação da Igreja Católica no mundo ou o conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão de continuar a ação de Jesus Cristo junto a diferentes grupos e realidades. Os membros das pastorais são denominados “agentes pastorais” ou “agentes de pastoral”. Toda pastoral exige em si mesma um objetivo, uma característica e uma necessidade, de forma que ela é constituída como necessidade primária na evangelização e serviço nas dioceses e nas paróquias. Os agentes de pastorais atuam em diversas áreas e levam apoio, orientações e conforto espiritual para os irmãos brasileiros que frequentam ou não as comunidades. Regularmente participam de cursos e encontros de formação para que possam trabalhar junto às comunidades com plena consciência do que fazem e da correta finalidade do seu trabalho. Vários são os segmentos da sociedade que são recebem atenção especial da Igreja através das pastorais. Algumas pastorais existentes na Igreja do Brasil: Pastoral Afro-Brasileira, Pastoral da AIDS, Pastoral dos Brasileiros no Exterior, Pastoral Carcerária, Pastoral da Comunicação, Pastoral da Criança, Pastoral Familiar, Pastoral do Menor, Setor Pastoral da Mobilidade Humana, Serviço Pastoral do Migrante, Pastoral da Mulher Marginalizada, Pastoral dos Nômades, Pastoral Operária Nacional, Pastoral dos Pescadores, Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral do Povo da Rua, Pastoral dos Refugiados, Pastoral Rodoviária, Pastoral da Saúde, Pastoral da Sobriedade, Pastoral do Turismo, Serviço de Animação Vocacional/Pastoral Vocacional, Apostolado do Mar e Pastoral do Surdo.

documentos do Magistério da Igreja, a evangelização não se desvincula da vida social. A Igreja tem consciência que se encontra inserida numa determinada sociedade, situada historicamente, influenciando-a, mas também sendo por ela atingida. E sim, discute questões da contemporaneidade como a idolatria do dinheiro, a economia, crise ambiental e social (SUNG, 2018). Essa Exortação Apostólica EG tem o espírito dos grandes eventos da Igreja Católica, como já citado, também o do Concílio Vaticano II (1962-1965), que teve no centro dos debates as questões sociais e os pobres explorados em todos os continentes. Ficou marcado o discurso de João XXIII um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II, em sua importante alocução radiofônica de 11 de setembro de 1962: “[...] em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente dos pobres” (BEOZZO, 2015, p. 10).

Desse modo, esta dissertação objetiva analisar criticamente a Exortação Apostólica EG, buscando contribuir com as discussões sobre esse documento. Para tanto, os objetivos específicos são: 1 - compreender as características do documento católico; 2 - examinar as origens do documento; 3 - analisar os impactos do documento, tanto dentro da Igreja Católica, como na sociedade, especificamente a brasileira.

A Exortação Apostólica EG apresenta ao mundo uma Igreja que se renova, capaz de corresponder aos desafios da contemporaneidade (EG, 2019; MIRANDA, 2018). Para o autor da EG, a realidade atual precisa ser analisada em uma perspectiva crítica, por isso aborda temas como questões sociais, políticas, econômicas e de meio ambiente. Parte-se do pressuposto que sua escrita principia de uma teologia latino-americana, a teologia argentina do povo⁸ que, em sua especificidade que lhe dá singularidade, agora se estende ao mundo católico, sendo capaz de fazer uma conexão íntima entre evangelização e promoção humana. Essa conjugação simultânea de pastoral e justiça social sugere à Igreja repensar suas estruturas, autorreferenciada e abrir-se para o novo: “Cada cristão e cada comunidade são chamados a serem instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade” (EG, 2019, p. 109, n. 187). O Papa Francisco, torna-se a repetir, apresenta o seu programa de papado nesta Exortação, interpelando as comunidades da Igreja universal que se esforcem o máximo para avançar no

⁸ Segundo o teólogo jesuíta Juan Carlos Scannone (2019), a "Teologia do Povo" é uma versão argentina da Teologia da Libertação. A particularidade dessa vertente seria a não utilização da metodologia marxista de análise da realidade, o que talvez seja consequência da influência peronismo na sociedade argentina. “O povo de Deus e os povos da terra” são temas centrais na Teologia do Povo. A cultura tem um papel fundamental nesta reflexão, porque é a partir da cultura que se concebe esse povo. Tem muita importância, para a Teologia do Povo, a evangelização da cultura e a inculturação do Evangelho. Pastoral e teologia caminham juntas em uma ideia muito própria da Teologia do Povo. A teologia é elaborada a serviço da cultura. No capítulo 2 iremos aprofundar um pouco mais essa questão.

caminho de uma conversão pastoral “[...] que não pode deixar as coisas como estão [...] não nos serve uma simples administração”. (EG, 2019, 20). É preciso transformar a mentalidade, a linguagem, a estrutura eclesial e a comunicação e ser mais aberta ao mundo contemporâneo.

Uma Encíclica é um documento oficial do Papa, que visa orientar a comunidade católica, cardeais, bispos, padres, acadêmicos, leigos e pastoralistas em questões pastorais. Geralmente este documento pode ser escrito após um sínodo, assembleias episcopais, ou a partir da iniciativa do próprio Papa, onde se discute sobre questões relevantes para a vida da Igreja e, tradicionalmente, o título é em latim. A EG foi escrita dentro de um contexto de rápidas transformações socioculturais e eclesial, mas também de uma profunda crise institucional (MIRANDA, 2018), que se agravou a tal ponto que levou à renúncia histórica do Papa Bento XVI em 11 de fevereiro de 2013, tornando-se o primeiro Papa a renunciar em mais de seiscentos anos. Foi um gesto considerado nobre pelo então Cardeal Jorge Bergoglio, que o chamou de “valente e revolucionário” (PIQUÉ, 2014, p. 10-11).

Segundo Passos (2016), a renúncia de Bento XVI aconteceu perante uma crise pública da imagem da Igreja e do poder central da hierarquia da Cúria Romana (PASSOS, 2016). Foi dentro desse cenário que, pela primeira vez na história, um Conclave⁹ elegeu um Cardeal jesuíta e latino americano, o Cardeal de Buenos Aires, à época, Jorge Mario Bergoglio, no dia 13 de março de 2013. Os cento e quinze cardeais eleitores o designaram como novo Papa e sucessor de Bento XVI após cinco votações e dois dias de Conclave, escolhendo, assim, o 266º Pontífice Romano. Após o resultado, de acordo com os relatos dos participantes, explode aplausos dos membros do Conclave na Capela Sistina e o primeiro a abraçar o Cardeal Primado de Buenos Aires, eleito Papa, é o seu amigo e companheiro de banco, o Cardeal brasileiro Cláudio Humes, franciscano, que, segundo o Papa eleito afirmou em entrevista logo após a eleição, sussurrou em seu ouvido “Não esqueça dos pobres”. Esta foi a inspiração momentânea para a escolha do nome “Francisco”, que seria uma homenagem ao *Fratello e Poverello* de Assis (BOFF, 2013; PIQUÉ, 2013, ALTEMEYER JR, 2013).

Neste trabalho buscam-se as raízes do papado de Francisco e, especificamente do primeiro documento por ele escrito, “nascido das entranhas” de um religioso jesuíta já conhecido por seu amor apaixonado pelos pobres, resultado da prática cotidiana da Teologia do Povo, que como já dissemos, reverbera no documento que será aqui analisado.

⁹ A palavra Conclave procede dos termos latinos 'cum' (com), e 'clavis' (chave) e foi adotada no século XIII quando os cardeais deixaram vacante a sede apostólica durante mais de dois anos, o que levou o governador de Viterbo (Itália) a trancar (com chave) os cardeais até que finalmente elegessem um pontífice - no caso, Gregório X. Atualmente, um Conclave acontece após a morte ou a renúncia de um Papa, na Igreja Católica Apostólica Romana. O Colégio dos Cardeais se reúne no Vaticano para uma votação secreta, e assim escolher o novo líder da Igreja.

Inspirado nas conclusões da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, ocorrida entre os dias sete a vinte e oito de outubro de 2012, convocado por Bento XVI, que teve como tema “Nova Evangelização para a transmissão da fé” (ZEPEDA, 2019, p 135), o Papa Francisco publicou sua primeira Exortação Apostólica em 24 de novembro de 2013. Ela é composta de cinco capítulos e contém duzentos e oitenta e oito (288) parágrafos; o texto é extenso, complexo, denso e comporta diversas interpretações. (MORAES, 2014). Ela pode ser abordada por diversos pontos de vista histórico, pastoral, religiosa, econômico, cultural, ambiental, de gênero e de etnia (JÚNIOR, 2019). Parte-se do pressuposto, nesse trabalho, que se fundamenta nos ensinamentos/documentos resultantes do Concílio Vaticano II e das Conferências latino-americanas; na Teologia do Povo e na própria experiência pastoral vivenciada em Buenos Aires, do então Cardeal Jorge Mario Bergoglio. Segundo Miranda (2018, p.47) a EG é tão vasta que “[...] extrapola seu gênero literário e se apresenta como seu programa de pontificado” para os próximos anos.

De acordo com Moraes (2019), merece atenção a estrutura da EG e a identificação das fontes sobre as quais ela construiu a linha de reflexão (MORAES, 2019). A Exortação Apostólica em questão apresenta em sua introdução os pontos principais como a alegria de evangelizar (EG n. 1-13 e nova proposta de evangelização EG n. 14-18). Francisco foca em sete questões (EG n. 17) e o texto é composto por cinco capítulos: o primeiro intitulado “Transformação missionária da Igreja”, foca sobre a reforma pastoral da Igreja como fim imediato. (CUDA, 2016); propõe que a Igreja precisa deixar de se voltar para si e passar a ser uma Igreja “[...] em saída” (EG n. 20-24). Somente a partir da vivência do Evangelho (EG n. 34-39) é que se alcançam todas as instâncias pastorais: papado, episcopado, clero, as paróquias, as instituições eclesiais, os teólogos (EG n. 25-33). Neste capítulo, a Igreja é apresentada como uma mãe de coração aberto (EG n. 46-49). O segundo capítulo analisa a realidade atual, com uma linguagem profética, que “[...] critica com dureza a teoria do derrame econômico” (CUDA, 2016, p. 247). Analisa os desafios sociais (GALLI, 2019; EG n. 50-75). É composto por duas partes: “Alguns desafios do mundo atual” (EG n. 52- 74) e “Tentações dos agentes de pastorais”. (EG n. 76-109). Na primeira parte são apresentados alguns desafios ao anúncio do Evangelho: o de um sistema econômico de exclusão, o da desigualdade social, o da inculturação da fé, com especial atenção às culturas urbanas emergentes. A segunda parte consiste em uma crítica profética aos vícios que atingem os “agentes pastorais” (EG). O Papa afirma que muitas questões devem ser aprofundadas por todos, porque ele não tem o monopólio da interpretação da realidade (EG n. 16, 51, 184). No terceiro capítulo, intitulado “O anúncio do Evangelho”, como rejeição de um cristianismo

elitista e como reconhecimento dos pobres de sua condição de sujeitos ativos da Igreja, afirma que a pastoral deverá ser realizada por meio da piedade popular (EG n. 122-126), da pregação informal (EG n. 127-129), do diálogo com o mundo acadêmico-científico (EG n. 132-134). O Papa afirma que todo povo de Deus anuncia o Evangelho (GALLI, 2019, p. 80; EG n. 111-134). O Papa é o sujeito evangelizador comunitário (EG n. 111-120) e cada participante da Igreja deve ser chamado a ser um protagonista ativo da missão (EG n. 121). No quarto capítulo, intitulado “A dimensão social da evangelização”, em concordância com a tradição episcopal latino-americana, retoma a opção pelos pobres e denunciam as causas estruturais da pobreza, relacionando-a à primeira parte do terceiro capítulo que aborda os desafios comunitários da dimensão social do *kerigma*. (GALLI, 2019; EG n. 180-181).

O quarto capítulo recolhe contribuição da Igreja latino-americana desenvolvido no documento “Pobreza da Igreja”, de Medellín e no documento de Aparecida, que aborda sobre “O Reino de Deus e da dignidade humana” (DA, 2007, p. 380-430). Percebe-se, explicitamente, neste capítulo, uma preocupação do Papa com questões relativas à justiça e a paz a nível nacional e internacional. Defende o Papa Jesuíta que existe “[...] uma conexão íntima entre **evangelização e promoção humana**, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (E G n. 178 – grifos nossos), chegando a afirmar categoricamente que “[...] já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar as almas para o céu. **Sabemos que Deus deseja a felicidade dos seus filhos também nessa terra**” (EG n. 182 – grifos nossos). Dedicar-se Francisco ao diálogo pela paz e expõe quatro princípios que guiam uma “Cultura do Encontro” para assumir e superar as tensões sociais (EG n. 217-237). O Papa apresenta seu pensamento corroborando com sua experiência argentina (GALLI, 2019, p. 94). O quinto capítulo denominado “Evangelizadores com espírito”, apresenta a mística como alicerce e motivação para o trabalho desafiador dos agentes de pastorais (CUDA, 2016, p. 247; EG n. 262-283). Nesse quinto capítulo, Francisco se apoia na “riqueza da espiritualidade cristã” e lembra que o Magistério da Igreja muito já escreveu sobre temas como a oração, a adoração eucarística e a celebração da fé, afirmando que “[...] já possuímos preciosos textos do magistério e escritos celebres de grandes autores” (EG n. 260). Seu enfoque afirma, que se trata de uma “evangelização com espírito”, em uma “ação evangelizadora mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até ao fim e feita de vida contagiante (EG n.261)” sob a ação do Espírito Santo, que fará a Igreja sair de si e evangelizar todos os povos. Isto porque, sem a espiritualidade a Pastoral será um fracasso e estéril (EG n. 266).

As fontes da Exortação foram várias. Francisco cita os quatro últimos pontífices: João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Ele faz referência a teólogos e professores contemporâneos: o teólogo ítalo-alemão Romano Guardino, Ismael Quiles e Vitor Manuel Fernández. Estes nomes apresentam-se como balizas pastorais da vida do Papa Francisco e, conseqüentemente, desta exortação programática. Reafirmamos que Francisco fundamenta a sua exortação nos documentos finais do Concílio Vaticano II, nas grandes conferências latino-americanas promovidas pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), como Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992), Aparecida (2007). Francisco utiliza documentos de outras Conferências nacionais e internacionais realizadas na África, Ásia, Estados Unidos, França, Oceania, Brasil, Congo, Filipinas, Índia, Oriente Médio. (MORAES, 2014).

A escolha de se estudar a Exortação Apostólica EG justifica-se pela relevância que ela possui para a Igreja Católica, sob o pastoreio do Papa Francisco, e, de forma ampliada, para as igrejas particulares (dioceses)¹⁰ e para os católicos, que estão, como sabe-se, inseridos numa sociedade sócio e culturalmente contextualizada. Este um jesuíta latino-americano cujo sacerdócio e episcopado foram marcados pela influência da Teologia do Povo, que agora também marcam não só essa Exortação Apostólica, mas o próprio papado de Francisco. Compreender mais profundamente suas características, origens e impactos permitirá não apenas enriquecer o conhecimento acadêmico das Ciências da Religião, mas também contribuir para uma avaliação mais abrangente da diversidade cultural e nuances das experiências humanas. Além disso, a investigação sobre a EG pode fornecer informações importantes para áreas como a Antropologia, Sociologia, Ecclesiologia e Estudos Culturais.

Os temas propostos serão analisados com foco na Exortação Apostólica EG, tendo como pano de fundo a trajetória do sacerdote/bispo/cardeal Jorge Bergoglio/Papa Francisco, enquanto jesuíta e teólogo da Teologia do Povo; acrescentem-se as influências sinalizadas no referido documento advindas do Vaticano II (1962-1965), da Conferência de Medellín (1968), de Puebla (1979), de Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), além do contexto sócio histórico no qual a Encíclica foi escrita.

A presente pesquisa adotará a metodologia da pesquisa bibliográfica como principal ferramenta de investigação. Será realizada uma revisão sistemática e crítica dos fundamentos

¹⁰ As igrejas particulares – dioceses - estão em plena comunhão com a Santa Sé/Papa. Em outras palavras, as dioceses são unidades territoriais governadas por um bispo, considerados legítimos sucessores dos Apóstolos. Uma Igreja particular, na teologia e lei canônica, é uma comunidade eclesial em plena comunhão com Roma, uma parte da Igreja Católica vista como um todo. O Código de Direito Canônico refere-se às Igrejas particulares como sendo as unidades “nas quais e das quais existe a uma e única Igreja Católica”. Todas estas igrejas são lideradas por membros do clero, que, em última instância, respondem todos ao Papa.

teóricos citados, utilizando pesquisas e obras acadêmicas. A análise das fontes bibliográficas será guiada por categorias temáticas, permitindo uma compreensão abrangente da evolução, interpretações e impactos da EG na ação evangelizadora da Igreja Católica, sob a perspectiva das Ciências da Religião. Uma vasta referência bibliográfica fornecerá uma base sólida para a construção de argumentos e a contextualização da proposta específica, permitindo uma abordagem abrangente e aprofundada.

A Igreja Católica, instituição religiosa milenar, tem ao longo da história, desempenhado um papel central na espiritualidade de grande número de pessoas, proporcionando orientação moral, rituais religiosos e anunciando a promessa da salvação para os que a ela adere. Decorrente de sua historicidade, sofre mudanças institucionais e doutrinárias, institucionalizadas pela publicação e implementação de documentos/Encíclicas/Exortações, dentre outros documentos oficiais do Magistério da Igreja. Nessa perspectiva, considerando que a Exortação Apostólica EG faz parte do rol de documentos supracitados, o problema central que intentamos responder nessa pesquisa é: o documento analisado atesta a vitalidade e fidelidade da Igreja Católica à sua missão, numa sociedade em permanente transformação, para a qual deve anunciar a salvação, na pessoa de Jesus Cristo? Quais os impactos, a nível social e pastoral, que esse documento provocou, na Igreja e de modo particular, na Igreja do Brasil? Qual deve ser o agir da Igreja impulsionada pela EG?

Este texto está estruturado em três capítulos, a saber: o primeiro capítulo apresenta as características da EG, isto é, apresenta uma visão geral da Exortação Apostólica EG do Magistério do Papa Francisco, a visão do Pontífice, sua linha de pensamento teológico, pastoral e as influências do *locus* latino-americano, especialmente da Argentina, onde ele nasceu, cresceu, teve uma formação jesuíta, seu sacerdócio e, como Cardeal da Argentina, sua experiência pastoral nas periferias de Buenos Aires e seu contexto social, político e econômico. Este “repertório teológico pastoral e cultural” foi levado ao Vaticano com o Papado de Francisco e, através da EG, para a Igreja Universal. Esta deve evangelizar com o povo e para o povo, em uma relação harmônica e de aprendizado constante, tanto do povo quanto dos agentes de pastorais e, por fim, as implicações do ponto vista religiosa, social e cultural.

No segundo capítulo são apresentadas as origens do documento, através da análise da EG, buscando situá-lo no Magistério do Papa Francisco, bem como da análise dos temas presentes na EG que sinalizam influências dos documentos pós Concílio Vaticano II, dos documentos pós Conferências Latino-Americanas e Caribenhas. Além disso, busca-se, como

não poderia deixar de ser, demonstrar como a própria experiência pastoral do agora papa Francisco na América Latina, reverbera na Exortação Apostólica EG.

O terceiro capítulo busca analisar os impactos do documento tanto dentro da Igreja Católica, como na sociedade, especificamente a brasileira. Basicamente busca-se perceber como a Igreja, no mundo e no Brasil, foi impactada ao longo dos últimos dez anos pelas diretrizes apresentadas na EG. Este capítulo discute como o Papa aponta, a partir do documento, os meios para o trabalho pastoral da Igreja, mostrando como a inserção da Igreja no mundo pode colaborar com a transformação da sociedade, por meio de uma pastoral com a participação de todos os seguimentos sociais.

Ao chegar ao final deste texto dissertativo espera-se que este sirva de base teórica para outros textos, desta vez, ampliados porque a Exortação Apostólica EG escrita pelo Papa Francisco, devido sua preciosidade e complexidade carece que outros olhares o revisitem em nome de uma Igreja que seja “pobre e para os pobres”.

I - A Igreja Católica na perspectiva do Papa Francisco

A religião faz parte da existência de um povo. Na história, não se tem notícia que alguma cultura não tenha produzido uma religião e o que torna mais enigmático é que mesmo que o ser humano não consiga entender suas origens ou, talvez, não entender o homem não consegue desvencilhar o seu fascínio do sobrenatural (ALVES, 2007). Esse autor afirma que a religião é tão vital na existência humana que, segundo Augusto Comte, nas três fases do desenvolvimento humano, a mais primitiva de todas seria a religiosa. Feuerbach (1997, p. 07), na sua obra *A Essência do Cristianismo*, afirma que “a religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor”. Esse autor defende que a essência vital do homem é Deus, essa consciência do infinito que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita, um ser finito não tem a mínima ideia de ser finito, porque limitação do ser é também limitação da consciência: “A consciência é essencialmente universal, infinita. Portanto o homem na sua essência é infinito” (FEUERBACH, 1997, p. 44).

Rudolf Otto (2017), no seu livro intitulado *O Sagrado*, afirma que o sagrado não se explica sem uma experiência que antecede, é uma experiência irracional, terrível *mysterium tremendum*. As instituições racionalizam, tentando dá uma resposta ao inexplicável, ao imperceptível, ao impronunciável que é o mistério insondável. Na instituição, o irracional se torna racional, o mistério é domado e o homem esconde de si o *tremendum* da experiência. A instituição, dessa forma, longe está de ser uma expressão da experiência religiosa, mas torna-se uma repressão da mesma na instituição, a memória da experiência sagrada é sepultada no esquecimento. Segundo Otto, “conceitualmente, mistério designa nada mais que o oculto, ou seja, o não-evidente, não-apreendido, não entendido, não-cotidiano nem familiar, sem designá-lo mais precisamente segundo seu atributo” (OTTO, 2017, p. 45).

Para Alves (2007), as formas institucionalizadas de religião são meios de racionalização de uma experiência. Elas são tentativas, insistentes e cansativas para, de uma forma ou de outra, adivinhar o significado do enigma vivido pelo ser humano que nem ele explicaria o inefável do qual fez a experiência. As instituições são a fonte de onde surge não a religião, mas a racionalização da religião, que frequentemente termina por construir teorias pesadas de uma estrutura e um entrelaçamento ou um emaranhado tão plausível de interpretação ou hermenêutica, que o mistério é completamente excluído.

As Ciências da Religião consideram que os fenômenos religiosos – e a institucionalização destes – ocupam um papel importante nas relações humanas e sociais e, busca a compreensão do papel e efeitos de as religiões, em suas múltiplas dimensões, que provocam na economia, na política e na sociedade. É com o olhar de cientista da religião que a análise da EG foi realizada.

A Exortação Apostólica EG (2013), escrita pelo Papa Francisco, é o primeiro documento oficial do seu Magistério. Neste capítulo, o objetivo consiste em analisar este documento como um todo, buscando entender o *modus operandi* de governo do novo Papa suas influências teológicas e como percebe e direciona a Igreja nos anos posteriores à publicação.

Sabe-se, que, o Cardeal da Bolonha, Lacario, propôs que o tema do Concílio Vaticano II deveria incidir sobre os pobres. Esta temática sempre foi alvo de discussões e escritos da Igreja (MEDELIIN, 1968; PUEBLA, 1979; SANTO DOMINGO, 1992; APARECIDA, 2007). O Documento de Aparecida teve como Presidente da Redação Mario Jorge Bergoglio, que era o então Cardeal de Buenos Aires. Foi em Medellín que nasceu a Teologia Latino-Americana e, especificamente, a “[...] Teologia do Povo, que influenciou o pastoreio do jesuíta Jorge Mario Bergoglio, futuro Papa Francisco” (SACNNONE, 2019, p. 22). É dentro desse espírito que o Papa Francisco escreve a Encíclica, universalizando-a para a Igreja no mundo: “Essa é a tradição na qual se insere os conteúdos da Exortação que, agora, universaliza a experiência eclesial de Bergoglio na América Latina” (PASSOS, 2014, p. 12). O texto em questão é dirigido a toda a Igreja, em uma perspectiva pastoral, social, ambiental, interligada e interconectada, que contempla a promoção humana em todas as dimensões, espirituais, sociais, política, econômica e ambiental. Neste texto tudo está interconectado e acrescenta:

Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com seus valores e fragilidades. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos. Embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política, a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. (E G, 2019, p. 107, nº. 183).

A Exortação Apostólica apela aos pastores, defensores dos direitos humanos e aos cristãos que se comprometam com a causa dos mais vulneráveis, pois ninguém deve se eximir

ou ficar de fora de participar da transformação da sociedade e defender a casa comum, o Planeta Terra. O esforço social une todas as Igrejas e Comunidades Eclesiais, cristãos e não cristãos (EG n.183). Entende-se que todos devem se comprometer com os pobres do mundo e defender o Planeta Terra, casa comum de toda a população terrestre. Essa é a proposta da Exortação Apostólica EG à Igreja Universal (EG n. 190). Esse documento está centrado em uma reforma pastoral – numa perspectiva sociológica, antropológica, política e econômica, que seja capaz de se articular com os diversos seguimentos da sociedade diante dos inúmeros desafios existentes na sociedade atual, analisando a realidade social e histórica e critica uma “economia que mata” (EG n. 53). Além da reforma das estruturas da Igreja o documento propõe uma reforma financeira que tenha a ética como norteadora do sistema econômico mundial, apelando para uma mudança de atitude dos políticos (EG n. 58).

A Exortação reconhece os pobres na sua condição de ativos na Igreja. Ela segue a tradição do episcopado latino-americano, retoma a opção pelos pobres, denuncia as causas estruturais da pobreza e promove uma mística que dá suporte a um trabalho árduo e desafiador em prol dos mais necessitados (CUDA, 2016). O documento propõe a necessidade de se criar uma mentalidade capaz de pensar em termos comunitários e priorizar a vida, que é um bem maior (EG, 2019, p. 110, n. 188). Diante desta realidade,

[...] exige uma permanente atitude crítica capaz de superar o comodismo, remover as velhas estruturas e ter um olhar capaz de propor e realizar novas reformas com um espírito flexível e determinado para corresponder a nova época e transformar aquilo que não corresponde mais com a realidade. (FREIRE,1979, p. 44).

A opção pelos pobres é um tema discutido desde o Concílio Vaticano II, passando pelas Conferências anteriormente citadas neste texto e, com o Papa Francisco toma novo vigor. O Papa Francisco nesta citação na EG refere-se aos Bispos do Brasil:

Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. [...] escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. (EG, nº. 191).

De acordo com o teólogo argentino e ex-professor de Mario Jorge Bergoglio, Scannone (2019) esse documento recepciona as Conferências citadas, atualizando-as em uma perspectiva contemporânea. “Nesse documento o Papa reconhece, que, para a Igreja, a opção pelos pobres é uma categoria teológica antes de ser uma categoria cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG, 2019, p. 115, n. 198) e “[...] são um *lugar teológico* ao qual devemos prestar atenção, em particular no momento de pensar a nova evangelização” (EG, 2019, p. 76, 126), dos pobres quanto dos não pobres, pois todos pertencem a mesma “casa comum”, a Terra. A EG contempla uma variedade de hermenêutica, pois parte de pressupostos atuais que faz parte da vida do ser humano como a questão pastoral, social, histórica, antropológica, teológica, filosófica, política.

1. Magistério do Papa Francisco

A Exortação Apostólica EG é de suma importância, pois extrapola o gênero literário e se apresenta como um programa de governo do pontificado do Papa Francisco (EG, 2019) para os próximos anos (EG, 2019). Ela demonstra com objetividade o pensamento do Papa Francisco, porém sua temática é ampla e complexa. Por esse motivo abordar-se-á a visão geral do Pontífice a partir do contexto da Igreja e da sociedade. A vastidão desta Exortação salta aos olhos do acadêmico, do teólogo, do antropólogo, do agente de pastoral, pois se trata de um estudo interdisciplinar, desafiador e fascinante (MIRANDA, 2018) para dialogar com o mundo globalizado e responder aos desafios da Igreja e da sociedade, como aconteceu com o Concílio Vaticano II, Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), Aparecida (2007).

No documento em estudo, o Papa Francisco atualiza, a partir do espírito da contemporaneidade, do conhecimento e da sua experiência adquirida em seu pastoreio no continente latino-americano e escreve para o mundo, em um contexto global, na perspectiva eclesial, social e cultural.

A Exortação discute os fenômenos eclesial, social e cultural na nova conjuntura mundial e busca atualizar sua pastoral para auxiliar a encontrar caminhos diante dos críticos problemas sociais que assolam a vida das pessoas que habitam no Planeta Terra e em suas mais ricas e variadas culturas. A perspectiva da Exortação Apostólica é de que a “[...] Teologia precisa ser um saber que busque entrar no debate das questões atuais [...] em falar no grande desafio de diálogo com a ciência moderna, que também exigirá mudanças de

perspectivas”. (CARIAS, 2016, p. 110). Este diálogo desafiador com o mundo moderno não se faz sem uma análise crítica de todos os aspectos que envolvem o atual aspecto cultural.

Segundo a Exortação Apostólica EG n. 218, cada povo tem o seu modo próprio de viver com sua realidade social, política e econômica, mas também é protagonista da sua história:

As reivindicações sociais, que tem a ver com a distribuição da renda, a inclusão social dos pobres e os direitos humanos não podem ser sufocados com o pretexto de construir um consenso de escritório ou paz efêmera para uma minoria feliz. A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão acima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar seus privilégios.

O texto ora em questão, chama atenção da/o leitora/or e pesquisadora/or para o fato de que o Pontífice articula o divino e o humano, a Igreja e o mundo, em uma dimensão social da Evangelização que implica em uma abordagem social e comunitária, tendo como centro da discussão o lugar dos pobres na Evangelização. Para Tillich (2011, p. 690), “o sagrado e o social estão interligados de tal forma que é o sagrado que dar forma ao secular”. A crítica aos sistemas de poder ocupa um lugar central no capítulo IV da Exortação Apostólica. A proposta presente na EG está em concordância com os documentos resultantes do Concílio Vaticano II e das Conferências de tradição episcopal latino-americana, Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

A Exortação Apostólica EG, apresenta uma proposta desafiadora sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual com seus inúmeros desafios (EG n.16). Este texto é composto por cinco capítulos, os temas estão relacionados com o mundo atual e sem pretensões de ser texto definitivo e completa, os diferentes temas abordados têm como finalidade analisar a complexidade do fenômeno religioso e social no mundo atual:

A ‘alegria do Evangelho’ é uma conquista, um aprendizado em meio à dor, aos gritos, sofrimento e tristeza, ela atravessa a dor e a cruz na esperança da libertação. Ela procura realinhar com o Evangelho, com os escritos do Concílio Vaticano II, Medellín, Puebla, Aparecida e depois atualiza para a Igreja universal. (SUESS, 2017, p. 13).

A leitura da EG aborda a “alegria do Evangelho”, pois o mundo atual exige a transformação de uma Igreja institucionalmente sedentária, prisioneira de uma tradição

desfigurada e enrijecida no decorrer da história. Esta abertura à realidade permite que se acolha o ser humano independente de aparência, credo e nacionalidade, pois cada um é,

[...] imensamente sagrado e merece o nosso afeto e a nossa dedicação. Por isso, se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida [...]; E ganhamos plenitude quando derrubamos os muros e o coração se enche de rostos e de nomes! (EG, n. 274).

O Papa Francisco afirma que não é uma tarefa fácil demolir paredes de séculos passados e corre o risco de se ficar apenas nas críticas e questionamentos. O que foi visto, vivido e experimentada nas periferias de Buenos Aires, enquanto Cardeal, o agora Papa Francisco propõe uma revisão para a Igreja universal, tendo os seguintes imperativos:

Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário' (EG n. 80); Não deixemos que nos roubem a esperança' (EG n. 86); Não deixemos que nos roubem o Evangelho. (EG n. 97); Não deixemos que nos roubem a força missionária. (EG n. 109).

Em seu pronunciamento aos colegas no Conclave, antes da sua eleição, o então Cardeal de Buenos Aires, Mario Jorgio Bergoglio antecipou o conteúdo da Exortação Apostólica EG, ao propor ao próximo Papa quatro exigências, conforme relata Suess (2017, p. 18):

[...] a primeira exigência diz respeito ao ato de evangelizar, que 'pressupõe saída de si mesmo e ir às periferias geográficas e existenciais. Essas periferias têm nomes bastante concretos: são periferias da dor, das injustiças sociais, da ignorância e da miséria'. O segundo ponto, relaciona-se ao fato que o próximo Papa deveria 'sair de si mesmo e romper com a autorreferencialidade, um certo narcisismo teológico e deixar de ser carcereiro desse Jesus, que predemos nas instituições ultrapassadas das nossas organizações religiosas'. A terceira exigência é a necessidade da escolha entre dois modelos de Igreja; 'a Igreja que evangeliza e sai de si até os confins do mundo e outra mundana que vive para si, de si e para si com títulos de competições 'para dar-se glória uns aos outros'. Para que haja mudanças na Igreja, tem que se escolher entre esses dois modelos'. A quarta exigência para o próximo Papa é que este deverá ser 'um homem que a partir da contemplação de Jesus Cristo [...] ajude a Igreja a sair de si para as periferias geográficas e existenciais, que a ajude a ser mãe fecunda que vive da suave e confortadora a alegria de Evangelizar'.

A EG se apresenta como um movimento de saída, que aponta desafios atuais e para o futuro, propondo conversão, abertura, encontro, diálogo e inculturação. O Papa propõe uma alegria que possa dar vigor a uma Igreja autorreferenciada e a uma sociedade melancólica e

desencantada (CUDA, 2016). Francisco propõe reforma e analisa a realidade atual, apelando para o reconhecimento dos pobres e de sua condição de sujeitos ativos da Igreja; por isto, está em consonância com a tradição do episcopado latino-americano, retoma a opção preferencial pelos pobres e no último capítulo propõe uma mística motivadora que dá sustentabilidade para trabalhar e superar a fadiga, a incompreensão e não desanimar. Para o antropólogo brasileiro, Darcy Ribeiro, cabe aos povos assumir seu lugar como povos e nações exigir para si dignidade e justiça, cita o filósofo mexicano Zea (2005, p. 467), que afirma, “como um homem, exigindo para si mesmo o que o colonizador exigiu para ele, considerando-se como homem. Não mais, nem tampouco menos” (RIBEIRO, 2017). Logo, é uma tarefa árdua, desafiadora e cheia de surpresas. (SUESS, 2017).

Em seu estilo claro, provocador, inspirador e interiormente livre,

[...] o Papa Francisco em sua primeira Exortação Apostólica apresenta quatro pontos que estão na tradição da Igreja: a) o protagonismo dos pobres e uma Igreja para os pobres; b) a riqueza da colegialidade e a valorização da pluralidade, a clareza da Exortação Apostólica pelas citações das conferências episcopais; c) o diálogo inter-religioso e intercultural; d) a crítica a uma ‘economia que mata’. No capítulo quatro da *Evangelii Gaudium* nos números 215 e 216, o Papa faz um apelo na defesa dos seres mais frágeis e indefesos da criação, incluindo os humanos e não humanos, subjugados pelos interesses econômicos e o uso indiscriminado dos mesmos. O Papa lembra que o ser humano não é mero beneficiário, mas guardião das demais criaturas. (SIQUEIRA, 2014, p. 24).

Segundo Amado (2014), a Exortação Apostólica deve ser analisada dentro de um contexto de duas relações: primeira, entre a Exortação e o Pontificado que o Papa Francisco pretende exercer e a segunda entre o Pontificado do Papa Francisco e o momento atual da Igreja, o que Passos (2016, p. 42) denominou “crise globalizada”. Essa dupla relação parece ser o caminho mais adequado para se compreender que a EG não é apenas mais um documento deste pontificado, mas uma Constituição que norteia o papado de Francisco nos próximos anos em meios a tantos desafios contemporâneos mundiais (AMADO, 2014). O texto permite vários tipos de hermenêuticas, dependendo, apenas, da visão do pesquisador. Exemplo: alguns entendem que a raiz do documento está no nº 2, que se refere ao consumismo, individualismo e às consequências das leis frias do mercado; outros apontam para o nº 49, no qual o autor deixa claro que sua opção é de uma “Igreja acidentada e ferida, enlameada por ter saído pelas estradas”, em lugar de “uma Igreja doente por estar fechada na comodidade e se agarrar às próprias segurança”. Ou seja, uma Igreja missionária. Por fim, há

quem destaca o nº 27, que trata da reforma das estruturas eclesiais a fim de facilitar a missionariedade (AMADO, 2014, p. 29). Segundo Nogueira, “o ser humano está envolvido na tarefa interpretativa continuamente. E faz com pressuposições. Não há ponto de partida puro. Para se compreender, precisa interpretar a si mesmo também nos sedimentos da história” (NOGUEIRA, 2012, p. 32). Nogueira cita Wilhelm Dilthey que afirma que “a compreensão apreende as relações e significações que envolvem a vivência do interprete” (NOGUEIRA, 2012, p. 33).

Nesta Dissertação, defende-se que não se pode identificar um núcleo do documento separando o autor da Exortação de sua vida jesuítica e acadêmica da realidade latino-americano, bem como, da história, do passado, das Conferências realizadas na América Latina e do mundo atual.

2. Visão sobre religião, sociedade e cultura

Desde que foi eleito Papa em 13 de março de 2013, o Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio escolheu chamar-se Francisco em referência à mística da pobreza praticada pelo Santo Francisco de Assis (1182) em plena Idade Média. Desde então, o Papa Francisco tem atuado em diversas áreas, tendo se confrontado com a alta cúpula hierárquica da Igreja Católica (GUIMARÃES *apud* ALVES, 2022).

Francisco, com suas ideias e ações tem provocado reações em diversos setores da sociedade por causa de suas ideias em defesa da vida que se contrapõem ao poder hegemônico do mundo contemporâneo no que se refere ao meio ambiente, educação, posicionamento geopolíticos, migração e desigualdades. Conforme citado, temas atuais tornaram-se objetos de discussão do Papa Francisco. Logo, cita as questões sociais, em sentido amplo, mas também aponta para mudanças internas na Igreja. Girard (2014, p. 59) afirma que “o transgressor se transforma em restaurador e até em fundador da ordem que ele de algum modo havia antecipadamente transgredido”.

Francisco está atento aos problemas do presente século, pois suas raízes de pensamento estão nas decisões do Concílio Vaticano II e em Conferências Latino-Americanas. Segundo Costa (2021, p. 122), historiador, após o Concílio Arrupe, geral dos jesuítas, realizou um encontro no Rio de Janeiro com todos os setores da Ordem dos Jesuítas, no qual se comprometeram a atualizar o Concílio na América Latina e em todos os continentes, onde os jesuítas exercem seus trabalhos: “desejamos que todos os nossos

esforços confluam para a construção de uma sociedade na qual o povo seja integrado com todos os seus direitos de igualdade e liberdade”.

Ao se referir ao diálogo inter-religioso, Francisco retoma João XXIII com simplicidade, quando afirma: “São tantas e valiosas as coisas que nos unem”! (EG 244). E continua: “A Igreja, que partilha com o Judaísmo uma parte importante das Escrituras Sagradas, considera o povo da aliança e sua fé uma raiz sagrada da própria identidade cristã” (EG n. 247). O Papa em sua Exortação propõe diálogo e amizade: “[...] diálogo e a amizade com os filhos de Israel fazem parte da vida dos discípulos de Jesus” (EG n. 248). Francisco expressa afeto pelo judaísmo e lamenta “[...] as perseguições de que foram e são objeto”, principalmente quando envolveram, ou envolvem cristãos”. (EG n. 248).

Deste modo, o Papa Francisco “[...] propõe uma Igreja Ecumênica, inter-religiosa e se propõe a dialogar fraternalmente com os líderes religiosos do mundo inteiro” (SOUZA, 2022, p. 57). Desde sua eleição, Francisco visitou a Turquia em 2014, que tem uma população de maioria muçumana; a Albânia, também com uma população de maioria muçumana; a Coreia do Sul, em 2014, cuja maior religião é a Budista, com um quarto da população; a Jordânia, também com maioria muçumana; Israel, de maioria judaica e a Palestina, de maioria muçumana e continua em seu Pontificado com viagens ecumênicas. Esta lista é, somente, para demonstrar a importância que o diálogo inter-religioso tem em seu Pontificado e está claro no texto ora em questão. Ir ao encontro, visitar, dialogar em países de tradição religiosa diversa da sua e com religiões mais antigas do que o Cristianismo como o Budismo e o Judaísmo fazem parte da cultura do encontro e do diálogo inter-religioso muito bem explicitado e motivado na EG. Isto porque, o objetivo de Francisco não tem sido ressaltar a diferença religiosa, mas buscar apoio, engajamento e ação conjunta em prol do bem comum entre os seres humanos e dos problemas que os desumanizam. É o que o Papa Francisco denomina “cultura do encontro” (EG n. 49). Souza (2022, p. 59) ressalta:

O Papa Francisco enfrenta e se contrapõe a uma onda obscurantista que utilizando de pseudodiscursos religiosos clama por uma ‘re Cristianização’ do Ocidente, impondo uma homogeneização violenta, excludente, geradora de morte.

Sung (2018), em a introdução do seu livro intitulado *Idolatria do dinheiro e direitos humanos*, narra a visita do Papa à Coreia do Sul, em 2014. Relata que estava em seu país natal para uma série de Conferências em vista do lançamento do livro de sua autoria *Desejo, mercado e religião* (2014) escrito em coreano. Segundo o autor em questão, esse país não é

cristão, metade de sua população, ou não acredita em Deus, ou não professa nenhuma religião: “Os cristãos são 19% da população, havendo uma clara divisão entre protestantes e católicos. O budismo é a segunda maior religião do país” (SUNG, 2018, p. 5). Nesse país, dois meses antes de suas Conferências, o Papa Francisco tinha visitado a Coréia do Sul. Afirma Sung que o mais importante para a população coreana é o sucesso financeiro, até mesmo no interior das religiões e Igrejas. Ao ser entrevistado pelos jornalistas e autores dos artigos que leu a respeito da visita do Papa, afirma Sung que o que mais chamou sua atenção foram os discursos e os gestos do Papa Francisco ao falar de uma Igreja que deve ser pobre e para os pobres em um país em que o mais importante é o sucesso político, econômico, social e religioso. Em suas palavras, insiste: “[...] que a Igreja deve ser uma Igreja pobre e para os pobres, e o que pode ser sintetizado como a crítica à idolatria do dinheiro que estamos vendo com a globalização econômica de corte neoliberal” (SUNG, 2018, p. 06). A cultura dominante invade também o campo religioso, as religiões e Igrejas ostentam riquezas por meio de construções de templos suntuosos e vistosos. Neste caso específico, o Papa Francisco foi à contramão através de seus gestos cotidianos, como sua opção em utilizar um carro simples para se locomover, morar na Casa Santa Maria, ao invés dos aposentos papais; quebra protocolos para cumprimentar pessoas simples e sofredoras, chamou atenção das autoridades eclesíásticas para viverem na simplicidade e mais pobre (SUNG, 2018).

Segundo Scannone (2019), esta visão e atitudes do Papa Francisco é anterior ao seu papado e faz parte da sua formação interna com e como os jesuítas. Na esfera acadêmica, foi Reitor do Colégio Maximo na Argentina; como Cardeal na Argentina e na vida concreta nas periferias de Buenos Aires, fazendo pastoral com os pobres. O pensamento e a visão de Francisco têm influência da realidade do seu tempo, sua vivência na ditadura militar argentina, da renovação da Congregação Inaciana, do Concílio Vaticano II, das Conferências Latino-americanas, dos seus Mestres da Faculdade, autores europeus, como o francês Gaston Fessrd, Alberto Methol Ferré e outros (BORGHESI, 2018).

A EG é resultado do que Francisco assimilou durante anos em a Companhia de Jesus, depois com todos os eventos já citados, a realidade da América Latina e ele expressou seu pensamento em sua intervenção no Conclave, antes da sua eleição: “[...] evangelizar supõe na Igreja a coragem de sair de si mesma para ir às periferias, não só geográficas, mas existenciais. Ao encontro dos pobres e daqueles que sofrem todo tipo de injustiças, conflitos e carências”. (LIMA, 2014, p. 245). E falou que o próximo Papa deveria ser um homem de contemplação que ajudasse a Igreja a sair de si mesma e anunciasse o Evangelho com alegria.

Essa intervenção do então Cardeal Bergoglio se impôs e está presente em todo o texto da Exortação Apostólica EG e, conseqüentemente, em seu Pontificado.

Ao analisar o mundo globalizado a Exortação Apostólica constata que o ser humano não é o fator principal nos processos socioeconômico, mesmo com o progresso em várias áreas da ciência: “[...] a maior parte dos homens e mulheres do seu tempo vive o seu dia a dia precariamente, é importante lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade”. (EG, n. 52). O documento reconhece a dura realidade do mundo atual e acrescenta que é um “mal cristalizado nas estruturas sociais” e que torna o sistema social e econômico em que se vive “injusto na sua raiz” (EG n. 59). E acrescenta: “Na Exortação vê-se que na origem da crise financeira há uma crise antropológica, a negação da primazia do ser humano” (EG. 55), ou seja, a redução do ser humano a apenas a uma das suas necessidades, o consumo. A Exortação apela para outra antropologia e tratar o ser humano concreto, que caminha na história com os demais, pois “[...] a realidade é mais importante do que a ideia” (EG n. 231). O Documento mostra o quanto o ser humano está desvalorizado e excluído e o Papa aborda a realidade econômica e social com um olhar crítico. Segundo o Pontífice o ser humano vive uma economia da desigualdade e exclusão (EG n. 53). Nesse sentido Ruben Alves (2006, p. 106), cita o filósofo austríaco, Wittgenstein que afirma: “o mundo dos felizes é diferente do mundo dos infelizes”.

Francisco parte da realidade latino-americana com sua riqueza cultural desde quando os europeus chegaram às Américas, além da mestiçagem cultural, vindo também a dimensão religiosa (SCANNONE, 2019). Cultura e inculturação são categorias que emergem da América Latina que foi consequência do Concílio Vaticano II, que se desenvolveram na região e chegou a Roma com o Papa Francisco (CUDA, 2016). Para Francisco a Igreja deve assumir a figura de um povo inculturado e pluricultural em as diversas nações. A Igreja deve ter um rosto pluriforme e assumir os rostos das culturas e isto é o que apresenta a EG para as diversas culturas do mundo. Para Tillich (2011, p. 690-691) a religião,

É a substância da cultura e a cultura é a forma da religião [...]. A religião não consegue se expressar sequer num silêncio significativo sem a cultura, pois todas as formas de expressão significativas provêm da cultura. E devemos reiterar que a cultura perde sua profundidade e inexauribilidade sem a ultimidade do incondicional.

Nesse contexto, surge um problema teológico e pastoral. O conceito de Teologia é universal (LIBÂNIO, 2014). Como conceituá-la, adaptá-la e contribuir em transformação social e eclesial em regiões tão diferentes desse Planeta Terra? Diante da desigualdade que assola o mundo inteiro, quais as contribuições que a EG apresenta do ponto de vista pastoral e social a fim de promover a justiça social por meio de uma Igreja defensora da promoção humana diante da diversidade de interpretações e contextos diferentes associados à EG? Buscou-se compreender de que maneira esse documento influencia a construção da identidade cultural e como suas variações ao longo do tempo e entre diferentes comunidades podem ser interpretadas à luz das complexidades culturais e sociais.

Segundo a teologia do povo, precisa-se levar em consideração sua sabedoria popular que se exprime através de símbolos religiosos, poéticos e políticos de cada povo em suas canções, provérbios, seus relatos mitos, sagas e lendas populares; em suas maneiras históricas de agir, seja em o plano político, ético-cultural (por exemplo, seus costumes, normas, maneiras de viver em conjunto) e religioso (ritos, devoções). Segundo Nogueira (2012, p. 16) “as expressões da religião são muitas e falam muitas linguagens, algumas, inclusive, às margens, com um pé na religião e outro na arte. Esta complexidade de formas de expressão faz com que percamos o controle científico”. Para a concepção da teologia argentina, a sabedoria transcende todas as expressões nas quais se condensa a memória histórica, a experiência da vida e do sentido do existir, as aspirações e esperança de um povo. Isso é universal para os humanos e originalmente próprio de um povo. Todas as formas têm dinamismo e dinâmicas que as transcendem e não cessa de transformá-las, em fidelidade a uma mesma vida e história (SCANNONE, 2019). Prossegue Scannone (2019, p. 110):

O sujeito da sabedoria popular é um sujeito comunitário, o povo. E povo significa uma comunidade orgânica que inclui diferentes tarefas e funções distintas, a partir de vários carismas, pois se trata de uma comunidade, é um serviço comunitário, sem privilégios e nem exclusão. Todos os membros da comunidade participam ativamente, sem que a especificidade de cada um desapareça.

É preciso que o teólogo, ou o agente de pastoral estejam em harmonia com a fé do povo, com sua cultura, sua religiosidade popular e o sentido sapiencial, a fim de que o seu trabalho teológico e pastoral seja feito a partir da comunidade eclesial inculturada, onde os pobres, os humildes encarnaram sua fé na cultura popular que faz parte da alma do povo; sem a conversão pastoral não há evangelização e a relação agente de pastoral e o povo devem estar em sintonia, caso contrário, será um fracasso, pois, no trabalho pastoral deve haver

participação e comunhão para que a missão seja frutuosa (SCANNONE, 2019). Segundo Tillich (2011, p. 689),

O Espírito pode se manifestar (e frequentemente se manifestou) nestes grupos, por exemplo, ao despertar sua consciência social, ou ao conferir ao ser humano uma autocompreensão mais profunda, ou ao romper as amarras de superstições eclesiasticamente fomentadas.

O Papa Francisco dá importância à inculturação em sua Exortação Apostólica EG e esses temas já constituía uma preocupação pastoral importante para ele desde que era Reitor das Faculdades de Filosofia e de Teologia de São Miguel, quando organizou um Congresso com esse tema na América Latina (1985), convidando para conferências, teólogos de todo continente, Bispos latino-americanos e um público interessado (SCANNONE, 2019).

A inculturação é um dos principais conceitos que inspiram não só a EG, mas todo o pensamento teológico pastoral do Papa Francisco:

Podemos pensar que os diferentes povos, nos quais foi inculturado o Evangelho, são sujeitos coletivos ativos, agentes da evangelização. Assim é, porque cada povo é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história. A cultura é algo dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar face aos próprios desafios. O ser humano é “simultaneamente filho e pai da cultura da cultura onde está inserido”. Quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como culturação. (EG n. 122).

A EG apresenta uma Igreja alinhada com a Antropologia Cultural em qualquer continente, como a inculturação da Liturgia na África, uma teologia inculturada na Índia, ou uma Teologia indiana no continente Latino-Americano. Quando Francisco se refere, na EG de “rosto multiforme” da Igreja e da “harmonia multiforme” em a comunhão das diferenças, da imagem do poliedro ele faz uma alusão à dimensão intercultural na Igreja com uma face diferente: a inculturação e a imagem do poliedro fazem parte da pluralidade dos povos, aplicando-se, também, a realidade pluricultural no interior de um mesmo povo em sua unidade plural (SCANNONE, 2019). Acrescente-se Cuda (2016, p. 152):

Pueblo-cultura es, para Gera, un estilo de vivir cada día, ante la amenaza de la muerte y en la resistencia por la vida; sin embargo, la libertad en el hombre posibilita la decisión por otro destino que rompa esa tendencia necesaria a la muerte. Entonces, cabe preguntarse qué papel representa la historia en la cultura vista desde la Teología del Pueblo, sobre todo si cultura es el Pueblo como sujeto que juzga.

A EG é um texto que valoriza as decisões de continentes e países dos diversos episcopados do mundo, citando-os pelo nome algo, até então, nunca visto em a história da Igreja, e faz ecoar vozes dos Bispos do mundo inteiro (GONZAGA, 2014). Basta olhar as diversas situações na Exortação e as referências feitas pelo Papa Francisco aos Bispos latino-americanos. (EG n. 15; n. 124), aos Bispos da Ásia (EG n. 62), aos Bispos dos Estados Unidos da América (EG n. 64), aos Bispos franceses (EG n. 66), aos Bispos da Oceania (EG n. 118), aos Bispos do Brasil (EG n. 191), aos Bispos das Filipinas (EG n. 125), aos Bispos da República Democrática do Congo (EG n. 230) e aos Bispos da Índia (EG n. 250; GONZAGA, 2014, p. 75-76).

A EG abrange vários temas, mas o principal é a evangelização inculturada abrangendo a multiplicidades das diversas culturas nos continentes e países citados. Essa evangelização deve ser feita com alegria, não como agentes de pastorais que parecem ter escolhido “viver uma quaresma sem Páscoa” (EG n. 6), ou, ainda, vivendo com “cara de funeral” (EG n. 10) a partir de “uma psicologia do túmulo” (EG n. 83) ou “lamurientos e mal-humorados” (EG n. 85), mas a partir da “alegria do Evangelho” que “enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontra com Jesus” (EG n. 1).

3. Igreja com e para o povo

Deve-se usar a palavra povo em que sentido? Povo entendido não a partir de território ou raça, mas enquanto unificado por uma mesma cultura, ou um estilo de vida comum, que se une e se organiza a partir da consciência coletiva e da sua escala de valores em prol do bem comum: “O povo nasce numa cultura comum com seus condicionamentos históricos que possibilita a comunidade a solidariedade e agir politicamente em prol da coletividade” (SCANNONE, 2019, p. 50). Segundo Nogueira (2012, p. 21), “a cultura é um fenômeno social e que é conectada à experiência histórica passada [...]. Funciona [...] como um mecanismo de mudança e preservação [...]. Está constantemente reorganizando os fatos”.

O Papa Francisco busca uma Igreja que caminhe com o povo, em uma perspectiva de aprendizado recíproco e que haja uma relação respeitosa entre os saberes dos agentes de pastorais e os saberes do povo e que ambos estejam em consonância à:

[...] evangelização renovada, o que exige uma lutar pela justiça e o amor em todas as relações inter-humanas, incluindo a relação com a natureza, a fim de construir o Reino de Deus *desde o presente* aqui, na terra, embora de maneira *ainda não* definitiva. (SCANNONE, 2019, p. 60-61).

É o que o Pontífice chamou de conversão pastoral (EG n. 25) e propõe o fim do tradicionalismo e estruturas caducas e sugere que se adote um estado permanente de missão junto aos mais necessitados (EG n. 25). Isto porque, uma “Igreja em saída” implica acolher o diferente, aprender a se enriquecer com ele, abrir os braços sem julgar e condenar, mesmo quando não se concorda. Uma “Igreja em saída” é ser uma Igreja-Mãe, capaz de caminhar com os humildes e se deixar ser evangelizada pelos pobres (BRIGHENTI, 2021). Finalmente, trata-se de uma Igreja toda sinodal em comunhão, participação e missão. Uma Igreja ministerial implica “[...] uma cultura eclesial marcadamente laical”, sem clericalismos e servilismos do laicato. (BRIGHENTI, 2021, p. 174). Por esse motivo que Durkheim chama atenção a respeito das manifestações religiosas em diversas culturas e religião:

As almas dos mortos, os espíritos de toda espécie e de toda ordem, com que a imaginação religiosa de tantos povos diversos povoou a natureza são sempre objeto de ritos e, às vezes, até de um culto regular; no entanto não se trata de deuses no sentido próprio da palavra [...] basta substituir a palavra deus pela de ser espiritual, mais abrangente. (DURKHEIM, 1996, p.11).

O Papa exorta, na sua escrita, que os agentes de pastorais se disponham a “[...] ‘passar no exame vestibular’ junto aos pobres. Só depois de terem sentado nos bancos dos humildes, têm condições de entrar nas escolas dos doutores” (BOFF, 1986, p. 39). Por isto, o Papa Francisco insiste em a necessidade “[...] de uma conversão individual e coletiva e propõe ao agente de pastoral que ouça a todos (EG n. 31); faça parte do ‘processo participativo’, que promove uma comunhão dinâmica, aberta, missionária”. (EG n. 31). Pois, “Caminhar com o outro é ensinar, aprender e crescer juntos. No outro e com o outro, ‘está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós’”. (EG n. 179). Caminhar com o outro é enriquecedor. As Comunidades Eclesiais de Base, movimentos, associações são riqueza da Igreja para evangelizar em todos os setores da Igreja e é uma capacidade de diálogo com o mundo que renova a Igreja (EG n. 29): “Na EG o diálogo lança a Igreja para fora, para o

encontro com o outro onde reside o próximo” (PASSOS, 2016, p.119). Para Sancches (2007, p. 35), a sociedade necessita de uma religião que além de promover o sentido da vida e da sua transcendência, seja também “capaz de promover o diálogo entre os povos, incentivar a tolerância e a convivência pacífica entre pessoas diferentes, dar força a cada um para superar o sofrimento e inspiração para ajudar o próximo”

A EG mostra que a alegria de caminhar com o povo não faz o agente de pastoral cego diante da realidade, ao contrário, o olhar crente é capaz de perceber uma luz na escuridão e com o povo continuar sua peregrinação, pois o povo também tem sua sabedoria que não pode ser ignorada e cabe ao agente de pastoral sistematizar a partir do contexto e da realidade vivida pela comunidade e pelo pastoralista. Segundo Suess (2017, p. 68) “A missão é sempre desafiada diante dos inúmeros obstáculos do cotidiano”. A EG lança um olhar sobre os desvios da ética em a categoria de mercado, todos na contramão do Evangelho e que atinge duramente a vida do povo. O sistema dominante despreza e relativiza posturas éticas e cabe ao povo está sempre na contramão do mercado global. Segundo o filósofo Lima Vaz, a ética como ‘ciência do ethos’ tem como objeto primeiro, a “realidade histórico-social, dos costumes reconhecidos e obedecidos pelo grupo social e segundo os quais se ordena a conduta dos indivíduos como ação singular (práxis) e também como paradigma permanente de conduta (*hexis* ou hábito)” (VAZ, 2002, p. 267). Neste sentido, o Papa Francisco comenta que todo ser humano que tem experimentado a verdadeira libertação busca libertar os demais da tristeza e da injustiça e comenta:

[...] Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem se radica e se desenvolve. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem (EG n. 9).

Segundo Cuda (2016, p. 230), Francisco adota uma linha de reflexão a partir de categorias teológicas sobre antigos conceitos da política como da participação e representação. Ele parte do princípio de liberdade, não no sentido moderno de liberdade negativa, mas no sentido de uma vida nova no sentido material e concreto. Uma vida para o povo-pobre-trabalhador.

Segundo a EG, a Igreja é, por natureza, missionária e o agente de pastoral deve estar com o outro e para os outros e “[...] deixar a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”. (EG n. 46).

Segundo Francisco, além da Igreja ser samaritana é, também, advogada dos pobres, empoderando-os para que tenham voz e vez, assumindo a postura de quem caminha com o povo e para o povo sem clericalismo, mas toda ela ministerial e que implica “[...] uma cultura eclesial marcadamente laical, típica de uma igreja sinodal com ‘cheiro de ovelha’”. (BRIGHENTI, 2021, p. 174). Segundo Alves (2006, p. 46) “os religiosos, até agora, têm buscado entender a natureza; mas o que importa não é entender, e sim transformar”.

Na EG o Papa Francisco aponta para uma Igreja para os pobres, que precisa passar por reformas em suas estruturas. Essa mudança das estruturas tem como critério específico a missão. Neste caso, a Igreja colocaria os agentes de pastorais, os teólogos e os pastores em constante atitude de saída. Assim aborda a questão a Encíclica:

A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes de pastorais em atitude constante de saída. (EG n. 27).

Na EG o Papa Francisco expressa com objetividade que a reforma das estruturas eclesiais e o que denomina missionariedade deve alcançar o ministério *petrine*, à “conversão do papado” e da Cúria Romana, advertindo contra uma centralização excessiva que complica a vida da Igreja e sua dinâmica missionária:

[...] Sou chamado a viver aquilo que peço aos outros, devo pensar também em uma conversão do papado. Compete-me, como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério, que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais da evangelização [...]. Pouco temos avançado nesse sentido. Também as estruturas centrais da Igreja universal precisam ouvir este apelo a uma conversão pastoral. (EG n. 32).

Segundo a EG, a “Igreja em saída missionária” (EG n. 17^a), é uma “Igreja peregrina” (EG n. 26) desta peregrinação missionária e sente a necessidade de uma “reforma perene”. (EG n. 26). Para Francisco, a igreja em saída exige “prudência e audácia” (EG n. 47), “coragem” (EG n. 33, 167, 194) e “ousadia” (EG 85, 129). Não se deve ter medo de se rever essa estrutura caduca que não serve mais para a atual realidade universal. Como operacionalizar essa saída, “sair da comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias” (EG n. 20)? A saída é difícil, a missão encontra muitos obstáculos: lama, poeira e muitos empecilhos. O Papa Francisco afirma que prefere “[...] uma Igreja acidentada, ferida e

enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias segurança”. (EG n. 49). Cita que é mais perigoso fechar-se em casa do que falhar a caminho para encontrar-se com o outro:

Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta. (EG n. 49).

Na EG percebe-se o Papa Francisco como um pastor direto em suas reflexões e prático nas suas atitudes ao se encontrar com o mundo marcado pelas suas contradições: “A reflexão teológica e pastoral desenvolvida pelo Cardeal Jorge Mario Bergoglio no continente latino-americano propiciou uma ampliação hermenêutica da Igreja no mundo” (PASSOS, 2016). O mundo é o lugar onde milhões de vozes, em suas diversas culturas, clamam aos céus por justiça social. Os agentes de pastorais e pastores devem trabalhar com o povo, e para o povo, em meio aos desafios que a humanidade enfrenta, no dia a dia, no mundo contemporâneo.

Segundo Passos (2016, p. 88), a visão teológica e pastoral de Francisco revela uma circularidade crítica, criativa entre a Igreja e o mundo e, simultaneamente, uma síntese eclesiológica proveniente: “[...] comunhão-serviço, povo de Deus-pobre, sinal-discernimento, mistério-solidariedade, testemunho-diálogo, hierarquia-laicato. Não existe oposição, ou dualismo entre as duas grandezas teológicas. A igreja autorreferenciada deve sair de si mesmo e ir em direção aos mais necessitados que se encontre em as periferias do mundo: “[...] o povo estar inserido na história concreta onde o trabalho pastoral deve ser realizado e a Igreja encarnada na vida do povo participando das alegrias e das tristezas, das vitórias e derrotas, sujar-se na realidade do povo”. Rubem Alves (2006, p. 95) diz em seu livro intitulado *O que é religião?* “A religião é um sonho, mas nos sonhos não nos encontramos nem no vazio, como pensava o empirismo, nem nos céus, como afirmavam os teólogos, ‘mas na terra, no reino da realidade’”.

A pastoral da encarnação é a espinha dorsal do pensamento de Francisco e supera o dualismo clássico entre a Igreja e o mundo. Na concepção da EG o povo está inserido na história e em sua cultura. Segundo Brighenti (2021), a Igreja nasce inculturada em Israel e, nos primeiros anos ela foi considerada uma seita no interior do judaísmo, mas desde o princípio o grupo de cristãos tinha consciência que sua assembleia local (*ekklesia*) tinha uma missão universal e aberta para todos os povos (cf. Mt 28,19). Foi a partir desse duplo caráter – Igreja local e Igreja universal – que a missão foi dirigida a todos os povos, o que provocou o

primeiro conflito no interior da Igreja nascente e foi resolvido no denominado “Concílio de Jerusalém”. (cf. At 15): “A missão estava aberta e possível de ser acolhida por todas as culturas”. (BRIGHENTI, 2021, p. 199). Acrescenta Brighenti (2021, p. 164): “A conversão pastoral” exige não só mudança de mentalidade, mas também, mudança no nível das ações que implica no testemunho de vida dos pastores e dos agentes de pastorais.

Segundo Francisco a conversão é um processo lento, amplo e deve começar a partir do Vaticano, indo até as coordenações das pequenas Comunidades Eclesiais de Base espelhadas por todos os continentes. A EG apela também para a superação do clericalismo, que é um tema recorrente do Papa Francisco. Em entrevista a um jornal italiano ele afirma que “[...] o clericalismo não tem nada a ver com o cristianismo. Quando tenho na minha frente um clericalista, instintivamente me transformo num anticlerical” (BRIGHENTI, 2021, p. 193). Em vista da superação do clericalismo, Francisco ressalta que se deve ter consciência de que a Igreja é toda ministerial e que deve valorizar o papel da mulher na evangelização: “[...] com alegria como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais com os presbíteros, assim como enriquecem a reflexão teológica. Entretanto, é necessário ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG n. 103). Deste modo, “Superar o clericalismo, valoriza o homem e a mulher e despatriarcalizar a Igreja e todos são atores paritários na evangelização” (BRIGHENTI, 2021, p. 194).

A leitura da Exortação EG trouxe um olhar amplo e contemporâneo da Igreja e da sociedade, alicerçada pelo Concílio Vaticano II e pelas Conferências Latino-americanas e Caribenhas em vista de uma nova ordem global. Afirma o documento que, “[...] precisamos voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que somos responsáveis uns pelos outros, inclusive pelos que ainda não nasceram e pelos que não são considerados cidadãos”. (SOUZA, 2022, p. 35).

O EG propõe um diálogo diferente do usual ao falar aos católicos no Quinto Congresso da Igreja italiana em Florença: “[...] o melhor modo para dialogar não é falar e debater, mas fazer algo junto, construir juntos, fazer projetos juntos: não sozinhos, entre católicos, mas juntamente com todos os que têm boa vontade” (RIBEIRO, 2022, p. 92).

O Papa propõe aos agentes de pastoral que a evangelização deve ser inculturada e que haja uma troca de saberes entre os agentes de pastoral e o povo com o seu saber cultural (EG n. 117). A EG busca análises da realidade, ver a causa dos males da Igreja e da sociedade. Isso tem gerado críticas ao texto em questão. Francisco “[...] segue, porém, com serenidade, sua marcha no pontificado com vigor de Francisco de Assis e o discernimento de Inácio de Loyola” (PASSOS, 2016, p. 123).

E é buscando aprofundar outros aspectos do seu Pontificado que este texto se debruçará nos capítulos seguintes.

II - O Concílio Vaticano II como fonte inspiradora do Papa Francisco

Busca-se neste capítulo analisar as bases do pensamento teológico-ecclesial do Papa Francisco, a sua adesão contundente com o pensamento teológico e pastoral advindo do Concílio Vaticano II, que, dentre outras coisas, defende que a fé deve ser pensada, anunciada e vivenciada de forma integrada às realidades socioculturais do mundo moderno. Na Exortação Apostólica EG encontramos um Papa que não nega sua trajetória histórica, sua formação teológica e filosófica, mostrando-se aberto e atento às sociedades do mundo contemporâneo, construindo seu “agir ministerial” a partir e com essas realidades. Qual o pano de fundo do pensamento do Papa Francisco? Os documentos do seu Magistério, entrevistas, homilias, discursos, gestos e atitudes desnudam para o mundo - não só o católico - um líder religioso atento e que parte das realidades socioculturais para pensar a religião e o sagrado. Podemos afirmar que é um pontificado que busca no Concílio Vaticano II, nos documentos do Magistério da Igreja pós-Concílio, bem como no pensamento teológico que tomou forma nos países latino-americanos, principalmente com as Conferências Episcopais Latino Americana e Caribenhas, a fonte inspiradora do seu “agir ministerial”.

1. Transformações na Igreja e na sociedade

O Papa Francisco tornou-se o primeiro papa pós Concílio Vaticano II que não participou do mesmo, o que não significa que sua trajetória enquanto padre, bispo e cardeal, na Argentina, não tenha sido influenciada pelas decisões e documentos decorrentes deste Concílio, cujas orientações doutrinárias, pastorais e práticas são de extrema importância para a Igreja atual. Estudiosos como Lima (2014), Passos (2020) e Moraes (2014) defendem que o atual Papa “é filho do Vaticano II”. Moraes (2014, p. 38-40) afirma que os textos pós-conciliares são fontes da Exortação Apostólica EG, tendo o Papa Francisco feito várias referências do Magistério conciliar nessa Exortação Apostólica. Segundo esse autor, há uma relação de continuidade e transformação entre o Concílio Vaticano II e a Exortação Apostólica EG.

Segundo Suess (2017), o Papa Francisco segue com fidelidade, coerência e criatividade o Concílio Vaticano II, com mais afinidade aos textos conciliares do que seus antecessores, o Papa João Paulo II (1978 a 2005) e Bento XVI (2005 a 2013), que

participaram do Concílio, mas que faziam parte da ala conservadora dos padres conciliares e tomaram posições opostas aos pensamentos de João XXIII e do Papa Paulo VI (SUESS, 2017, p. 49). Defende esse autor que Francisco fundamenta a EG nos textos conciliares ao afirmar que com “base na doutrina da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*” entre vários temas relevantes decidiu se deter nas seguintes questões: reforma da Igreja “em saída” missionária; tentações dos agentes pastorais; a Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza; a homilia e a sua preparação; a inclusão social dos pobres; a paz e o diálogo social; as motivações espirituais para o compromisso missionário (EG . 17).

Segundo Suess (2017, p. 20-21), o título da Encíclica EG - Alegria do Evangelho, é quase um pleonasma, porque o Evangelho é uma “boa nova”, logo uma boa notícia suscita alegria. De acordo com esse autor, o Papa Francisco se inspirou no documento do Papa Paulo VI intitulado *Evangelii Nuntiandi* (EN), que abordava a evangelização no mundo moderno e que afirmava que esta deve ser feita com alegria. A “Boa Nova” deve ser anunciada de lábios de evangelizadores que irradie fervor, que fazem a experiência mais profunda do abismo de Deus, não de pastoralistas tristes, desanimados, desiludidos, desencorajados, impacientes e neuróticos, e acrescenta a EN, no n° 80:

De tais obstáculos, que são também dos nossos tempos, limitar-nos-emos a assinalar a falta de fervor, tanto mais grave por isso mesmo que provém de dentro, do interior de quem a experimenta. Essa falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, na acomodação e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e de esperança em numerosos evangelizadores. E assim, nós exortamos todos aqueles que, por qualquer título e em alguma escala, têm a tarefa de evangelizar, a alimentarem sempre o fervor espiritual.

Segundo o Cardeal Ortega (2017, antes da sua eleição, Jorge Mario Bergholio, então Cardeal na Argentina, sinalizou que era urgente uma Igreja em saída e a superação de uma Igreja autorreferencial, na sua intervenção durante as Congregações Gerais, antes do Conclave de 2013, que o elegeu Papa. Neste breve e significativo discurso, traça um perfil do futuro Papa, que deve levar a Igreja a “sair de si mesma”, para evangelizar não só as “periferias geográficas”, mas, e principalmente, o que chamou de “periferias existenciais”: da dor, da injustiça, da ignorância, do pecado e de toda a miséria. Finaliza sua fala descrevendo o perfil necessário ao futuro Papa: um papa capaz de levar a Igreja católica a rever sua estrutura, sua missão e gerar esperança, através de uma nova evangelização que contemplasse os desafios do mundo globalizado, a ser uma ‘mãe fecunda’, que vive da “doce e confortadora alegria de evangelizar”. O título do discurso ele tomo de uma frase da Exortação de Paulo VI *Evangelii*

Nuntiandi (EN), sobre a evangelização, escrito logo após o Concílio Vaticano II, cuja tema era a evangelização.

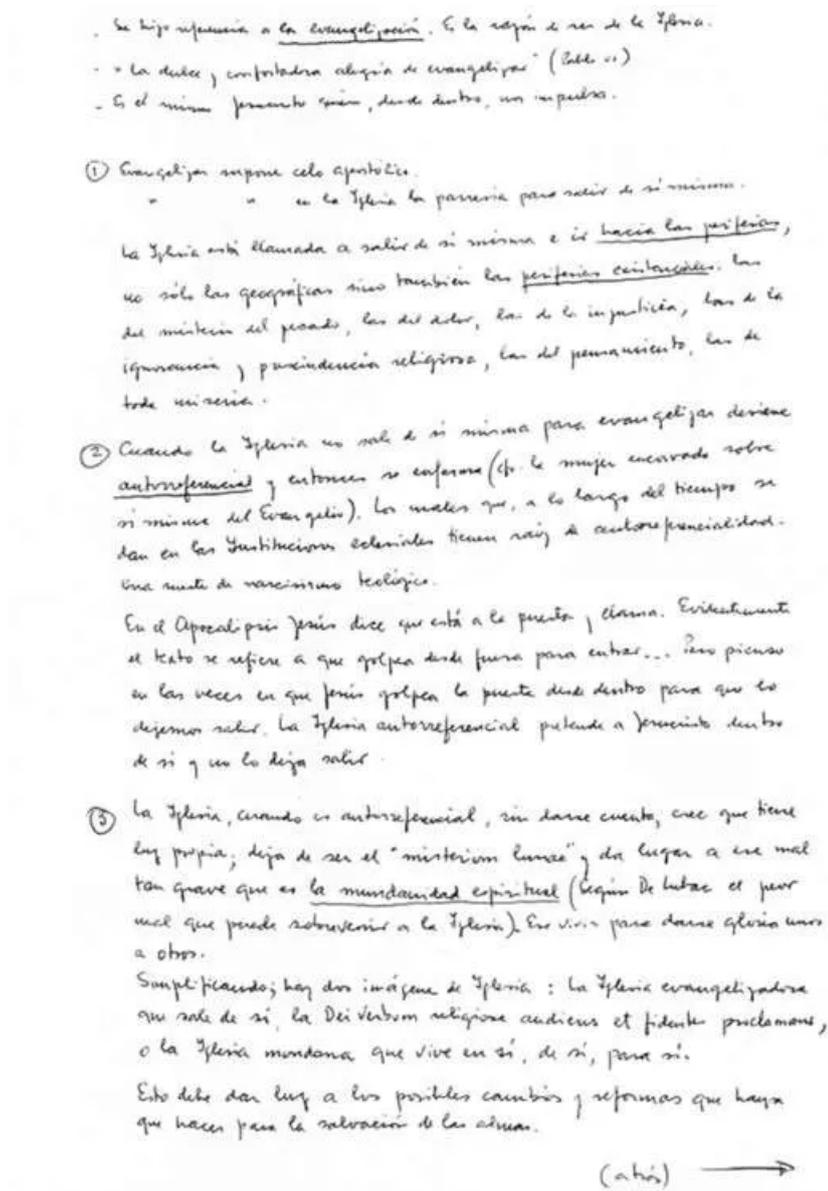


Fig. 1 – Discurso do Então Cardeal Jorge Mario Bergoglio, durante as Congregações Gerais, antes do Conclave de 2013, que o elegeram Papa.

Fonte: <https://www.acidigital.com/noticia/33714/o-manuscrito-que-o-papa-francisco-leu-antes-de-sua-eleicao-no-conclave>. Acesso em 09/06/2024.

O então Cardeal de Cuba, Jaime Ortega y Alamino (2017, p. 18; n. 80) reproduz a intervenção de Jorge Mario Bergoglio, feita diante de 115 cardeais do mundo inteiro:

Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar, torna-se autorreferencial e então adoece (é a mulher encorvada sobre si mesma do

Evangelho). Os males que ao longo do tempo acontecem nas instituições eclesiais possuem raiz de autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico [...]. Pensando no próximo Papa: Um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo e a partir da adoração a Jesus Cristo ajude a Igreja a sair de si em direção às periferias existenciais, que a ajude a ser mãe fecunda que vive a ‘doce e confortadora alegria de evangelizar’.

Após eleito, o agora Papa Francisco, dá início ao seu Magistério com a promulgação de o documento EG (A alegria do Evangelho - 2013), estudada neste trabalho. Este documento torna-se a institucionalização, na Igreja, de uma visão latino-americana de perceber, direcionar e vivenciar a missão da Igreja no mundo atual, vislumbrada no discurso pré-conclave. É esse Francisco, é essa visão de Igreja e de mundo, de povo que é o “pano de fundo” do documento ora analisado.

Segundo Brighenti (2021, p. 64-65), o Vaticano II propagou uma Igreja inserida no mundo e a serviço dos indefesos e não se deve ter medo dos inúmeros desafios existentes em todo planeta contribuído para o progresso e o desenvolvimento humano. O papa João XXIII usou pela primeira vez a expressão “Igreja dos pobres” no seu discurso às vésperas da abertura do Concílio Vaticano II, no dia 11 de outubro de 1962: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres” (LIBÂNIO, 2005, p. 65; AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 151). Nesse discurso, o papa João XXIII reconheceu a dignidade da pessoa humana e dos direitos humano e afirmou que o progresso econômico agravava as desigualdades sociais e desprezava o pobre. O tema foi objeto de reflexão em um dos documentos pós Concílio, e é bastante conhecido pelos teólogos e agentes de pastorais. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, logo no seu início afirma:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco em seu coração. [...] Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história. (GS, nº 01).

Segundo Libânio (2005, p. 68), o sentido de pastoral proposto pelo Concílio Vaticano II, partiu de temas atuais vivido por milhões de pessoas no mundo, “problemas que afetavam a família, o progresso, a vida econômico-social, a comunidade política, a promoção da paz, da comunidade internacional”. No mesmo sentido Trigo (2019, p. 43-44), afirma que o Papa

Paulo XVI tinha percebido que os teólogos do Vaticano expressavam a doutrina oficial, rígida incapaz de construir pontes e que contemplasse a realidade do seu tempo. O Pontífice escreve:

A vossa tarefa principal não consiste em construir muros, mas pontes; em estabelecer um diálogo com todos os homens, inclusive com aqueles que não compartilham a fé cristã, mas ‘cultivam os altos valores do espírito humano’, e até com ‘aqueles que se opõem à Igreja de várias maneiras a perseguem’. (GS, nº. 92).

Segundo Beozzo (2016), no final do Concílio Vaticano II (1965), os bispos conciliares do então chamado Terceiro Mundo uniram-se e celebraram na manhã do dia 16 de novembro de 1965, nas Catacumbas de Santa Domitila, o “Pacto das Catacumbas”. Sob a inspiração do padre Paul Gauthier e da religiosa Marie-Thérèse Lescase, esse documento foi uma expressão pública de compromisso com uma Igreja servidora dos pobres, na defesa da justiça, da dignidade, igualdade e solidariedade. Esses bispos provinham de várias partes do mundo, Ásia (China, Indonésia, Coreia do Sul, Índia, Israel); África (Zâmbia, Argélia, Togo, Congo, Chade, Congo-Brazzaville, Egito, Djibouti, Seychelles); América Latina (Brasil, Argentina); Caribe (Cuba, Dominica); América do Norte (Canadá) e Europa (França, Bélgica, Grécia, Espanha, Itália, Alemanha, Iugoslávia). Logo depois o “Pacto das Catacumbas” foi assumido por cerca de 500 dos 2.500 bispos conciliares. Esse pacto inspirou fortemente as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979). Logo a “opção pelos pobres” que começou no Vaticano, com o “Pacto das Catacumbas”, no final do Concílio Vaticano II, toma forma no contexto latino-americano (BEOZZO, 2016, p. 27-28).

Segundo Passos (2016, p. 83), a visão pastoral do Papa Francisco tem suas fontes teológicas nos textos conciliares, amadurecida e vivenciada na América Latina. Segundo este autor, “Francisco se posiciona precisamente no marco conciliar e, em muitos aspectos, tira as consequências das decisões conciliares: vai concluindo muitas das reformas orientadas pelo Concílio” (PASSOS, 2016, p. 59).

Esse pensamento pode ser percebido no trecho da EG transcrito abaixo, onde o Papa Francisco afirma que a Igreja deve estar a serviço de todos, sem exceção:

Se a Igreja inteira assume esse dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas a quem deveria privilegiar? [...] Não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo, aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, àqueles que “não têm como te retribuir” (Lc 14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem essa mensagem claríssima. Hoje e sempre “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles

é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar, sem rodeios, que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos sozinhos. (EG, nº 48).

De acordo Miranda (2017, p. 47), o Papa Francisco segue o espírito do Vaticano II e das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, que insistem que “a ação missionária é o paradigma de toda a Igreja”. Outro autor que corrobora com essa visão é Aquino Jr. (2019, p. 163-164), quando afirma que “não resta dúvida que o projeto de Igreja do Papa Francisco é uma Igreja pobre e para os pobres”, que é a marca do seu ministério pastoral.

O Papa João XXIII, idealizador do Concílio Vaticano II, recepcionou o método “ver, julgar e agir”¹¹, na Encíclica *Mater et Magistra*, em 1961. O Concílio Vaticano II, percebeu nesse método um meio adequado para se ler os “sinais dos tempos”. A Encíclica *Gaudium et Spes* (1965), fez deste método um método teológico – leitura dos sinais dos tempos, iluminação da Palavra, compromisso pastoral - que depois influenciou diretamente a Igreja na América Latina, onde deu-se origem a Teologia da Libertação e seu método de “mediação sócioanalítica, mediação hermenêutica, mediação de a *práxis*”. (BRIGHENTI, 2019, p. 203).

Segundo Passos (2016, p. 98), o Vaticano II percebeu que esse método seria importante para a categoria *sinais dos tempos*, já que esse caminho metodológico lançava a Igreja para uma dimensão crítica e criativa em relação às questões sociais no mundo moderno. Esse método ver-julgar-agir foi um instrumento concreto que operacionalizou a metodologia pastoral da Igreja durante e depois do Concílio. Segundo Libânio (2005, p. 139), “o próprio papa João XXIII tinha demonstrado muitos sinais de simplicidade e de serviço, e depois Paulo VI confirmou essa linha, inclusive num gesto simbólico de despojar-se da tiara pontifícia, doá-la aos pobres, e nunca mais usá-la”. Segundo Passos (2016, p. 99-103), esse método está abrigado na estrutura geral da EG, pois ele se relaciona “diretamente à inserção social da Igreja em um conjunto maior de natureza teológica”. O exercício metodológico permite à fé a sua articulação consciente, coerente e eficaz com os diversos contextos”. Esse método é indissociável da história pessoal e de sua experiência eclesial na América Latina. É tradição

¹¹ Na década de 1920, o padre belga Joseph Cardijn fundou um movimento classista operário. Inicialmente, o Padre belga não tinha ideia da proporção que o movimento tomaria e, muito menos, poderia ele imaginar que este movimento desenvolvesse uma variante metodológica que, alguns anos mais tarde, serviria de base para a Teologia Latino Americana tipificada como Teologia da Libertação. O ‘ver’, primeiro momento do método é o primeiro passo de um processo indutivo. O discernimento da realidade antes de ‘agir’ e, posteriormente, o ‘agir’ como parte do ‘ver’, é justificado pelo fato do autor do método não buscar simplesmente que os operários retornassem à Igreja, mas de querer ‘levar’ a Igreja para o meio deles. Para inserir-se nos meios de vida com o objetivo de ‘sanar’ o mundo do trabalho, era preciso primeiro conhecê-lo, sobretudo os seus problemas. O ‘julgar’ consiste basicamente em ‘confrontar o real dos fatos com o ideal do Evangelho ou do Plano de Deus, em outras palavras, em ‘distinguir a verdade do erro’. Partindo dos fatos, iluminados pela doutrina, desemboca na ação ‘agir’ (BRIGHENTI, 2015, p. 610- 611).

eclesial desse continente o método ver-julgar-agir e portanto, está na alma, no pensamento, nos escritos e no pastoreio do Papa Francisco.

Segundo Brighenti (2021, p. 205), o Papa Francisco utiliza esse método ver-julgar-agir na EG no pensar, no falar e na prática. No referido documento, o papa afirma que a realidade é complexa, plural, conflitiva e opaca que deve ser percebida e descoberta por meio de um discernimento (EG n. 194). Surge a necessidade de um olhar integral sobre a realidade, sem pretensão de um olhar neutro e asséptico (EG n.50). Ainda segundo Brighenti (2021, p. 205), a tentação se encontraria em optar por um ‘ver’ totalmente asséptico, um ‘ver’ neutro, o que não é viável, uma vez que o ‘ver’ está sempre condicionado pelo olhar. Não há uma hermenêutica asséptica, afirma o autor, com o qual concordamos. A realidade deve ser vista do ponto de vista horizontal, nem ser decifrada de cima para baixo, pois “nem o Papa nem a Igreja possuem o monopólio da interpretação da realidade” (EG n.184). A realidade é mais importante do que a ideia, afirma Francisco no documento. Esta é apenas a hermenêutica daquela (EG n. 231). O olhar da fé por mais purificado que seja, não consegue eliminar totalmente a ambiguidade da realidade concreta (EG n. 233). Por isso, “a hermenêutica da realidade é sempre comunitária, imperativo para o discernimento comum, o que vai ao encontro das exigências da razão comunicativa, colocada em relevo no atual contexto da crise da modernidade” (BRIGHENTI, 2019, p. 206).

Segundo Libânio (2005) o tema da colegialidade como foi tratado no Vaticano II foi uma verdadeira revolução copernicana. Aos poucos as estruturas colegiais foram se configurando na Igreja. O Papa Paulo VI criou o Sínodo dos Bispos e após o Concílio firmaram as Conferências nacionais, regionais e continentais. Segundo Passos (2016), um dos temas mais espinhosos do Concílio Vaticano II foi o da Colegialidade. Tornou-se um princípio imperioso traduzir de forma concreta a eclesiologia conciliar em comunhão com todo o povo de Deus e ao mesmo tempo a comunhão do Papa com os bispos em *modus operandi* do governo eclesial. Os padres conciliares sentiram a necessidade de organizar um governo colegiado da Igreja sob a condução do Bispo de Roma, nesse caso, exigiria, repensar a estrutura e o funcionamento da Cúria Romana. Para tanto, a reforma da Cúria Roma é uma questão de urgência:

O Concílio resgatou a prática dos sínodos como um modo de concretizar a colegialidade. Contudo, as regras e as práticas dos sínodos continuaram reproduzindo a centralidade do Papa e da Cúria Romana: tornou-se uma assembleia meramente consultiva, cujas decisões podem ou não ser acolhidas pelo Papa. O concílio não chegou à Cúria nem ao exercício do papado. (PASSOS, 2016, p.112).

Ainda segundo Passos (2016), na EG, o Papa Francisco adota o método ver-julgar-agir, que está em consonância com a tradição latino-americana e vincula as fontes dos Magistérios locais. A Exortação EG recorre aos textos pós sinodais dos diversos continentes. Segundo Gonzaga (2014, p. 76) a EG é um texto no qual o Papa Francisco procura valorizar os Magistérios nacionais, continentais dos vários episcopados do mundo, como jamais visto na história da Igreja Católica. Na EG encontramos menção a bispos do mundo inteiro: bispos latino-americanos (EG n. 15), bispos da África (EG n. 62), bispos da Ásia (EG n. 62), bispos dos Estados Unidos da América (EG n. 64), bispos franceses (EG n. 66), bispos da Oceania (EG n. 118), novamente o CELAM com DAp (EG n. 124), bispos do Brasil (EG n. 190), bispos das Filipinas (EG n. 125), bispos da República Democrática do Congo (EG n. 230), bispos da Índia (EG n. 250).

Miranda (2017, p. 125) aponta vários temas importantes que foram discutidos no Concílio Vaticano II, como por exemplo:

A colegialidade episcopal, a eclesiologia do povo de Deus, o reconhecimento e a participação do laicato na vida da Igreja, o diálogo ecumênico e inter-religioso que depois do concílio provocaram mudanças e agitações, dando ensejo a uma centralização por parte da Sede Apostólica e coibindo a efetivação de algumas conquistas conciliares como a colegialidade episcopal, a importância das Igrejas locais, a inculturação da fé, o diálogo ecumênico, a liberdade dos teólogos. Daí o clamor dos bispos e teólogos por uma reforma da Cúria Romana que foi agravado por vários escândalos financeiro e sexual dentro do próprio Vaticano e explorado pela mídia, mesmo assim mantinha-se uma estrutura vertical, autoritária e jurídica numa sociedade que almejava participação e respeito ao indivíduo, este fato afastava as pessoas da Igreja. Urge, sem dúvida, uma reforma.

Segundo Libânio (2005, p. 119), a partir da importante abertura provocada pelo Concílio Vaticano II, “várias Igrejas particulares convocam assembleias do povo de Deus onde se vive fortemente a base laical e colegial da Igreja particular. Multiplicaram-se os conselhos em diversos níveis com a participação crescente dos fiéis”. Boff (1991, p. 58) defende que essa Igreja participativa se estende as Comunidades Eclesiais de Base - CEBs¹². Segundo Passos (2016, p. 113), o Papa Francisco recorre ao Vaticano II em termos de reforma da Igreja e de modo especial, a Cúria Romana que “constitui o coração da instituição, o centro

¹² As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nasceram no seio da Igreja instituição e tornaram-se um novo modo de ser da Igreja. No Brasil, as primeiras surgiram por volta de 1960. As CEBs foram e, em muitos contextos, ainda são muito influentes na motivação dos fiéis católicos para a luta política. Muitos deles se tornaram militantes de referência em movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos e associações de moradores.

por onde a comunhão eclesial universal se faz visível e se expressa institucionalmente. Sem reforma seria impensável realizar a ‘reforma inadiável’ da Igreja”. Brighenti (2021, p. 187) afirma que a reforma da Igreja começou pelo Papa Francisco “pagando suas contas no dia seguinte à sua eleição, simplificando seus trajes, trocando o trono por uma cadeira, conservando sua cruz peitoral e seus sapatos pretos, utilizando carro modesto”. Francisco optou por dar o exemplo de uma vida simples e mais próxima do povo. Brighenti (2021, p. 187), prosseguindo sua reflexão, cita a famosa frase de São Bernardo, da Ordem do Cisterciense, ao seu confrade, ao ser eleito Papa Eugênio III: “não te esqueças de que és o sucessor de um pescador e não do Imperador Constantino”.

2. Conferências episcopais latino-americanas

Após o Concílio Vaticano II, ocorre a Segunda¹³ Conferência Geral do Episcopado Latino-americano que foi realizada em Medellín, na Colômbia, no período de 24 de agosto a 06 de setembro do ano de 1968. Foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio às necessidades da Igreja presente na América Latina. Como resultado dessa reunião foi publicado o importante documento para a Igreja latino-americana intitulado “As Conclusões de Medellín”, onde publicizavam a posição da Igreja da América latina frente à realidade local. Pode-se afirmar que os bispos à luz do contexto sócio histórico do continente, assumiu o pensamento teológico do Vaticano II. Esse foi um momento importante de mudanças de paradigmas e criação de uma identidade própria de “ser Igreja”, de pensar e de fazer teologia, surgindo a Teologia da Libertação e a opção pelos pobres. Em Medellín a Igreja assume, de forma clara e documentada, a inserção pastoral e social nas comunidades pobres.

No ano de 1968 se reuniram em Medellín cento e quarenta e seis (146) prelados e numerosos consultores de diferentes níveis. O tema foi: “A Igreja na atual transformação da

¹³ A Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano ocorreu entre os dias 25 de julho a 04 de agosto de 1955, no Colégio Sacré Coeur, no Rio de Janeiro. Este encontro foi uma convocação do Papa Pio XII, que despertou os bispos locais para o pedido de criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam). O organismo responsável por auxiliar o Vaticano na preparação do evento foi a Conferência nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, que havia sido criada em 1952 e teve como seu primeiro secretário, nesse período, Dom Hélder Câmara. O Papa Pio XII enviou uma carta para ser lida na abertura da Conferência e que foi tomada como horizonte de orientação dos trabalhos dos bispos. Participaram das sessões de trabalho no Colégio Sacré Coeur os cardeais latino-americanos, exceto os dois da Argentina, devido a impedimentos causados pelo regime peronista. Congregaram-se 37 arcebispos e 58 bispos, que representavam 66 arquidioceses, 218 dioceses, 33 prelazias, 43 vicariatos e 15 prefeituras apostólicas. No total, a Assembleia seria composta de representantes diretos de 23 países, 60 províncias, 350 circunscrições eclesiais e 150 milhões de católicos.

América Latina à luz do Concílio” (DUSSEL, 1981, p. 70). A Igreja latino-americana e caribenha, através dos seus pastores deu um passo importante e decisivo nessa II Conferência construiu um projeto de “uma Igreja dos pobres”. Medellín recepcionou bem o Concílio Vaticano II e fez valer a frase de João XXIII: uma Igreja de todos, mas, sobretudo, a Igreja dos pobres” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 154-159). Segundo Passos (2019), em Medellín o Papa Paulo VI reconheceu e acolheu a dura realidade da Igreja latino-americana e caribenha e motivou o episcopado desse subcontinente a assumir o maior desafio, a lutar pela justiça social em defesa de milhões de latino-americanos.

O papa Paulo VI não apenas convocou a Conferência. Fez-se presente. Em 22 de agosto de 1968 chega pela primeira vez na história da América Latina um Papa, o Paulo VI se fazia presente em Bogotá, capital da Colômbia. No seu primeiro discurso, ele pede que os Bispos latino-americanos não se separassem do pensamento do Papa, mas que a situação local fosse julgada pelos bispos do lugar e não só pelo bispo de Roma (DUSSEL, 1981).

Dussel (1983, p. 647-648) ao pesquisar sobre essa questão nos traz um discurso do então Papa João Paulo II, em 1979, que fala da importância da Conferência de Medellín:

Um impulso de renovação pastoral, um novo espírito frente ao futuro, em plena fidelidade eclesial na interpretação dos sinais dos tempos na América Latina. A intencionalidade evangelizadora era bem clara e fica evidente nos dezesseis temas tratados reunidos em torno de três grandes áreas, mutuamente complementares: promoção humana, evangelização e crescimento na fé, a Igreja visível e suas estruturas. Com sua opção pelo homem latino-americano visto em sua integralidade, com seu amor preferencial mas não exclusivo pelos pobres, com seu esforço por uma libertação integral do homem e dos povos, Medellín, a Igreja ali presente, foi um chamado de esperança para metas mais cristãs e humanas” (João Paulo II, Homilia de 27 de janeiro de 1979, na basílica de Guadalupe).

O episcopado latino-americano e caribenho assumiu as conclusões de Medellín (BARROS, 2019, p. 198) e os bispos propuseram “que se apresente, cada vez mais nítido na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal e corajosamente comprometida com a libertação de cada ser humano e de toda a humanidade” (Medellín 5, 15). Segundo Aquino (2019, p. 155), os bispos em Medellín pensaram uma Igreja a partir dos pobres que constitui a grande maioria do povo latino-americano e caribenho e refletiram em sua essência uma “Igreja dos pobres”. O episcopado latino-americano não pôde ficar indiferente ante a situação de tremenda pobreza, injustiças sociais, existentes na América Latina de então. Milhões de homens se “queixam de

que a hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 155). Segundo Beozzo (2015, p. 15), o que não se conseguiu avançar no Concílio concretizou-se três anos depois na II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, na Colômbia, 1968. O documento de Medellín tem como título “Pobreza da Igreja” e declarou no seu preâmbulo:

O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente perante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza e que, em muitíssimos casos, chega a ser miséria inumana. Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhe advêm de nenhuma parte. [...] E chegam também a nós as queixas de que a hierarquia, e clero, e os religiosos são ricos e aliados dos ricos. (DM 14, 1-2).

O Papa Francisco “é um latino-americano, argentino, jesuíta, tem suas raízes, conhece bem os inúmeros desafios existentes neste continente de ordem social, política e econômica” (GALLI, 2019, p. 59). Medellín propôs uma Igreja missionária e pascal, o Papa Francisco propôs uma Igreja em saída. Essa inserção dos agentes de pastorais na caminhada “exige um projeto de formação e vontade de estar no meio do povo, mesmo com seus defeitos, mas pode-se ser corrigido” (BARROS, 2019, p.199). Segundo Brighenti (2021, p. 179) “em um mundo globalizado [...] é preciso estar atento à realidade local, pois a fragmentação do tecido social e eclesial exige do agente de pastoral uma formação adequada para os inúmeros desafios em regiões desafiadoras”. É a partir desse contexto que Francisco alerta na EG n. 234:

Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair em uma mesquinha cotidianidade. Ao mesmo tempo, convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes dois extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num universalismo abstrato e globalizante, miméticos passageiros do carro de apoio, admirando os fogos de artifício do mundo, que é de outros, com a boca aberta e aplausos programados; o outro extremo é que se transformem em um museu folclórico de eremitas localistas, condenados a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha fora das suas fronteiras.

Podemos perceber na citação acima que, para o Papa Francisco a consciência planetária envolve tudo, a crise ecológica, a tecnologia, a economia, a política. Tudo está

interligado e fazer essa travessia contemplando todas essas dimensões gera conflitos e precisa assumi-los e superá-los. Assim diz o Papa Francisco na EG, n. 227:

Perante o conflito, alguns se limitam a olhá-lo e passam adiante como se nada fosse, lavam as mãos para poder continuar com a sua vida. Outros entram de tal maneira no conflito que ficam prisioneiros, perdem o horizonte, projetam, nas instituições as suas próprias confusões e insatisfações e, assim, a unidade torna-se impossível. Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de um novo processo. ‘Felizes os que promovem a paz!’. (Mt 5,9).

Segundo Libânio (2014, p. 195), a expressão “nova evangelização” surgiu em Medellín. Como já assinalamos, o Paulo VI teve a iniciativa de convocar a II Conferência latino-americana no intuito de que a Igreja Católica da América Latina assimilasse e colocasse em prática o Concílio Vaticano II, mas ela se inspirou e foi além do Concílio Vaticano II e pensou a nova evangelização a partir dos pobres, da sua cultura nativa e popular. Nasce a nova evangelização, onde homens e mulheres se inseriram nas periferias das grandes cidades e nos interiores, pregando um Evangelho inculturado na vida do sofrido povo latino-americano. Segundo Sobrinho (2008, p. 47), essa era a Igreja sonhada pelo cardeal Lercaro. No final da primeira sessão do Concílio, ele lamentou que “até agora faltou algo ao Concílio”, e se perguntava: “Onde encontraremos esse impulso vital, essa alma, digamos, essa plenitude do Espírito”? E respondeu: “Esta é a hora dos pobres, de milhões de pobres que estão por toda a terra”. Segundo Boff (1984, p. 34), “os anos que se seguiram Medellín foram marcados por um deslocamento cada vez maior e consequente de toda a Igreja do centro para a periferia”. Brighenti (2021, p. 134), defende que a Igreja não só assumiu a causa dos vulneráveis, mas assumiu igualmente seu lugar social através do surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s), inseridas e comprometidas com as pastorais sociais como a “Pastoral da Terra, Pastoral Operária, Pastoral da Criança, Comissão Indigenista Missionária (CIMI), da ecologia, da consciência negra e indígena, da mulher”.

Em cada nação, os habitantes tiveram inúmeras iniciativas e desenvolveram a dimensão social, tornando-se cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa de manobra ou arrastada pelas forças dominantes da sua época. Lembremo-nos que “ser cidadão fiel é uma virtude, e a participação na vida política é uma obrigação moral”. Mas tornar-se um povo é algo mais, exigindo um processo constante no qual cada nova geração está envolvida. É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme (EG n. 220).

A Terceira Conferência latino-americana foi realizada entre os dias 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, em Puebla no México. Segundo Passos (2019, p 47), em Puebla o Papa João Paulo II, no seu discurso de abertura, reconheceu em público a situação degradante da realidade do povo da América Latina e motivou o episcopado latino-americano e caribenho a se comprometer com a justiça social, compromisso com “os mais necessitados, a função social da propriedade, e constata o fato de haver ‘ricos cada vez mais rico à custa de pobres cada vez mais pobres’”. Segundo Brighenti (2021, p 64) “a situação de pobreza, marginalização, miséria, de injustiça social e da violação dos direitos humanos da grande maioria da população da latino-americana era bastante conhecida pelos Bispos do continente”. O Documento de Puebla - DP afirma que a promoção humana e a evangelização são indissociáveis, fazem parte de uma pastoral libertadora que vê o ser humano na sua totalidade. a dimensão terrena e transcendente. Afirma o DP no nº 355:

Mas esta salvação tem “vínculos muito fortes” com a promoção humana, em seus aspectos de desenvolvimento e de libertação, parte integrante da evangelização. Estes aspectos brotam da própria riqueza da salvação, da ativação da caridade de Deus em nós, a que estes aspectos estão subordinados. A Igreja “não necessita, portanto, de recorrer a sistemas e ideologias para amar e defender a libertação do homem e colaborar com ela: no centro da mensagem de que é depositária e pregoeira, encontra inspiração para atuar em prol da fraternidade, da justiça e da paz; para agir contra as dominações, escravidões, discriminações, violências e atentados à liberdade religiosas, contra a vida” (João Paulo II, Discurso inaugural III, 2).

O Papa Francisco afirma literalmente na EG que reconhece a “conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG n. 178). Segundo o Papa é indissociável a evangelização da realidade vivida pelo povo em qualquer lugar do mundo “a evangelização não seria completa, se ela não levasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social do homem” (EG n. 181). Segundo o Documento de Puebla, tanto a promoção humana quanto a promoção da justiça, são partes integrantes da evangelização (DA n. 1254). Por sua vez, o Papa Francisco *faz jus* as Conferências latino-americanas na sua Exortação Apostólica EG ao afirmar que “a evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano. Já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e que serve apenas para preparar as almas para o céu” (EG n. 182). Boff (1999) reflete que a fé é uma força interior que encoraja

o ser humano a sair de si e comprometer-se com a causa dos pobres, enfrentar os conflitos, os equívocos e os fracassos com soberania, serenidade e permanecer na militância com aquele fogo interior capaz de enfrentar a própria morte se for necessário, como tantos fizeram. Para Francisco, a fé autêntica “comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois de nossa passagem por ela [...]. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos” (EG n. 182). Na EG n. 181 o Papa Francisco cita o Papa Paulo VI para corroborar com sua tese:

O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: não aceitamos que o econômico se separe do homem; nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se inclui. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira” POPULORUM PROGRESSIO, 2019, n. 14).

Segundo Beozzo (2015, p. 16), a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla (1979) no México parte da constatação da pobreza e da miséria de milhões de latino-americano que embasa toda a sua reflexão, pois são produtos das estruturas econômicas, sociais e políticas desse imenso continente (DP n. 30). Essas injustiças, sofridas por milhões de latino-americanos são vergonhosas, humilhantes. São inúmeras e devastadoras as situações de pobreza e miséria que se exprimem, por exemplo “em mortalidade infantil, em falta de moradias adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego, subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção” (DP n. 29). Segundo Carias (2016, p. 69) Puebla segue e confirma Medellín e explica no nº 13134 específico as razões da opção preferencial pelos pobres:

A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação. (DP, nº 1.134).

Abordando esse mesmo tema, Cuda (2021, p. 81) afirma que enquanto a Igreja latino-americana faz opção preferencial pelos pobres na perspectiva de Medellín e Puebla e se posicionou ao lado do povo pobre, trabalhador e descartado, o Papa Francisco atualizou e sugeriu que a Igreja não deve trabalhar e decidir pelo pobre, mas trabalhar e decidir com eles.

Segundo Scannone (2019, p. 220), após a eleição do sucessor de Bento XVI e da escolha do seu nome, o Papa Francisco fez da opção preferencial pelos pobres o seu ponto de partida e seu lugar hermenêutico central. Sua preferência pelos marginalizados, desempregados, aquele que é “resíduo” ou “sobrante”. Suas primeiras viagens fora de Roma foram a Lampedusa e a Sardenha, assim como encontros com refugiados e desempregados, simbolicamente foi uma verdadeira encíclica afirma Scannone (2019). Podemos encontrar esse pensamento no trecho a seguir da EG n. 198:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem “o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus” (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma “forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja” [...]. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar [...]. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas das suas vidas, e a coloca-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar por meio deles.

Miranda (2017, p. 49) defende que a Exortação Apostólica EG segue a mesma linha do Documento de Puebla ao afirmar que “a evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano” e se enganam os agentes de pastorais que afirmam que a “religião deve se limitar-se ao âmbito privado”. E a EG n. 182 continua a afirmar que a fé autêntica “comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois de nossa passagem por ela. [...]. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos” (cf. EG n. 183). Para Sung (2018, p. 12),

[...] a opção preferencial pelos pobres feita pela Igreja ou a opção do Papa Francisco por uma Igreja pobre para os pobres, é inspirado nas Conferências latino-americanas, mas também tem fundamento último no Deus do Antigo Testamento. (Ex 3) e no Novo Testamento. (cf. Lc 4).

Essa opção dos cristãos não se baseia em teoria sociológica e nem filosófica, mas na Bíblia. Entretanto, a opção pelos pobres pode ser verbalizada, justificada ou fundamentada e entendida na perspectiva da razão humana; essa opção se justifica mesmo sem fé religiosa, no

momento que a dignidade é violada ou negada ao reduzir o ser humano em um instrumento ou meio para o agressor atingir o seu fim, daí o único meio é ficar ao lado do pobre e defender a sua dignidade. Em termos sociais, a opção pelos pobres é tomar o partido dos indefesos e assumir a luta por justiça social, a “injustiça social predominante hoje são a exclusão social e a profunda desigualdade social que marcam a globalização” (SUNG, 2018, p. 12). Todas essas ideias foram sintetizadas na expressão do Papa Francisco: “desejo uma Igreja pobre para os pobres” (SUNG, 2018, 14; EG n. 198).

Para Sung (2018, p. 25), por meio de uma linguagem teológica e pastoral, o Papa Francisco chama atenção de todos, mesmo tendo os “prós e os contras”, para uma questão óbvia e sensível para resgatar a “noção de dignidade humana e direitos humanos e, com isso, a de justiça social” e acrescenta que o Papa Francisco não se cansa de insistir por uma “Igreja pobre para os pobres” e a crítica a idolatria do dinheiro, com a sua máxima “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social, essa economia mata” (EG n. 53). Sung (2018, p. 118-119) adverte que,

A luta pelos direitos sociais dos indivíduos e por uma sociedade marcada por justiça social não é a totalidade da luta, não desqualifica nem diminui a importância de lutas por outros direitos, mas é a luta pela possibilidade de que os direitos humanos sejam realmente universais, válidos para todos os seres humanos. Mesmo para os excluídos do mercado.

Segundo Beozzo (2015, p.18), a IV Conferência Geral do Episcopado latino-americano, em Santo Domingo, deu continuidade as conferências anteriores de Medellín e Puebla e se comprometeu com os pobres, com uma evangelização que estaria a serviço da vida do povo latino-americano:

Uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho, a partir de uma evangélica e renovada opção pelos pobres e a serviço da vida e da família [...]. Por uma evangelização inculturada que penetre os ambientes de nossas cidades, que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas por meio de uma eficaz ação educativa e de uma moderna comunicação. (DSD n.303).

O Papa Francisco defende na EG que a “evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano” (EG, n. 182). Segundo Oliveira (2018, p.17), evangelizar na concepção do Papa Francisco, exige que a Igreja tenha coragem de sair de si mesma e ir às periferias geográficas e existenciais do mistério da dor, do sofrimento, da violência, da injustiça, de toda miséria que entristece e desfigura na vida humana “o lugar da comunidade

eclesial não pode ser ela mesma, mas o mundo como ele está hoje configurado e diante de suas crises profundas [...] marcada por uma miséria que ameaça a vida de dois terços da humanidade.

Segundo Brighenti (2021, p. 66), Santo Domingo destacou as Comunidades Eclesiais de Base - CEB's, que ao longo do tempo tem se mostrado uma prática pastoral mais adequada de se viver a fé em comunhão com a vida real (SD n. 48). Em Santo Domingo, as CEB's aparecem como sinais de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e de evangelização (SD n. 61; BRIGHENTI, 2021, p. 66). Segundo Libânio (2005, p. 182), Santo Domingo apresenta o leigo como o protagonista da evangelização, isso porque ele leva para a pastoral sua larga experiência de Deus para a evangelização latino-americano. Boff, no seu famoso livro intitulado *Igreja, carisma e poder* (1982), apresenta as CEB's como a forma comunitária de fazer a experiência de Deus no sentido mais genuíno da existência humana, cada um desenvolvendo seu serviço a partir do seu carisma, uns visitam e consolam aos doentes, outros alfabetizam, outros conscientizam sobre os direitos humanos, as leis trabalhistas, outros preparam as crianças para os sacramentos. Todos esses serviços são respeitados, incentivados e coordenados pelo responsável para o crescimento de toda comunidade. A Igreja não é apenas uma organização, ela é um organismo vivo que cria e recria a partir das suas necessidades, alimenta e renova a partir de suas bases (BOFF, 1982, p. 200-201). Nesse sentido afirma o Documento de Santo Domingo, n. 97:

As urgências do momento presente na América Latina e no Caribe reclamam:

Que todos os leigos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessário a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução ao intra-eclesial. Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários da nova evangelização. Esta só será efetivamente levada a cabo se os leigos, conscientes de seu batismo, responderem ao chamado de Cristo a que se convertam em protagonistas da nova evangelização. No marco da comunhão eclesial, urge um esforço de favorecer a busca de santidade dos leigos e o exercício de sua missão.

Segundo Brighenti (2021, p. 134) é por meio das Comunidades Eclesiais de Base - CEB's, que a Igreja assume a causa dos pobres e o seu lugar social, sempre numa perspectiva de partilha, de luta com foco na pastoral social diante dos desafios e da situação de pobreza. As CEB's, são as sementeiras nas quais nascem as Pastorais Sociais como meios de se ter uma vida digna: Pastoral da Criança, da Terra, Pastoral de Rua (BRIGHENTI, 2021) Segundo Boff (1984, p. 71) diante de situações precárias e de injustiças as Igrejas latino-americanas

criaram organismos em defesa da promoção humana como “no Chile, a Vicaria de Solidaridad, no Brasil, a Comissão Pastoral da Terra - CPT, o Conselho Indigenista Missionário - CIMI e, em todas as partes, as comissões de Direitos Humanos, de Justiça e Paz, Secretariados de Justiça e Não-Violência e outros tipos de agrupamentos em prol dos sem-poder e de sua dignidade”. Esse empenho em defesa dos vulneráveis teve um preço a ser pago, como perseguições, ameaças, sequestros, mortes de leigos, religiosos, de sacerdote e de bispos. Para Brighenti (2021, p. 135) “No interior das comunidades eclesiais emerge um sentimento religioso que anima e encoraja seus membros a lutarem pela justiça social em prol de todos. O Papa Francisco cita na EG a fala dos Bispos da Igreja no Brasil:

Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais - sem terra, sem-teto, sem pão, sem saúde -, lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deva à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício. (EG n. 191).

Segundo Suess (2017, p. 62), “missão na perspectiva do Papa Francisco exige que os agentes de pastorais resistam a todo tipo de injustiça, de alienação e acreditar na possibilidade de um mundo mais solidário e mais justo”. Para o Papa Francisco “é salutar recordar-se dos primeiros cristãos e de tantos irmãos ao longo da história, que se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa” (EG n. 263). O Papa Francisco ressalta que a Igreja em saída significa experimentar a alegria do êxodo da escravidão, mas também o dom “de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além” (EG n. 21). Suess (2017, p. 62), defende que o Papa Francisco nos traz um duplo sentimento de pertença da missão, quando afirma que “A missão é uma paixão por Jesus e simultaneamente uma paixão pelo seu povo” (EG n. 268). Nessa afirmação, Francisco sintetiza a sua experiência de pastoral nas favelas da Argentina. Afirma ao longo da EG que, “posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar” (EG n. 7).

Segundo Boff (1982, p. 201), a partir do interior das CEB's, se ensaia um novo modelo de sociedade, construindo meios para a superação das desigualdades, as relações injustas que dominam a sociedade, “através da participação dos seus membros, do

compartilhamento das responsabilidades, das decisões, da direção, através do respeito pelos mais fracos, por meio do exercício do poder serviço”. Segundo o Papa Francisco afirma na EG, as comunidades são geradoras de esperança, são lugares de organizações, de lutas, de aprendizado, de diálogo, de solidariedade, conscientização.

Para o Papa Francisco, “cada cristão e cada comunidade são chamados a serem instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isso supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo (EG n. 187). Segundo Suess (2017, p. 41), a solidariedade na perspectiva do Papa Francisco, deve ser vivida numa dimensão de devolver à grande maioria, os pobres, o que lhe corresponde. Assim afirma o Papa Francisco na EG n. 192:

Mas queremos ainda mais, o nosso sonho voa mais alto. Não se fala apenas de garantir a comida ou o decoroso ‘sustento’ para todos, mas prosperidade e civilização *em seus múltiplos aspectos*”. Isso engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e, especialmente, trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados aos outros bens que estão destinados ao uso comum.

No Documento de Santo Domingo, a salvação do povo deste planeta não consiste apenas em sair das condições subumana para situações mais dignas, é urgente que “a promoção humana [...] deve levar o homem e a mulher a passar de condições menos humanas para condições cada vez mais humanas [...]. Trata de um verdadeiro canto à vida, desde o não-nascido até o abandonado” (SD n. 162). Segundo o Papa Francisco a “Igreja em saída é aquela defensora e advogada dos pobres e não uma juíza”, e acrescenta, “que ao ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos movemos à vista do sofrimento alheio” (EG n. 193). Segundo Brighenti (2021, p. 188), o Papa Francisco quer uma Igreja de fato pobre e para os pobres reais e cita uma frase que ele disse no Brasil: “vocês, os pobres, são carne de Cristo”. Segundo o Papa Francisco “assim como a Igreja é missionária por natureza, também inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (EG n. 179).

Ainda segundo o Documento de Santo Domingo, a evangelização não deve se descuidar de desenvolver o conhecimento humano, afirma no n. 157:

Entre evangelização e promoção humana – desenvolvimento, libertação – existem, de fato laços profundos: Laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas sim um condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos. Laços de ordem teológicas, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços da ordem eminentemente evangélica, qual seja a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo, sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? (EN n. 31).

O Papa Francisco trata da dimensão social da evangelização no capítulo IV da EG, apelando para os agentes de pastorais, teólogos e aos leigos que sejam instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam ser integrados plenamente na sociedade. Para o Papa Francisco a “dignidade de cada pessoa e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política econômica, mas, às vezes, parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral” (EG n. 203).

Nessa mesma linha de pensamento, afirma sobre o Documento de Santo Domingo, no item que aborda os Direitos Humanos:

A Igreja, ao proclamar o Evangelho, raiz profunda dos direitos humanos, não se arroga uma tarefa alheia à sua missão, mas, ao contrário, obedece ao mandato de Jesus Cristo ao fazer da ajuda ao necessitado uma exigência essencial de sua missão evangelizadora. **Os Estados não concedem estes direitos;** a eles compete protegê-los e desenvolvê-los, pois, pertencem por sua natureza ao homem. (EN, n. 166)

Para Boff (1984, p. 68-69), os direitos humanos são inalienáveis e sagrados, direitos das maiorias, os pobres que estão no mundo inteiro. Na América Latina os direitos humanos são violados, o direito à vida, aos meios que promovem a vida, a integridade física, trabalho, moradia, educação, a saúde, segurança social, os direitos individuais têm de estar em sintonia com os direitos sociais: “Os pobres da América Latina, por meios lícitos, devem reivindicar seus direitos individuais e sociais, afirma”. Para o autor da EG essas reivindicações são justas e,

A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras. Também seria uma paz falsa aquela que servisse como desculpa para justificar uma organização social que silencie ou tranquilize os mais pobres, de modo que aqueles que gozam dos maiores benefícios possam manter o seu estilo de vida sem sobressaltos, enquanto os outros sobrevivem como podem. As

reivindicações sociais, que têm a ver com a distribuição de renda, a inclusão social dos pobres e os direitos humanos não podem ser sufocados com o pretexto de construir um consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz. A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão acima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando esses valores são afetados, é necessária uma voz profética. (EG n. 218).

Podemos perceber que para o Papa Francisco, a transformação da sociedade exige consciência, força de vontade dos cristãos, engajamento na política “embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política” a Igreja “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” (EG n. 183). Na Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, Paulo VI mostra, de forma especial, em seu parágrafo 4, a relação que existe entre política e fé, citado pelo Papa Francisco na EG, quando defende que “perante situações, assim tão diversificadas, se torna difícil tanto o pronunciar uma palavra única, como o propor uma solução que tenha um valor universal. Mas, isso não é ambição nossa, nem mesmo a nossa missão. É às comunidades cristãs que cabe analisarem, com objetividade, a situação própria do seu país” (EG n. 184). Paulo VI, no documento anteriormente citado afirma que cabe as comunidade cristãs, o sujeito que fornece o discernimento à vida política, as necessidade e optar pela política ou não (ANDRADE, 2014, p.230). Na EG, o Papa Francisco reflete a questão econômica, a causadora de exclusão, desigualdade e morte:

[...] tudo entra em jogo da competitividade e da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Assim, teve início a cultura do ‘descartável’, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração, mas de uma realidade e opressão, mas de uma realidade, nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, ‘sobras’. (EG n. 53).

O autor da EG traz um tema espinhoso e próprio da teologia latino-americana. Ele condena veementemente a idolatria do dinheiro:

[...] criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. EX 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das necessidades: o consumo. (EG n. 55).

Segundo Moser (1996, p.149), a força do pecado social obriga milhões de seres humanos a mergulhar na mais extrema pobreza, e o pior, a idolatria que está por detrás dessa pobreza, de modo arraigado e escondido: “Hoje, o bezerro de ouro se evidencia de diversas maneiras: ídolos do lucro, da produção, das leis de mercado etc.” Não se dá primazia à vida, mas aos mais variados mecanismos econômicos e sociais, esses ídolos exigem sacrifícios de milhões de pessoas. Afirma, nessa mesma perspectiva, o Documento de São Domingos:

Os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, repressão, assassinatos, mas também pela existência de condições de extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas que originam grandes desigualdades. A intolerância política e o indiferentismo diante da situação de empobrecimento generalizado mostram desprezo pela vida humana concreta que não podemos calar. (SD n. 167).

Para Boff (1984, p. 70), “os pobres ao tomarem consciência dos seus direitos básicos negados, eles reagem manifestando sua indignação e recorrem a meios lícitos que estão ao seu alcance, como associações de moradores, sindicatos”, nas comunidades, onde se lutam pelos direitos de forma simples e eficaz, em muitas organizações populares. As Igrejas da América Latina não cruzaram os braços e nem mediram esforços para promover a vida e defender os direitos humanos, criando meios eficientes para que haja justiça. Os bispos latino-americanos afirmaram em Santo Domingo n. 169:

Na América Latina e no Caribe, as grandes cidades estão doentes em suas zonas centrais deterioradas e sobretudo em suas periferias. No campo, as populações indígenas e camponesas são despojadas de suas terras ou confinadas em terras menos produtivas, enquanto se continua derrubando e queimando as florestas na Amazônia e em outras partes do continente. Diante dessa crise, vem-se propondo como saída o desenvolvimento sustentado, que pretende atender as necessidades e aspirações do presente, sem comprometer as possibilidades de atender-las no futuro. Quer-se com isso conjugar crescimento econômico com limites ecológicos.

O teólogo Boff, no seu livro intitulado *A saudade de Deus, a força dos pequenos*, afirma que pelo fato de Jesus ter assumido a condição humana e cósmica, ele sofre com todos os miseráveis do planeta terra e o grito de milhões de sofredores se funde com o grito da Mãe Terra. Defende Boff (2020, p. 36) que “a floresta que é derrubada por motosserra significa golpes em seu corpo. O ar contaminado adocece seu princípio vital. Nos ecossistemas dizimados e pelas águas poluídas, Ele continua sangrando e perdendo capacidade de regeneração”. Segundo Suess (2017, p. 41-43) “o planeta terra pertence a toda a humanidade e não a um pequeno grupo que detêm um poder descomunal capaz de destruir tudo em detrimento dos seus interesses econômico”. Segundo Oliveira (2022, p. 354), para o autor da EG, “o ser humano não deveria ser tão ambicioso a ponto de querer ser o dono do mundo, mas deveria ser um administrador coerente e responsável pela obra da criação”. Para o Papa Francisco na EG n. 215:

Há outros seres frágeis e indefesos, que muitas vezes ficam à mercê dos interesses econômicos ou de um uso indiscriminado. Refiro-me ao conjunto da criação. Nós, os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas. Pela nossa realidade corpórea, Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação. Não deixemos que, à nossa passagem, fiquem sinais de destruição e de morte que afetem a nossa vida e a das gerações futuras.

Segundo Brighenti (2021, p. 163), a expressão “conversão pastoral” aparece pela primeira vez no Documento de Santo Domingo, como conversão de mentalidade da comunidade perante aos desafios da coletividade. Nessa mesma perspectiva, o Papa Francisco traz a “Igreja em saída às periferias” e a encoraja a todos a irem contra a correnteza “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG n. 49). Para Trigo (2019, p. 43), sair significa não ficar indiferente a tantas injustiças como a pobreza, a miséria, não tolerar a fome de milhões de seres humanos por todo o planeta, a exploração sexual, à guerra, ao abandono dos idosos, dentre outras violências. De acordo com Passos (2016, p. 88), a luta pela justiça na visão do Papa Francisco constituiu um caminho irrecusável da Igreja do mundo inteiro. As palavras escritas pelo Papa Francisco corroboram com essa afirmação: “Ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Essa é uma desculpa frequente nos ambientes acadêmicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais” (EG n. 201).

A Quinta Conferência latino-americana e Caribenha foi realizada entre os dias 13 e 31 de maio de 200, no Santuário Mariano de Aparecida, em Aparecida - São Paulo, Brasil. Foi um marco importante na caminhada pastoral da Igreja latino-americana e caribenha, em continuidade com as Conferências de Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Nessa Conferência fizeram um estudo minucioso a partir do Vaticano II até Santo Domingo (GALLI, 2019, p. 81). Segundo Miranda (2018, p. 48), o então Cardeal Bergogli, de Buenos, hoje o Papa Francisco, foi o Presidente da Comissão de Redação do texto original do Documento de Aparecida. Defende Suess (2017, p. 24) que “em Aparecida já escutamos a voz do redator responsável pelo documento final, Jorge Mario Bergoglio”. O Papa Bento XVI, no seu discurso inaugural provocou reação sobre os povos indígenas e afro-americano, ao afirmar que o processo de Evangelização na América Latina foi, “com efeito, o anúncio de Jesus e de seu Evangelho não supôs, em nenhum momento, uma alienação das culturas pré-colombianas, nem foi uma imposição de uma cultura estranha” (BRIGHENTI, 2019, p. 188); DAp n. DI). Segundo Brighenti (2019), o Papa Francisco disse ao contrário em sua visita a Bolívia, em Santa Cruz de La Sierra que surpreendeu a todos no seu discurso do dia 09 de julho de 2015, ao afirmar,

Alguns podem dizer que, quando o Papa fala de colonialismo, ele se esquece de algumas ações da Igreja. Mas eu digo isso a vocês com lamento: muitos pecados foram cometidos contra os povos latinos em nome de Deus. Eu humildemente peço perdão, não apenas pelas ofensas da Igreja em si, mas também pelos crimes cometidos contra povos nativos durante a chamada conquista da América”. (BRIGHENTI, 2019, 190).

Prossegue Brighenti (2019, p. 190-191): que ainda na Bolívia, ao fazer um discurso diante dos líderes indígenas com a presença de Evo Morales, Francisco disse de bom tom que é do conhecimento de muitos, inclusive de líderes latino-americano da Igreja, que em nome da evangelização muitos horrores foram praticados e acrescentou:

Graves pecados foram cometidos contra os povos nativos da América em nome de Deus [...]. Também quero que nos lembremos dos milhares de padres que, com o poder da cruz, se opuseram fortemente à lógica da espada. Houve pecado, e muitos. Mas nunca pedimos desculpas, então, agora peço perdão. (BRIGHENTI, 2019, p. 190-191).

Para Suess (2017, p. 87), o Papa Francisco tem conhecimento de causa, o seu discurso parte dos fatos e da história da evangelização das Américas que “começou com a destruição da diversidade cultural, incluindo a diversidade religiosa e a negação do diálogo”. Suess

(2017, p. 88) comenta que “quando a Igreja Católica reza a missa ‘pela unidade do Espírito Santo’, reza pela unidade na diversidade, sempre ameaçada por particularismos, monopólios da verdade, exclusivismos e exigência da uniformidade”. Francisco afirma, na EG, que é preciso contar com a assistência do Espírito para que Ele suscite a diversidade, a pluralidade, multiplicidade, só assim a unidade será realizada:

As diferenças entre as pessoas as pessoas e as comunidades, por vezes, são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita essa diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador que atua por atração. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Pelo contrário, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos, em nossos exclusivismos provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isso não ajuda a missão da Igreja. (EG n. 131).

Nada é mais imperioso, rico e belo do que a diversidade étnica e cultural de um povo e o respeito por essa diversidade, afirma Suess (2017, p. 165). É de conhecimento de todos, que Papa argentino viveu no meio da diversidade cultural. Scannone (2017, p. 227) defende que a experiência pastoral na grande Buenos Aires do Papa Francisco e o conhecimento da pluralidade cultural, principalmente no nível urbano, conferem ao Papa Francisco a autoridade para falar desse tema tão nobre que é a pluralidade cultural. Segundo Scannone (2019, p. 253). Francisco reconhece que é preciso “não esquecer de que a cidade é um âmbito multicultural” (EG n. 74). No que diz respeito à diversidade cultural, a EG defende que se “deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade, e ao mesmo tempo, realizar a unidade” (EG n. 131). Por isso ele traz o modelo do poliedro:

Aqui o modelo não se é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferença entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros têm a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum, que verdadeiramente incorpore a todos. (EG n. 236).

Ainda segundo Scannone (2019, p. 251-255), “essa figura geométrica que se refere tanto a povo de Deus pluricultural, da mesma forma refere-se aos povos da história onde suas exuberantes culturas se entrelaçam com seu rosto multiforme” na “harmonia pluriforme” (EG n. 220) e na “comunhão nas diferenças” (EG n. 228) e todos sonham pela justiça social e defesa da dignidade humana nesse planeta, pois “os pobres ocupam um lugar especial na evangelização e no coração de Deus”. Prossegue Scannone (2019, p. 251-255), afirmando que a imagem do poliedro é “uma figura geométrica com muitas caras distintas. O poliedro reflete a confluência de todas as particularidades que, nele, conservam a originalidade. Nada se dissolve, nada se destrói, nada se domina, tudo se integra. Hoje vós também estais buscando essa síntese entre o local e o global. Esse modelo do poliedro reflete todas as partes que nele mantém a sua originalidade” (SCANNONE, 2019, p. 250).

Segundo Suess (2015, p 165), a unidade “é como uma ponte que se constrói sobre os conflitos sociais, culturais, econômicos e religiosos da humanidade. O arquiteto da referida ponte é o Espírito Santo. Por isso, compreende-se a unidade não como uniformidade, mas como diversidade consentida pelo Espírito Santo”. Segundo o Papa Francisco a “unidade é superior ao conflito” (EG n. 228). Trata-se de aceitar o conflito (EG n. 226) e de “aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo (EG n. 227. Scannone (2019, 265) afirma que são importantes esses três verbos: suportar, resolver e transformar os conflitos e Francisco acrescenta: “descobrir que o primeiro âmbito onde somos chamados a conquistar esta pacificação nas diferenças é a própria interioridade” (EG n. 229) e Scannone conclui que “o agente de pastoral, o político e o cidadão cristão só contribuirão para a paz se pacificarem primeiro seus corações” (SCANNONE, 2019, p. 266).

Na Quinta Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida (2007), os Bispos afirmaram claramente que a dignidade da pessoa humana é inviolável e por esse motivo a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que dá uma nova fisionomia a esta Igreja latino-americana acrescentou:

Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. De fato, João Paulo II, dirigindo-se a nosso continente, sustentou que ‘converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum’. (Dap n. 391).

Segundo o Papa Francisco dialogar com a humanidade faz parte da missão e do carisma da Igreja em saída, pois, é por meio de um sincero diálogo, que será possível construir pontes, unir forças e criar uma rede de solidariedade e ao mesmo tempo, defender as comunidades pobres, excluídas da sociedade:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia antes de tudo’ a eles. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem “o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus’ (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres [...]. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar [...]. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a coloca-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar por meio deles. (EG n. 198).

Miranda (2018, p. 48), por sua vez, defende que a opção pelos pobres implica não só voltar-se para eles, mas deixar-se por eles evangelizar, saber escutá-los e compreendê-los (EG 198). A Igreja só terá credibilidade em seu anúncio do Evangelho (EG 199) se nela os pobres se sintam em casa. E o Papa conclui: “por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198). A espiritualidade é a base da sustentabilidade da missão. “A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG 200). Segundo Suess (2017, p. 95), na EG o Papa Francisco segue a linha de Aparecida atualizando os conteúdos para a Igreja universal. Segundo Brighenti (2021, p. 209), como foi dito acima, a evangelização na cidade é tão complea que não tem espaço para amador:

Sociólogos e economistas, para conhecê-la em lógica econômica, em suas estruturas sociais, em sua dinâmica própria, com seus desafios permanentes e emergentes; b) cientistas políticos, para nos fazer ver as relações entre grupos, seus esforços para firmar-se e afirmar-se no espaço urbano, suas lutas pelo poder nas várias esferas e nos vários níveis; c) antropólogos culturais, para nos ajudar a perceber as distintas identidades e as diversas mentalidades que existem e interagem no espaço urbano, onde convivem ‘mundos’ culturais vários; d) estudiosos de sociologia da religião, com suas várias tendências; e) enfim, especialistas em ética social, para fornecer-nos critérios de discernimento moral dos processos e projetos que dão sentido às ações, grandes e pequenas, e decidem as atitudes que os cidadãos tomam no espaço urbano”. (BRIGHENTI, 2021, p. 209).

O Documento de Aparecida destaca que o mundo da missão exige dos leigos e das leigas uma formação interdisciplinar e atualizada numa perspectiva de diálogo e que colabore com a transformação social, sobretudo nesse complexo e “vasto mundo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas a evangelização” (DAp n. 283). Na EG, o Papa Francisco assumiu o espírito de Aparecida: “Convido a todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG n. 33).

Para Cuda (2021, p. 78) “o conflito só será solucionado a partir da experiência da conscientização, do compromisso, da resistência, do refletir juntos, unir-se e tomar decisões coletivas”. Na Argentina, a Teologia do Povo se articula em torno da memória e estética popular, politicamente recebe o nome de Teologia do Povo na qual o Papa Francisco foi formado, precisa-se investir no “diálogo social que visibilize o conflito, lutar para institucionalizar princípios sociais que emergem da situação de exclusão e de memória comunitária”. Para Brighenti (2021, p. 210), “a cidade é um complexo diversificado, muitas vezes os agentes de pastoral conhecem apenas, partes, fragmentos, mas são diversas realidades que compõem as cidades, do ponto de vista geográfico, cada bairro tem sua história, classes sociais, condomínios fechados, as áreas suburbanas” e acrescenta:

Além de bairros, do ponto de vista territorial, a cidade tem regiões, umas residenciais, outras são comerciais, outras industriais. O centro da cidade, outrora residencial, em geral é totalmente comercial. Igrejas situadas nessa região costumam não ter frequentadores residentes em suas imediações. Na cidade, há também os lugares de encontro das pessoas, seja em torno ao lazer e o esporte, seja em torno à cultura ou a convivência que vão desde as praças de alimentação e cinemas nos *shoppings centers* às academias de ginástica e praças esportivas, aos bares e casas noturnas. Em torno ao lazer, nas cidades em torno a elas, estão as ilhas-paráiso no campo, as praias, os lugares turísticos, os parques ecológicos e diversões etc. (BRIGHETI, p. 210).

Segundo o Documento de Aparecida, os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades eclesiais, movimentos e instituição da Igreja devem estar em conformidade com os desafios do mundo urbano. Nenhuma comunidade deve se omitir ou ter medo de “entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé (DAp n. 365). Segundo Miranda (2018, p. 63), no que concordamos e defendemos neste trabalho, o Papa Francisco segue com fidelidade a linha de Aparecida e propõe uma conversão pastoral que faz

parte da reforma das estruturas da Igreja, sendo capaz de corresponder com a realidade do mundo globalizado.

Percebe-se que o Papa Francisco trouxe para a EG o espírito do Concílio Vaticano II e da teologia latino-americana na qual ele foi formado, documentada nas Conclusões do Vaticano II e das Conferências de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2003). Essa perspectiva latino-americana recebia até pouco tempo da Igreja de Roma, apenas tolerância cética. Com a EG, a Igreja latino-americana teve a sua “recepção oficial na Igreja universal”, afirma Suess (2017, p. 59). Segundo Libânio, iniciou-se o retrocesso da teologia latino-americana nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, o que Karl Rahner chamou de “inverno da Igreja” (LIBÂNIO, 2016, p. 201). Segundo Passos (2016, p. 126), o Papa Bento XVI esteve sempre no auto escalão do longo governo de João Paulo II. Afirma este autor que “a renúncia inesperada do pontífice foi a implosão política do projeto ultraconservador da Cúria Romana e da ala de extrema direita do Vaticano que se solidificou no longo período do pontificado de João Paulo II até o final do pontificado de Bento VI”. Nesse período, o Cardeal Ratzinger era o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé - CDF e agiu duramente contra os teólogos da Teologia da Libertação. A título de exemplificação podemos citar alguns nomes que foram alvos dessa investida: Leonardo Boff (1985), Charles Curran (1986), Edward Schillebeeckx (1986), Matthew Fox (1988), André Guindon (1992), Tissa Balasuriya (1997), Antonii de Mello (1998), Jeanine Gramick e Robert Nugent (1999), Reinhard Messner (2000), Jacques Dupuis (2001), Marciano Vidal (2001) e Roger Haight (2004). Em 1988, Dom Pedro Casaldáliga, da prelazia de São Felix do Araguaia, recusou a assinar um documento do Vaticano que limitava sua ação pastoral, relembra Teixeira (2018).

Segundo Carias (2016, p. 65), era perceptível os esforços dos Bispos latino-americanos para atualizar a pastoral do Concílio Vaticano II e das Conferências em Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e finalmente em Aparecida (2007), para aplicar no trabalho pastoral nas terras latino-americana e caribenha. O Papa Francisco conhece bem a visão do Vaticano II (1962-1965) e o quanto este jogou luzes nas grandes conferências latino-americanas e seus desafios pastorais. Os Bispos procuraram adaptar e vivenciar o Evangelho a partir da realidade do povo. E entre estes, estava o atual Papa Francisco. Andrade (2014, p. 228), defende que em a Exortação apostólica EG a perspectiva da Igreja latino-americana que, de Medellín a Aparecida, enfatiza a dimensão da prática da caridade e da justiça, recebe plena recepção da Igreja universal. Este primado da caridade e da justiça faz com que se compreenda que o engajamento social dos cristãos não possa ser considerado mera

consequência da evangelização, mas é parte integrante e fundamental do *querigma*. Afirma o Papa Francisco na Encíclica que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG n. 176). Sendo assim, “[...] o *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG n. 177).

O Papa Francisco no exercício do seu ministério petrino, do ponto de vista político, rompe com os padrões estabelecidos dos seus antecessores, João Paulo II e Bento VI e assume um novo modo de exercer o seu ministério papal. Afirma Passos (2019, p. 39) que “nesse sentido, o Papa Francisco será condenado pelos juízos externos: dos institucionais que o veem como irresponsável e herético e dos renovadores que o veem como mediador e conformado às estruturas”. O autor da EG, o Papa Francisco, não poupa críticas à ala conservadora da Igreja. Afirma que “em alguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história” (EG n. 95). Ao ser entrevistado pelo um jornalista italiano, disse o Papa Francisco que “os chefes da Igreja geralmente têm sido narcisistas, adúlados, exaltados pelos seus cortesãos. A corte é a lepra do papado”:

Se alguém se sentiu ofendido com as minhas palavras, saiba que as exprimo com estima e com a melhor das intenções, longe de qualquer interesse pessoal ou ideologia política. A minha palavra não é a de um inimigo nem a de um opositor. A mim interessa apenas procurar que aqueles que vivem escravizados por uma mentalidade individualista, indiferente e egoísta possam libertar-se dessas cadeias indignas e alcancem um estilo de vida e de pensamento mais humano, mais nobre, mais fecundo, que dignifique a sua passagem por esta terra. (BRIGENTHI, 2021, p. 18).

Para Passos (2019, p. 28) “existem rejeições a EG por tudo que ela representa para a Igreja e para a sociedade, há dificuldade em distinguir o que pertence a Palavra de Deus e o que é sócio-político-histórico-cultural”. Muitas vezes na imprensa, alguns economistas criticam com dureza o Papa Francisco, chamando-o de socialista e comunista. De acordo com Sung (2018, p. 22), o Papa critica as leis de mercado porque são geradoras de exclusões e sofrimento a milhões de pessoas. O autor da EG diz que precisamos dizer “não a uma economia de exclusão e da desigualdade social” (EG n. 53). Para Passos (2016, p. 158), “a cultura planetária está estruturada em dois aspectos de um mesmo processo global: o sistema

financeiro que rege as economias do ponto de vista dos mercados (na produção e circulação dos produtos) e o consumo, que inclui a todos em práticas de vida cada vez mais comum”.

Enfim, podemos afirmar, assim como Beozzo (2016, p. 21), que Francisco levou da América Latina para o seu Magistério como Bispo de Roma, a opção pelos pobres e excluídos e por sua libertação que floresceu na Igreja latino-americana e caribenha. O Papa Francisco vivenciou todo o drama da pobreza e da injustiça social na Arquidiocese de Buenos Aires, como padre jesuíta, como bispo auxiliar e depois como Cardeal da capital da Argentina (SCANNONE, 2019, p. 203). Sua escrita, seu pastoreio, seu Magistério, seu Pontificado está entranhado com uma vivência pastoral da Teologia do Povo, que ganhou, ao longo do tempo, novas formas, contornos e anseios fundamentados e institucionalizados no Concílio Vaticano II e nas Conferências latino-americanas, como refletimos acima.

3. Ciência, fé e diálogo inter-religioso

Segundo Cuda (2021, p. 77), em contexto de pobreza estrutural, as religiões são capazes de se unir, promover e alcançar a unidade num só objetivo de construir a paz. Elas não procuram identificação, mas a harmonia na diferença. O que os partidos políticos são incapazes de fazer, as religiões antigas são capazes de construir: a unidade, que dá sentido à vida e valoriza o ser humano, sem nenhuma pretensão de recompensa, mas seu único objetivo é construir a justiça e paz, que deve ser de responsabilidade de todos no mundo de desigualdade e de dependência. Afirma esse autor que,

A unidade não é um dado, é um evento e se dá no diálogo; no evento do diálogo entre diferentes, há um povo, surge um povo no diálogo social como lugar discursivo de unidade. São corpos sofredores constituídos por uma história de sofrimento – por memórias de injustiças sentidas no corpo –, os que tomam posição no discurso público, não ideias. Por isso, manifestam-se de corpo presente no espaço público, dizem com os corpos ali, não por meio de representantes. (CUDA, 2021, p. 77).

Para Boff (2001, p. 29-30), líderes que nasceram das mais diversas religiões do mundo marcaram a história da humanidade como Buda, Isaías, Jesus Cristo, São Paulo e, nos tempos modernos, Luther King, Ghandi, Dom Hélder Câmara e Dom Oscar Romero são pessoas carismáticas que mergulharam no mistério do Ser e testemunharam esse encontro com a realidade comprometendo-se com a causa da justiça e muitos sacrificaram suas vidas pela nobreza da sua atuação na defesa da vida dos indefesos e do bem comum. Segundo Boff

(2021), o líder tibetano, Dalai-Lama, com seu espírito místico transformou o seu exílio numa missão de conscientização e de promoção da paz através de palestras, mesas-redondas no mundo inteiro:

Poucos, como Dalai-Lama, possuem tamanho dom para consolar os aflitos, gerar sentido para os desempregados e pregar a paz, fruto do diálogo entre as religiões, qual abraço entre os povos, na perspectiva de salvar a humanidade como família e garantir um futuro para a Casa Comum que é o planeta Terra. Ele percorre o mundo todo pregando esse evangelho. (BOFF, 2001, p. 22).

Segundo o Papa Francisco (2017, p. 202), no Islã há homens e mulheres que se nutrem de uma mística incontestável, dedicam-se diariamente tempo para suas orações, encontro com o transcendente e participam dos seus ritos religiosos, reconhecem suas vidas na sua totalidade é do transcendente e para Ele. Suas vidas são pautadas na espiritualidade, na misericórdia e na ética. Preocupam-se com os pobres, com a injustiça que assola o mundo e com a inclusão dos vulneráveis na sociedade e em todo planeta:

Neste tempo, adquire grande importância a relação com os crentes do Islã, hoje particularmente presentes em muitos países de tradição cristã, onde podem celebrar livremente o seu culto e viver integrados na sociedade. Não se deve jamais esquecer de que eles ‘professam seguir a fé de Abraão, e conosco adoram o Deus único e misericordioso, que há de julgar os homens no último dia’. Os escritos sagrados do Islã conservam parte dos ensinamentos cristãos; Jesus Cristo e Maria são objeto de profunda veneração e é admirável ver como jovens e idosos, mulheres e homens do Islã são capazes de dedicar diariamente tempo à oração e participar fielmente nos seus ritos religiosos. Ao mesmo tempo, muitos deles têm uma profunda convicção de que a própria vida, na sua totalidade, é de Deus e para Deus. Reconhecem também a necessidade de lhe responder com um compromisso ético e com a misericórdia para com os mais pobres. (EG n. 252).

Segundo o Papa Francisco (2017), ao conversar com o Patriarca da Turquia sobre a unidade, que é um caminho que se constrói ao longo da estrada e não num congresso de Teologia e Ciência da Religião, ouviu do Patriarca Bartolomeu uma frase do Patriarca Atanágoras, que dizia a Paulo VI: “Vamos caminhar juntos, tranquilos, e vamos colocar todos os teólogos numa ilha, que discutam entre si e enquanto isso nós vamos caminhando na vida”. Ambos conversaram sobre o problema da ecologia e se prontificaram em trabalhar juntos em prol do Planeta Terra, que é de responsabilidade de todos. E disse ainda que, “acolhi a visita

de muitos irmãos ortodoxos, Bartolomeu, Hilarion, o teólogo Zizioulas, o copta Tawadros: este último é um místico, entrava na capela, tirava os sapatos e ia rezar. Senti-me irmãos deles”. Ao visitar a Mesquita na Turquia, o *muft* estava comentando o Corão com brandura, o qual falava de Maria e de João Batista com respeito e veneração (PAPA FRANCISCO, 2017, p. 202-205).

Segundo Boff (2001), as religiões anunciam prédicas, mas também acentuam práticas. As religiões são fontes de ética e de comportamentos, no cristianismo, no Budismo, no Islamismo elas anunciam que é através do compromisso com os injustiçados que acontecem a transfiguração do ser humano e colaboram com a transformação da sociedade e do mundo por meio de uma prática de justiça numa amorosidade com os outros e compaixão para com os que sofrem, numa vida de despojamento que permite uma abertura para acolher os que passam fome: “Se conseguir desenvolver essa prática, então o ser humano é capaz de construir um caminho para o céu ou para o nirvana que é a suprema realização do ser humano” (BOFF, 2001, p. 24-25).

Para Barros (2019), todas as religiões baseiam suas prédicas em desenvolver a mística da compaixão (*karuna* budista), a *misericórdia* (Islã) e o *amor* (Agapé) judaico-cristão, consequência do primeiro amor que é Deus. A fé abraâmica geradora das três grandes religiões (judaísmo, cristianismo e o Islã) concordam que Deus se revela na criação. “Talvez o que é próprio da espiritualidade judaico-cristã é que essa saída ao outro não é apenas uma espécie de consequência ética da mística, da espiritualidade [...] o próprio coração da experiência de intimidade com Deus”, ressalta Barros (2019, p. 140-142). Por isso, para o Papa Francisco o ser humano transcende-se no outro. E Boff (2000, p. 48) diz que “a transcendência principalmente se dá no encontro com as pessoas”. Chardin jesuíta, místico e cientista no seu livro *Meio Divino* afirma que o ser humano que está dentro de Deus nunca sairá de dentro dele:

Na ação, primeiramente, eu adiro ao poder criador de Deus; coincido com ele; tomo-me não apenas o seu instrumento, mas o seu prolongamento vivo. E como não há nada de mais íntimo em um ser do que a sua vontade, eu me confundo, de algum modo, pelo meu coração, com o próprio coração de Deus. Esse contato é perpétuo, uma vez que ajo sempre; e, ao mesmo tempo, uma vez que eu não poderia encontrar limite à perfeição de minha fidelidade, nem ao fervor de minha intenção, ele me permite assimilar-me a Deus sempre mais estreitamente, indefinidamente. (CHARDIN, 1957, p. 29).

Caminhando nessa mesma direção, Francisco afirma que a pastoral exige:

Três campos de diálogo em que a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica. (EG n. 238).

O Papa Francisco na sua nova Exortação pós-sinodal, *Querida Amazônia - QA*, traz a figura geométrica chamando-a de poliedro amazônico nos parágrafos 29-32 desse documento. Segundo Scannone (2011), quando o Papa Francisco fala do povo com o seu “rosto multiforme” (EG n. 116), à sua “multiforme harmonia” (EG n. 117), essa diversidade das culturas o Papa utiliza a imagem da figura geométrica do poliedro para “significar a unidade plural no seio do conjunto, de diferenças irreduzíveis”. Para Francisco, o “modelo do poliedro, reflete a confluência de todas as partes que nele mantém a sua originalidade” (EG n. 236). Nesse documento, o Papa Francisco concebe “a evangelização como inculturação”, como também na EG. Comenta a situação degradante de mais de cento e dez povos indígenas, mas também demonstra suas riquezas: liturgia, suas danças, ritos, gestos, espiritualidade, o modo de viver em comunidade, as culturas e símbolos que podem enriquecer a Igreja Católica (QA n. 94). Suess (2007, p. 69) defende que a palavra “mística” pode significar espiritualidade, reza, culto, romaria, experiência de Deus, esoterismo. Os povos indígenas, por exemplo, ao se prepararem para uma luta importante, pintam seus corpos, fazem danças e invocam seus espíritos para favorecer o empreendimento. Francisco, no documento supracitado, lamenta que o Concílio Vaticano II já tinha solicitado a inculturação da liturgia nos povos indígenas (SC, n. 37-40; 77; 81), já se passaram mais de 50 anos e pouco foi feito (QA n. 82). Ele reconhece a riqueza das Comunidades Eclesiais de Base - CEB's, que souberam integrar a defesa dos direitos sociais com anúncio missionário e a espiritualidade, foram verdadeiras experiências de sinodalidade no caminho evangelizador da Igreja na Amazônia (QA n. 96). Ele cita a EG n. 178: “a partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre a evangelização e a promoção humana”. Ele disse que a defesa dos direitos humanos faz resplandecer o rosto de Cristo (QA n. 75). Para Suess (2021, p. 8), no que concordamos, Papa Francisco ao escrever a Exortação Apostólica *Querida Amazônia* inspira-se na EG.

Segundo o Papa Francisco existe um vasto campo que necessita de diálogo entre credos e religiões que não significam relativização das próprias convicções, mas reconhecimento de outros caminhos que procuram aproximar-se do mistério inesgotável que é Deus:

Nesse diálogo, sempre amável e cordial, nunca se deve descuidar do vínculo essencial entre diálogo e anúncio, que leva a Igreja a manter e intensificar as relações com os não cristãos [...]. A verdadeira abertura implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas ‘dispensável para compreender as do outro’ e ‘sabendo que o diálogo pode enriquecer ambos’. Não nos serve uma abertura diplomática que diga sim a tudo para evitar problemas, porque seria um modo de enganar e negar-lhe o bem que se recebeu como um dom para partilhar com generosidade. Longe de se contraporem, a evangelização e o diálogo inter-religioso apoiam-se alimentam-se reciprocamente. (EG n. 251).

Considerando o benefício da humanidade, outro tema que vem à luz na EG, além do diálogo inter-religioso, é o tema do diálogo entre fé e ciência. Segundo Suess (2015, p. 88), nas diversas descobertas científicas está presente o dedo de Deus, da mesma forma pode-se descobrir Deus no encontro com o outro “algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer Deus” (EG n. 272), este Deus “que não nos abandona, que tira o bem do mal com o seu poder e a sua criatividade infinita” (EG n. 278).

O diálogo entre ciência e fé também faz parte da ação evangelizadora que favorece a paz. O cientificismo e o positivismo recusam-se a “admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas”. A Igreja propõe outro caminho, que exige uma síntese entre um uso responsável das metodologias própria das ciências empíricas e os outros saberes como a filosofia, teologia, e a própria fé que eleva o ser humano até o mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque “a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus”, e não se pode contradizer entre si. A evangelização está atenta aos progressos científicos para iluminá-los com a luz da fé e da lei natural, tendo em vista procurar que sempre respeitem a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases da sua existência. Toda a sociedade pode ser enriquecida por meio desse diálogo, que abre novos horizontes ao pensamento e amplia as possibilidades da razão. Também este é um caminho de harmonia e pacificação. (EG n. 242).

Segundo Suess (2017, p. 89) o Evangelho se anuncia “em diálogo com outras ciências e experiências humanas” (EG n. 133), no mundo urbano e rural (EG n. 72). Isso exige dos pastoralistas reflexões que “não se contentem com uma teologia de gabinete” (EG n. 133), mas que adquiram uma teologia experimentada na convivência pastoral e com outras ciências. Ainda segundo esse autor, nos cenários de pluralismo cultural, procura-se construir um

caminho que privilegia “o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos” (EG n. 239). Sem perder a questão de fundo, a “preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões” (EG n. 239). As causas maiores da justiça nos unem além das identidades étnicas. (SUESS, 2017, p. 90). Segundo Chardin (1970), religião e ciência estão interligadas de tal maneira que uma não se desenvolve sem a outra, são duas faces que formam a totalidade que só podem ser conjugadas simultaneamente:

Quando, no Universo movediço [...] vemos as séries temporais e especiais divergir e soltar-se a roda e para trás, como as camadas de um cone, estamos talvez a fazer Ciência pura. Mas, quando voltamos do lado da Vértice, para a Totalidade e para o Futuro, forçoso nos é fazer também Religião. Religião e Ciência: as duas faces ou fases conjugadas de um só ato total de conhecimento – o único que pode abarcar, para os contemplar, os medir e os completar, o Passado e o Futuro da evolução. (CHARDIN, 1970, p. 313).

Segundo Brighenti (2018, p. 64-65), a ciência e a religião, a vida cotidiana e espiritualidade se dialogam e a interdependência leva o ser humano a ter um estilo de vida sobre o cuidado que abarca todos os campos: “o econômico, o social, o ambiental, cultural, o espiritual, a compaixão, aliança entre a humanidade e o ambiente, pois tudo estão umbilicalmente ligados e a corresponsabilidade por tudo o que existe e vive e pelo destino comum”.

Para o Papa Francisco é preciso reconhecer também a sinodalidade como um meio indispensável para se aprofundar ao diálogo:

Se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito Santo, quantas coisas aprendemos uns com os outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós. Só para dar um exemplo, no diálogo com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade. Através de um intercâmbio de dons, o Espírito pode conduzir-nos cada vez mais para a verdade e o bem. (EG n. 246).

Segundo Brighenti (2020, p. 176) “Igreja em saída necessita do auxílio das ciências, a missão é uma ação complexa e exige reflexão antes, durante e depois dela”. A teologia é indispensável para pastoral, mas é imprescindível estabelecer uma relação interdisciplinar

com as diversas ciências como, a sociologia, a antropologia, a história, a psicologia, a economia, a política, a geografia, a biologia e outros saberes populares. O agente de pastoral deve saber dialogar e ler a valiosa contribuição das ciências que colabora no mundo da missão e não podem ser dispensadas. Caso contrário, o agente de pastoral vai ficar desconectado e seu trabalho não atingirá o seu objetivo. Os agentes pastorais precisam de formação adequada para navegar em diversas áreas das ciências, saber que o mundo atual é plural e torna-se cada vez mais diversificado. A inter-relação com outros saberes permite que se vislumbre o ponto de partida e o ponto de chegada da evangelização. O ponto de chegada diz respeito a colocar os pés no chão.

A ideia – as elaborações conceituais – está a serviço da captação, compreensão e condução da realidade. A ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenha. O que empenha é a realidade iluminada pelo raciocínio. É preciso passar do nominalismo formal à objetividade harmoniosa. Caso contrário, manipula-se a verdade, do mesmo modo que se substitui a ginástica pela cosmética. Há políticos – e também líderes religiosos – que se interrogam por que motivo o povo não os compreende nem os segue, se as suas propostas são tão lógicas e claras. Possivelmente, é porque se instalaram no reino das puras ideias e reduziram a política ou a fé à retórica; outros esqueceram a simplicidade e importaram de fora uma racionalidade alheia à gente. (EG n. 232).

O Papa Francisco diz que se deveria evitar as diversas formas de ocultamento da realidade “os projetos mais formais do que reais [...], os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria (EG n. 231). Não há conversão ao Evangelho sem conversão à realidade, lugar onde Deus se revela, falou e continua falando (BRIGHENTI, 2021, p. 177). Boff (2021, p. 46), relata que ao fazer parte de uma mesa-redonda ao lado de Dalai-Lama, *Sobre religião e paz entre os povos*, no intervalo perguntou: “- Santidade, qual é a melhor religião? [...] Respondeu Dalai-Lama: A “melhor religião é aquela que te faz melhor, mais compassivo, mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável”. E continuou “a religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião”. Nietzsche, filósofo alemão, pregou a morte de Deus e fez críticas severas ao cristianismo. Ele compôs essa oração intitulada *A Oração ao Deus Desconhecido* e Boff (2000, p. 84-85) traduziu-a em linguagem acessível em seu livro *Tempo de Transcendência*:

Antes de prosseguir em meu caminho e lançar o meu olhar para a frente uma vez mais, elevo, só, minhas mãos a Ti na direção de quem eu fujo.
A ti, das profundezas de meu coração, tenho dedicado altares festivos para que, em cada momento, Tua voz me pudesse chamar.
Sobre esses altares estão gravadas em fogo estas palavras:
“Ao Deus Desconhecido”.

Seu, sou eu, embora até o presente tenha me associado aos sacrílegos.
Seu, sou eu, não obstante os laços que me puxam para o abismo.
Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a servi-Lo.
Eu quero Te conhecer, desconhecido.
Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida.
Tu, o incompreensível, mas meu semelhante, quero Te conhecer, quero servir só a Ti. (Friedrich Nietzsche).

III – Impactos eclesiais e sociais do documento do Papa Francisco

Buscando analisar os impactos do documento, tanto dentro da Igreja Católica, como na sociedade, especificamente a brasileira, nesse capítulo o nosso olhar recai sobre o capítulo quarto do documento, intitulado “A dimensão social da evangelização”, isto é, buscamos analisar a dimensão social do agir da Igreja Católica, segundo o pensamento social do Papa Francisco. Já no início, o documento afirma que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, n. 176). A partir dessa compreensão - o transcendente implicado no mundo, o papa partilha “suas preocupações”, como ele mesmo afirma no mencionado documento, para que o “sentido autêntico e integral da missão evangelizadora não seja desfigurado” (EG n. 176). Fundamentando-se na doutrina social da igreja¹⁴, afirma que “já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado [...] Deus deseja a felicidade dos seus filhos também nesta terra [...]” (EG, n. 182). Nessa perspectiva, defendendo que “todos os cristãos, incluindo os pastores, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor” (EG, nº 184). Duas questões sociais, que o documento considera fundamentais, são elencadas para reflexão nesse quarto capítulo do documento: a inclusão social dos pobres e a questão da paz e do diálogo social. E é a partir das reflexões, orientações e ensinamentos contidos no documento e que reverberam no agir da Igreja, que iremos focar o olhar nesse capítulo.

Segundo Galli (2019), nesse capítulo da EG o Papa Francisco recolhe contribuições da Igreja latino-americana, presentes nos documentos de Medellín e Aparecida, que já apontavam para a promoção humana e desenvolvimento integral no processo de evangelização. Essa perspectiva é ampliada para a Igreja do mundo inteiro, agora num documento papal, ao afirmar que “reconhecemos a conexão íntima que existe entre

¹⁴ A Doutrina Social da Igreja é o ensinamento dos Pastores da Igreja Católica acerca da vida do homem e da sociedade, que tem origem na reflexão ao se articular o conhecimento das ciências humanas e os ensinamentos do Evangelho e da Tradição da Igreja. Assim sendo, a Doutrina Social da Igreja (DSI) não se caracteriza como ideologia, mas como teologia moral, ou seja, como reflexão de fé sobre o comportamento do homem em sociedade. Não é um sistema ideológico ou pragmático com objetivo de orientar as relações econômicas, políticas e sociais, mas sim o resultado de uma reflexão atenta sobre as complexas realidades da existência humana, na sociedade e no contexto internacional, à luz da fé e da Tradição eclesial. Seu objetivo é analisar a realidade examinando se estão de acordo ou em desacordo com o ensinamento do Evangelho sobre o ser humano e sobre sua vocação terrena e transcendente; visa, pois, orientar o comportamento cristão em suas relações sociais (cf. João Paulo II, Sollicitudo rei socialis, n. 41). a DSI cumpre uma função social de anúncio e de denúncia. É mensagem dirigida aos filhos da Igreja, mas também à toda a humanidade. A DSI foi se formando pouco a pouco com progressivos pronunciamentos do Magistério (ensinamentos do Papa e dos Bispos reunidos) quando se referiram a temas sociais.

evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG nº 177-185).

1. Inclusão das pessoas pobres

Sobre a “inclusão social dos pobres”, o n. 186 da EG afirma que “deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade”. Para o Papa Francisco (2019) “os pobres não são número”. Eles não podem ser pensados, estudados, reduzindo-os a dados estatísticos. Por trás das estatísticas, como têm recordados os Bispos da América Latina (Puebla 31-39, Santo Domingo 178, Aparecida 402), estão homens, mulheres, crianças e idosos com rostos concretos, vidas destroçadas: camponeses, indígenas, negros, mulheres, população em situação de rua, desempregados, moradores de favelas e periferias, vítimas do tráfico, mães desesperadas, jovens pobres e negros, migrantes, homossexuais. São rostos sofredores, junto com a desigualdade social, que é a “raiz dos males sociais” (EG nº 202). Afiram o documento:

A necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar; e não apenas por uma exigência pragmática de obter resultados e ordenar a sociedade, mas também para curá-la de uma mazela que a torna frágil e indigna, e que só poderá levá-la a novas crises. Os planos de assistência, que ocorrem a determinadas emergências, deveriam considerar-se apenas como respostas provisórias. Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais. (EG n. 202).

Aquino Jr. (2022), faz uma reflexão que junto com a pobreza, aparecem outras formas de injustiça, opressão, marginalização e exclusão. A esses gritos, também se acrescenta o grito da natureza, da Terra, devastada e reduzida a recurso e/ou instrumento de acumulação do capital, com consequências trágicas para os pobres que vivem nas periferias e áreas de riscos e para as futuras gerações. Os pobres são as primeiras e as principais vítimas da crise ecológica e das catástrofes ou dos crimes ambientais (AQUINO JÚNIOR, 2022, p. 422). Para o Papa Francisco,

Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a conhecer Cristo sofrendo: os sem abrigo, os toxicod dependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos, cada vez sós e abandonados etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por se pastor de uma Igreja sem fronteiras, que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais. Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo dessa integração um novo fator de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam e favorecem o reconhecimento do outro. (EG n. 210).

Para Aquino Júnior (2022) diante dos inúmeros e grandes desafios faz-se necessário discutir e desenvolver projetos concretos que capazes de contemplar as necessidades da imensa maioria e que esteja em sintonia com os direitos humanos e como parte de um processo mais amplo e permanente de luta pela transformação da sociedade, é urgente uma articulação emergencial com o estrutural “supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidades, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (EG n. 188). No que diz respeito ao caráter processual e social da conquista de direitos e da transformação da sociedade são tarefas que exigem habilidade, técnica, estudo, conhecimento de causa e coragem. (AQUINO, JÚNIOR, 2022, p. 430). Acrescenta o Papa Francisco:

A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política econômica, mas, às vezes, parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral. Quantas palavras se tornaram molestas para este sistema! Molesta que se fale de ética, molesta que se fale de solidariedade mundial, molesta que se fale de distribuição dos bens, molesta que se fale de defender os postos de trabalho, molesta que se fale da dignidade dos fracos, molesta que se fale de um Deus que exige um compromisso em prol da justiça. Outras vezes, acontece que essas palavras se tornam objeto de uma manipulação oportunista que as desonra. A cômoda indiferença diante dessas questões esvazia a nossa vida e as nossas palavras de todo o significado. A vocação de um empresário é uma nobre tarefa, desde que se deixe interpelar por um sentido mais amplo da vida; isso lhe permite servir, verdadeiramente, ao bem comum com o seu esforço por multiplicar e tornar os bens deste mundo mais acessíveis a todos. (EG n. 203).

A correlação de força é indispensável, mas exige que sejam reais, práticas, ousada e sábia nos processos sociopolíticos. A força e os resultados de uma luta dependem da articulação com diversos setores da sociedade, organizações populares, igrejas, ONGs, universidades, meios de comunicação social etc. Isso não acontece sem tensões e conflitos, mas seria impossível transformar a sociedade sem passar pelos momentos conflituosos. Aquino júnior (2022) citando uma expressão de Dom Hélder Câmara, “as minorias abraâmicas” – pessoas e grupos que, “em todos os recantos da terra, dentro de todas as raças, todas as línguas, todas as religiões, todas as ideologias”, se dedicam a construir um mundo mais justo e mais humano”. “Uni-vos, minorias abraâmicas”. Ninguém solta a mão de ninguém! (AQUINO JÚNIOR, 2022, p. 432). Nessa perspectiva afirma a EG n. 204:

Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado. O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento econômico, embora o pressuponha; requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo. Longe de mim propor um populismo irresponsável, mas a economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno, como quando se pretende aumentar a rentabilidade reduzindo o mercado de trabalho, criando assim novos excluídos.

Segundo Magalhães (2022), a maneira mais eficaz de transformar o mundo e conquistar os direitos de todos seria pela via da articulação e organização, avaliação, da luta diária e da movimentação social. Os grupos excluídos da sociedade foram conquistando direitos, por meio de reivindicações, protestos e foram gradualmente sendo incluídos no sistema de proteção constitucional (MAGALHÃES, 2022, p. 567-568). Cuda (2021, p. 75) afirma que para o Papa Francisco, o caos significa um *kairós*¹⁵, um momento importante e “oportuno do qual se pode sair melhor ou pior, mas não igual, e chama o povo a fazer memória e se organizar a partir daí como comunidade política”. Favero (2018), defende que a conscientização do ser humano deve ser prioridade, pois é através dela que o cidadão conhece seus direitos e deveres e pode contribuir na construção de uma nova história, marcada pela justiça, pela paz.

¹⁵ Kairos, que em português escrevemos kairós, tinha para os gregos o significado de "momento certo" ou momento oportuno. É uma ocasião indeterminada no tempo em que algo especial acontece. A palavra é usada em teologia para descrever o "tempo de Deus".

Atento à questão da “inclusão social dos pobres”, o Papa Francisco nos anos posteriores à publicação da EG, parte para ações concretas, incentivando o engajamento e participação dos cristãos católicos nos processos sociais de luta por direitos dos pobres e excluídos da sociedade e na busca de transformações estruturais no contexto social atual. Não fica apenas em palavras. Vai para o debate, o confronto, podemos assim dizer. Na busca em colocar em prática o que acredita, encontra muitos desafios e incompreensão. Mas não conseguem detê-lo nem lhe calar. Aqui destaca-se a relação próxima de Francisco com os “movimentos populares/sociais” e com outras organizações sociais, cuja foco seja o “bem comum”. Lesbaupin (2018, p. 40-41) afirma que nos pontificados de João Paulo II (1978-2005) e de Bento XVI (2005-2013), houve uma “guinada para o conservadorismo” dentro da Igreja Católica, isto é, o compromisso pelos pobres retrocede, dando lugar à preocupação com a Igreja instituição. E vai mais longe na sua reflexão ao afirmar que “nunca tivemos uma posição tão nítida em defesa dos Movimentos populares como se deu com o pontificado de Francisco. É a primeira vez que a maior autoridade da igreja Católica reconhece publicamente nos Movimentos populares o papel de sujeito da transformação social” (LESBAUPIN, 2018, p. 41), fazendo alusão aos Encontros Mundiais dos Movimentos Populares, convocados pelo Pontífice.

O Papa Francisco promoveu três encontros Mundiais dos Movimentos Populares, com as lideranças de movimentos populares nos anos de 2014 (Roma), 2015 (Bolívia), 2016 (Roma), “unindo sua voz à voz dos movimentos sociais, através dos famosos três “Ts”: terra, teto e trabalho”. O primeiro encontro realizou-se em Roma nos dias 27, 28 e 29 de outubro de 2014, quase um ano após a publicação da EG. O Papa Francisco (2014) acolheu no Vaticano cento e sessenta representantes de movimentos sociais de vários países, entre os quais o Brasil. No seu discurso aos participantes, afirma:

Os pobres não só suportam a injustiça, mas também lutam contra ela! Não se contentam com promessas ilusórias, desculpas ou alibis. Sequer estão à espera de braços cruzados, pela ajuda de ONGs, planos assistenciais ou soluções que nunca chegam, ou que, se chegam, fazem-no de maneira a ir na direção de anestesiar ou domesticar, o que é bastante perigoso. Vós sentis que os pobres não esperam mais e querem ser protagonistas; organizam-se, estudam, trabalham, exigem e, sobretudo, praticam aquela solidariedade tão especial que existe entre os que sofrem, entre os pobres e que a nossa civilização parece ter esquecido, ou pelo menos tem vontade de esquecer.

Segundo Betto (2018), o Papa Francisco critica o assistencialismo na sua Exortação Apostólica EG (EG n. 204), ainda que esta seja uma prática muitas vezes incentivada pela Igreja Católica. No Brasil, o refrão da conhecida canção de Geraldo Vandré¹⁶ foi transformado em motivação e incentivo pelos movimentos populares “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Os mais atuantes e politizados deles, atualmente, são o Movimento dos Sem Terra - MST e o Movimento dos Sem Tetos - MTST, em suas organizações e lutas por terra e teto (BETTO, 2018, p. 208).

Segundo João Pedro Stédile, Bergoglio quando era Cardial de Buenos Aires já tinha laços históricos com os Movimentos Sociais da Argentina. Ao ser eleito em 2013, disse que gostaria de manter vínculos com os movimentos populares de todo planeta e iniciou o diálogo com o propósito de articular e promover um encontro mundial dos Movimentos Populares. No final daquele ano, os Movimentos mantiveram conversas com a Pontifícia Academia de Ciências e a Comissão de Justiça e Paz do Vaticano de modo a tornar realidade a nobre intenção do Papa de conhecer de perto os diversos movimentos que estão no mundo inteiro. O critério adotado foi de convidar representantes de movimentos que se organizam e lutam pelos três direitos humanos fundamentais: terra para semear, teto para viver e trabalho digno. Foi possível a participação de cento e oitenta representantes de todo planeta. Em outubro de 2014 realizou-se o primeiro encontro dos Movimentos Populares com o Papa Francisco, no Vaticano: “Espera-se que as Conferências episcopais, nacionais como a CNBB e de todos os continentes repitam em seus respectivos países a mesma iniciativa do Papa Francisco e promovam encontros dos Movimentos Populares” (BETTO, 2018, p. 2019).

No primeiro encontro, o Papa Francisco apresentou três necessidades básicas, porém indispensáveis para à vida humana: terra, teto e trabalho que ficou conhecido como os três “Ts”. (CARIAS, 2018, p. 127). O Papa acrescentou no seu discurso em 2014:

Este nosso encontro responde a um anseio muito concreto, a algo que qualquer pai, qualquer mãe, quer para os seus filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais distante da maioria das pessoas: terra, casa e trabalho. É estranho, mas, se falo disto para alguns, o papa é comunista. Não se compreende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, casa e trabalho, aquilo pelo que lutais, são direitos sagrados. Exigi-lo não é estranho; é a doutrina social da Igreja. Medito sobre cada um deles, porque os escolhestes como palavras de ordem para este encontro.

¹⁶ A música “Caminhando”, de Geraldo Vandré, tornou-se símbolo da luta e resistência contra a ditadura militar no Brasil (1964-1985) ou qualquer outra forma de opressão e vem sendo cantada, até a atualidade, em passeatas e movimentos sociais. Lançada em 1968, em pleno auge do regime autoritário, a canção se tornou um hino de protesto e esperança para uma geração que clamava - e clama - por liberdade e democracia.

O Papa Francisco (2014) faz, nesse discurso um apelo quanto à necessidade de teto: “Uma casa para cada família [...] Hoje, tantas famílias sem casa, porque nunca a tiveram ou porque a perderam por diferentes motivos. Família e casa caminham juntas”. Nesse primeiro encontro, em Roma, “o Papa além de motivar os movimentos populares em suas reivindicações e lutas como meios de conquistar a justiça social estimulou a buscar as causas estruturais da pobreza” (BETTO, 2018, p. 209).

Em linguagem acessível aos ouvintes, mas com um tom forte em defesa aos direitos da pessoa humana, o Papa Francisco enfatiza que a maioria da população mundial não tem acesso à terra, a um teto e trabalho. Afirma, categoricamente em seu discurso, sem medo de críticas:

Este nosso encontro responde a um anseio muito concreto, a algo que qualquer pai, qualquer mãe, quer para os próprios filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais distante da maioria das pessoas: terra, casa e trabalho. É estranho, mas se falo disto para alguns o Papa é comunista. Não se compreende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, casa e trabalho, aquilo pelo que lutais, são direitos sagrados. Exigi-lo não é estranho, é a doutrina social da Igreja. Medito sobre cada um deles, porque os escolhestes como palavra de ordem para este encontro.

Segundo Scannone (2019), quando Francisco recebeu alguns desses movimentos, que na EG chama de “sujeitos coletivos ativos” (EG n. 122) em 28 de outubro de 2014, agradece a eles e animou-os dizendo:

Vós sentis que os pobres querem ser protagonistas de sua história, se organizam, estudam, trabalham, reivindicam e, sobretudo, praticam essa solidariedade tão especial que existe entre os que sofrem. [...] A solidariedade [...] consiste em lutar contra as causas estruturais da pobreza e da desigualdade: a falta de trabalho, de terra e de moradia, a negação dos direitos sociais e trabalhistas. (Solidariedade) é enfrentar os destrutivos efeitos do império do dinheiro: os deslocamentos forçados, as migrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas essas realidades que muitos de vós sofreis e que todos somos chamados a transformar. (SCANNONE, 2019, p. 205).

Nesse primeiro e histórico encontro com lideranças de Movimentos sociais, o Papa Francisco (2014) encerra seu discurso enfatizando o protagonismo dos mesmos para a conquista de direitos e transformações sociais. Afirmando categoricamente:

Os movimentos populares expressam a necessidade urgente de revitalizar as nossas democracias, tantas vezes desviadas por inúmeros factores. **É impossível imaginar um futuro para a sociedade sem a participação como protagonistas das grandes maiorias e este protagonismo transcende os procedimentos lógicos da democracia formal.** A perspectiva de um mundo de paz e de justiça duradouras pede que superemos o assistencialismo paternalista, exige que criemos novas formas de participação que incluam os movimentos populares e animem as estruturas de governo locais, nacionais e internacionais com aquela torrente de energia moral que nasce da integração dos excluídos na construção do destino comum. E assim com ânimo construtivo, sem ressentimento, com amor. Acompanho-vos de coração neste caminho. **Digamos juntos de coração: nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhuma pessoa sem a dignidade que provém do trabalho.** (Grifos nossos).

O segundo encontro do Pontífice com os movimentos populares foi em Santa Cruz de La Siera, Bolívia, entre sete e nove de julho de 2015, onde volta a “erguer” a bandeira dos três “Ts”: teto, trabalho e terra, que afirma serem “direitos sagrados”. Neste segundo encontro houve uma significativa ampliação, em comparação ao primeiro, de 180 para 1500 representantes dos movimentos sociais, de 40 países do mundo. Durante os três dias, refletiram sobre o tema: “Mãe Terra, Moradia, Trabalho – Integração dos Povos”. A abertura do encontro teve a presença do então presidente da Bolívia, Evo Morales, e do cardeal Peter Turkson, do Conselho Pontifício de Justiça e Paz do Vaticano. Segundo Betto (2018, p. 20), o “Papa Francisco, ao contrário de seus antecessores João Paulo II e Bento XVI, acredita que a transformação social será fruto do protagonismo dos movimentos populares e não das iniciativas das elites e poderosos”. Para Löwy (2016, p. 220), Francisco, implicitamente, retomou o tema da Teologia da Libertação e criticou a idolatria do dinheiro:

Detrás de tanto dolor, tanta muerte e destrucción, se huele el tufo de eso que Basilio de Cesarea llamaba “estiércol del diablo”. La ambición desenfadada de dinero que gobierna. Esse es el *estiércol del diablo*. El servicio para el bien común queda relegado. Cuando el capital se convierte em ídolo y dirige las opciones de los seres humanos, cuando la avidez por el dinero tutela todo el sistema socioeconómico, arruina la sociedad, condena al hombre, lo convierte em esclavo, destruye la fraternidade inter-humana, enfrenta Pueblo contra Pueblo y, como vemos, incluso pone em riesgo esta nuestra casa común.

Novamente, no seu longo e contundente discurso aos participantes, no dia nove de julho de 2015, o Pontífice ressalta o protagonismo dos movimentos sociais na busca por mudanças significativas na sociedade, denunciando as injustiças sociais no mundo contemporâneo. Afirma o Pontífice:

Em primeiro lugar, comecemos por reconhecer que precisamos duma mudança. Quero esclarecer, para que não haja mal-entendidos, que falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e, em geral, também de toda a humanidade. Problemas, que têm uma matriz global e que atualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. [...] Precisamos e queremos uma mudança. [...] Se isso é assim – insisto – digamo-lo sem medo: **Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável:** não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos ... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco. (Grifos nossos).

Encerrando seu discurso, como em Roma, 2015, Francisco enfatiza:

Estou convosco. E cada um, repitamos a nós mesmos do fundo do coração: **nenhuma família sem teto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice.** Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra. (Grifos nossos).

O terceiro encontro ocorreu em Roma, entre os dias dois a cinco de novembro de 2016. O Papa, como chefe da Igreja Católica, advogou um projeto de mudanças como “alternativa humana diante da globalização da indiferença: a) Por uma economia a serviço dos povos b); Construir a paz e a justiça; c) Defender a Mãe Terra”. Löwy (2016, p. 45), cita Gramsci, filósofo marxista, ao perceber a dimensão utópica do pensamento religioso ao afirmar:

A religião é a utopia mais gigantesca, a ‘metafísica’ mais gigantesca que a história jamais conheceu, porque é a tentativa mais grandiosa de reconciliar, de forma mitológica, as contradições verdadeiras da vida histórica. Ela afirma, na verdade, que a humanidade tem a mesma natureza, que o homem... tendo sido criado por Deus e, portanto, irmão dos demais homens, é igual aos demais homens, e livre entre os outros homens como eles...; mas ela afirma também que tudo isso não é deste mundo, mas sim de um outro (a utopia). Por isso que as ideias de igualdade, fraternidade e liberdade fermentaram entre os homens... Por isso é que sempre ocorre que em cada agitação radical da multidão, de uma maneira ou de outra, com formas

específicas e ideológicas específicas, essas reivindicações sempre são levantadas. (LÖWY, 2016, p. 45).

Segundo Löwy (2016), Gramsci acreditava no cristianismo por que era por meio dele que em certas condições históricas, seria “uma forma necessária da vontade das massas populares, uma forma específica de racionalidade no mundo e da vida” (LOWY, 2016, p. 45-46). Engels, mesmo sendo ateu, materialista, inimigo irreconciliável da religião demonstrou interesse, admiração e otimismo pelo cristianismo primitivo que o definiu como religião dos pobres e oprimidos, dos amaldiçoados, dos perseguidos e fez uma comparação inédita com o socialismo moderno também citado por Löwy:

Os primeiros cristãos vieram dos níveis mais baixos da sociedade: escravos, homens livres que tinham seus direitos abolidos e pequenos camponeses, incapacitados devido as dívidas. Engels chegou mesmo elaborar um paralelo surpreendente entre esse cristianismo e o socialismo moderno: a) os dois grandes movimentos que não são criação de líderes e profetas – embora não faltem profetas em nenhum dos dois; ambos são movimentos dos oprimidos, dos que sofrem perseguição e cujos membros são proscritos e caçados pelas autoridades do governo; c) ambos pregam uma libertação iminente da escravidão e da miséria. Para embelezar sua comparação, Engels, de uma maneira um tanto provocativa, citou uma frase do historiador francês Renan: ‘Se você quiser ter uma ideia de como eram as primeiras comunidades cristãs, dê uma olhada na filial mais próxima da Associação Internacional de Trabalhadores. (LÖWY, 2016, p. 39).

Segundo Löwy (2016, p. 221), na perspectiva de Francisco, o cristianismo católico, passa por um processo de mudança, motivado pelo atual bispo de Roma a conjugar teoria e prática. Na visão do sociólogo Löwy, “o futuro dirá se, nestas condições, o Cristianismo da Libertação poderá conhecer um novo período de florescimento”.

No 4º Encontro Mundial de Movimentos Populares, em 2021, o Papa Francisco em reunião virtual, envia longa mensagem aos participantes, ressaltando o papel dos movimentos sociais para combater a exclusão, a desigualdade e a indiferença. Chama os participantes de “poetas sociais”, justificando essa expressão afirmando que “sois poetas sociais, porque tendes a capacidade e a coragem de criar esperança onde só aparecem o descarte e a exclusão”. Na mesma linha dos eventos anteriores, ressalta as situações de injustiça social e exploração no mundo contemporâneo. Afirma o Pontífice (2021):

Quero pedir, em nome de Deus, aos países poderosos que cessem as agressões, bloqueios e sanções unilaterais contra qualquer país em todas as partes do mundo. Não ao neocolonialismo. Os conflitos devem ser resolvidos em organismos multilaterais, tais como as Nações Unidas. Já vimos como acabam as intervenções, invasões e ocupações unilaterais, mesmo que se realizem sob os mais nobres motivos ou coberturas. Este sistema, com a sua lógica implacável de lucro, está a fugir de qualquer controlo humano. É tempo de pôr travões à locomotiva, uma locomotiva fora de controlo que nos está a conduzir rumo ao abismo. Ainda há tempo. Aos governos em geral, aos políticos de todos os partidos, quero pedir, juntamente com os pobres da terra, que representem os seus povos e que trabalhem para o bem comum. Quero pedir-lhes a coragem de olhar para os próprios povos, de fitar as pessoas nos olhos, e a coragem de saber que o bem de um povo é muito mais do que um consenso entre as partes (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 218). Que evitem ouvir apenas as elites económicas, tão frequentemente os porta-vozes de ideologias superficiais que se esquivam das verdadeiras questões da humanidade. Que estejam ao serviço dos povos que pedem terra, habitação, trabalho e uma vida boa. Aquele “bom viver” aborígene que não é a “dolce vita” nem o “dolce far niente”, não. Aquele bom viver humano que nos coloca em harmonia com toda a humanidade, com toda a criação.

O Pontífice, como chefe da Igreja, organizou e/ou participou de inúmeros encontros com organizações sociais ao longo do seu pontificado. Brevemente, alguns destes encontros, que se considera significativos dentro da perspectiva do pensar e do agir social da igreja, sob o pensamento do atual papa. No encontro realizado em Modesto, Califórnia (EUA), em fevereiro de 2017, o Papa Francisco além de salientar o protagonismo dos Movimentos Populares e dizer que se vive num sistema que causa sofrimento a milhões de família humana, afronta a dignidade humana e ataca a casa comum para sustentar a tirania invisível do dinheiro que garante os privilégios de poucos, acrescentou, “Da participação dos povos como protagonistas, e em grande medida de vós, Movimentos Populares, dependem a direção a assumir neste momento histórico e a solução desta crise, que continua a exacerbar-se” (BETTO, 2018, p. 217).

Em junho de 2017, Francisco recebeu em audiência no Vaticano os líderes da Confederação Italiana dos Sindicatos dos Trabalhadores - CISL e pediu aos sindicalistas que, além de lutar pelas suas respectivas categorias profissionais, assumissem também a sublime causa dos refugiados e dos demais excluídos. Isso inclui também os Movimentos Populares que muitas vezes se encerram em suas bandeiras específicas, como a luta por terra, moradia, ou água, sem se articularem com outros movimentos que lutam por igualdade de gênero ou outra homofobia e o racismo (BETTO, 2018).

Aguiar (2019, p. 403) se refere ao drama do refugiado e cita Hannah Arendt:

Um refugiado costumava ser uma pessoa levada a buscar refúgio por causa de algum ato praticado ou opinião sustentada. Bem, é verdade que tivemos de buscar refúgio; mas não praticamos nenhum ato e a maioria de nós nunca sonhou em ter qualquer opinião política radical. Conosco o significado do termo ‘refugiado’ mudou. Agora ‘refugiados’ são aqueles de nós que foram tão infelizes a ponto de chegarem em um novo país sem recursos e terem de ser ajudados por comitês de refugiados.

O Papa Francisco com esse apoio aos movimentos e sua visão social tem contribuído imensamente para a conquista da justiça e da paz. Suas atitudes e discursos são muito bem aceitos por muitos que nunca se comoveram com iniciativas da Igreja e até viam como “ópio do povo”. Importante a mobilização do Papa Francisco em escala mundial para que mais gente acorde e se mobilize e que se convença que realmente outro mundo é possível e urgente, afirma Betto (2028, p. 228-229). Segundo Libânio (2014, p. 150) os Fóruns Sociais Mundiais são espaços utópicos importante, pois “Nele o sentimento religioso se faz presente por meio de instituições comprometidas com utopias sociais”. Para o ativista Whitaker (2018, p. 226), “os Fóruns Mundiais são importantes devidos as discussões e críticas de líderes mundiais que fazem ao sistema e as propostas sugeridas nos debates como contribuições para a transformação da sociedade” e são difundidas para que sejam colocadas em prática pela em prol do bem comum do planeta. O objetivo desses Fóruns Mundiais é acordar a humanidade para os riscos que ela corre e para a necessidade de promover a justiça e a igualdade social para todos possam lutar pela garantia da continuidade da espécie humana.

O Papa também busca levar seu pensamento social, como chefe da Igreja e de nação, a outras instancias institucionais, como a Organização das Nações Unidas - ONU. Segundo Passos (2019), Francisco, na ONU, fez um discurso objetivo que teve reação dividida dos setores conservadores, tanto da sociedade, quanto da Igreja ao condenar os abusos dos ricos e o capitalismo. O Papa responsabilizou os ricos pela destruição do planeta! A partir do seu discurso vieram as críticas dos setores conservadores: Papa é comunista! Papa irresponsável! O Papa é da Teologia da Libertação! O Papa rompe com a tradição e dessacraliza o Papado e presta um desserviço à tradição por romper com ela. O Papa, como chefe de Estado, discursou no Congresso norte-americano, condenou a guerra e criticou o modelo econômico vigente, a imigração e o fundamentalismo religioso. Na Organização das Nações Unidas - ONU, defendeu a questão ecológico e afirmou:

O abuso e a destruição do meio ambiente aparecem associados, simultaneamente, com um processo ininterrupto de exclusão. Na verdade, uma ambição egoísta e ilimitada de poder e bem-estar material leva tanto a abusar dos meios materiais disponíveis como a excluir os fracos e os menos hábeis, seja pelo fato de terem habilidades diferentes (deficientes), seja porque lhes faltam conhecimentos e instrumentos técnicos adequados ou possuam uma capacidade insuficiente de decisão política.

E fez um apelo àquele organismo para que exerça ações eficazes na conjuntura atual:

A multiplicidade e a complexidade dos problemas exigem servir-se de instrumentos técnicos de medição. Isto, porém, esconde um duplo perigo: limitar-se ao exercício burocrático de redigir longas enumerações de bons propósitos – metas, objetivos e indicadores estatísticas -, ou julgar que uma solução teórica única e apriorística dará resposta a todos os desafios. É preciso não perder de vista, em momento algum, que a ação política e econômica só é eficaz quando é concebida como uma atividade prudencial, guiada por um conceito perene de justiça e que tem sempre presente que, antes e para além de planos e programas, existem mulheres e homens concretos, iguais aos governantes, que vivem, lutam e sofrem e que muitas vezes se veem obrigados a viver miseravelmente, privados de qualquer direito.

O exercício burocrático do poder que o Papa Francisco detectou na Igreja Católica e que rejeitou como vício, igualmente detecta na ONU. Para Francisco as Instituições e organizações existem como estruturações para estar a serviço de uma causa nobre e maior que as justifica e direciona: “Sem esse senso de justiça, elas perdem suas razões e funções de ser. A vida humana no sentido concreta é o apelo urgente e direto todas elas, e os marginalizados e necessitados são o alvo mais urgente de suas ações”. (PASSOS, 2016, p. 34-36).

O Pontífice participa em novembro de 2020 de um encontro em Assis, Itália, para discutir uma nova economia. Estiveram presentes figuras com muita credibilidade e influentes como,

Muhammad Yunus, conhecido como o ‘banqueiro dos pobres’ e Amartya Sen professor de filosofia e economia da Universidade Harvard (Estados Unidos) e da Universidade de Cambridge (Reino Unido), ambos agraciados com Prêmio Nobel. Outros renomados especialistas em desenvolvimento sustentável e economia solidária, como Bruno Frey, suíço; Carlo Petrini, italiano fundador do *Slow Food*; Kate Raworth, inglesa; Jeffrey Sachs, estadunidense interessado nas causas da pobreza; a indiana Vandana Shiva, diretora do Fórum internacional sobre Globalização; e Stefano Zamagni, italiano, foram convidados para o evento. (SOUZA, 2022, p. 41-42).

Esse encontro teve como objetivo promover intercâmbios entre teoria e prática, de modo que se pudesse elaborar uma proposta alternativa à economia hegemônica que, segundo o Papa Francisco gera exclusão social e enriquecimento de poucos. O Papa não teve dúvida que esse encontro apontaria linhas gerais de uma economia: justa, sustentável e inclusiva. Na declaração final desse encontro (2020), os jovens economistas e empresários participantes do mundo inteiro pediram:

1. seja ativada uma comunhão mundial das tecnologias mais avançadas para que, também nos países de baixa renda, as produções seja sustentáveis; seja superada a pobreza energética – fonte de disparidade econômica, social e cultural – para realizar a justiça climática.

1. o direito ao trabalho digno para todos, os direitos da família e todos os direitos humanos sejam respeitados na vida de cada empresa, para cada trabalhadora e cada trabalhador, garantidos pelas políticas sociais de cada país e reconhecidos em nível mundial, com uma carta comum que desencoraje a escolhas empresariais voltadas apenas para o lucro e baseadas na exploração das crianças e adolescentes e dos mais desfavoráveis.

1. as empresas e os bancos, especialmente os grandes e globalizados, introduzam um comitê ético independente em sua governança com veto em matéria de meio ambiente, justiça e impacto sobre os mais pobres. (SOUZA, 2022, p. 40-45).

Em vários países, inclusive no Brasil, vários grupos se articulam para promover “eventos, fóruns, seminários e debater uma nova economia, propor novos currículos para universidades que abordem novos modelos econômicos inclusivos, mapear, promover e partilhar experiências de economia solidária, criativa, inclusiva, justa”. Tais grupos são ativos e incentivam estudos com o objetivo de novas descobertas e práticas de uma economia que esteja serviço da vida humana (SOUZA, 2022, p. 42).

Segundo Souza (2022), em maio de 2020, no Vaticano, o Papa Francisco articulou e realizou um pacto educativo a nível internacional e convidou profissionais da área da educação de diversos países para discutir amplamente sobre a educação e os efeitos da tecnologia, do consumo e da cultura do imediatismo/individualismo na sociedade contemporânea. Francisco propôs três desafios a serem enfrentados, discutidos e aprofundados pelos especialistas da educação; primeiro, ter a coragem de colocar no centro de as discussões a pessoa humana; segundo, investir corajosamente nas suas melhores energias com criatividade e responsabilidade e, finalmente, a coragem de formar, capacitar e conscientizar pessoas que se comprometam com a comunidade e sejam capazes de promover uma “cultura do encontro” (SOUZA, 2022, p. 45-48).

Na perspectiva de Francisco a educação deve estimular o indivíduo a ter coragem a se colocar a serviço da comunidade. Servir, na visão do pontífice, significa trabalhar ao lado dos mais necessitados, estabelecer com eles, antes de tudo, relações humanas, de proximidades (SOUZA, 2022). Para tanto, segundo Paulo Freire (1970, p. 174), “faz-se necessário que a educação proporcione ao pobre a cortar o cordão umbilical de caráter mágico e mítico para que eles se unam entre si e conquiste a libertação”. E acrescentou: “É inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para, humanizando-a, humanizar os homens” (FREIRE, 1970, p. 183). É nessa perspectiva que o Papa Francisco diz que para haver transformação social e eclesial é precisa mudar a mentalidade das pessoas.

O Papa Francisco trouxe também para o centro do debate religioso teses de extrema urgência como o cuidado com a casa comum, isso é, a questão ecológica e os dilemas das democracias contemporâneas, ao tratar do protagonismo dos movimentos sociais como construtores de uma nova sociedade democrática. O Papa Francisco buscou na periferia do mundo, os exemplos para a superação desses e de outros grandes desafios globais: ao tratar da saída para a aguda crise democrática contemporânea, Francisco dá voz e encoraja os movimentos sociais, reunindo-se com lideranças de tais movimentos na América Latina; ao tematizar a necessidade de um novo modelo de economia, “chama como principais interlocutores os jovens; ao tratar da questão ambiental, volta sua atenção à Amazônia” (SOUZA, 2022, p. 49).

Não obstante, foi travada uma guerra midiática, pelos opositores de Francisco, regada com muito dinheiro encabeçada, entre outros, por Steve Bannon e grupos religiosos ultraconservadores. Essa batalha política foi patrocinada por governos e por grupos de ultradireita dentro e fora do catolicismo.

Francisco organizou em Roma um sínodo que se transformou em um grande pacto internacional em defesa da Amazônia e dos povos locais (indígenas, ribeirinhos e seus modos de vida e da biodiversidade – O Papa Francisco convocou um sínodo em Roma nos dias 6 e 27 de outubro de 2019 para discutir, exclusivamente, a região amazônica que abrange nove países da América Latina: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa. Foram convidados Bispos e especialistas de diversas áreas e conhecedores da região para discutir as questões pertinentes a floresta.

O Papa enfatizou na sua Encíclica *Laudato Sí*, que tudo está interligado e que é preciso defender e proteger a casa comum, o planeta:

Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta. Isto compromete o sentido da luta pelo meio ambiente. Não é por acaso que São Francisco, no cântico onde louva a Deus pelas criaturas, acrescenta o seguinte: “louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor”. Tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade. (LS n. 91).

O Sínodo da Amazônia demonstrou essa simbiose entre o meio ambiente, os seres humanos e os dilemas da sociedade e, por isso, o encontro extrapolou o campo eclesial e se tornou, internacionalmente, um foco de discussão sobre o modelo predatório da economia que destrói não somente a natureza, mas as culturas e os povos originários, beneficiando somente uma ínfima parcela da população opulenta. O Papa já tinha explicitado a questão ecológica na Encíclica *Laudato Si* e agora ele discute com exclusividade a questão amazônica no Sínodo em Roma.

Entre os resultados práticos do sínodo destaca-se a criação da Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM, um “organismo que aposta no protagonismo dos povos amazônicos na defesa e cuidado da casa comum através de um serviço de interconexão e articulação de ações”, formada, entre outros, pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); pelo Secretariado da América Latina e Caribe (SELACC); e pela Confederação Latino-americano e Caribenho de Religiosos e Religiosas (CLAR). Tal rede demonstra uma excelente organização supranacional em defesa da Amazônia, seus povos originários, os ribeirinhos etc. (SOUZA, 2022, p. 51).

Assim, pela perspectiva de um novo humanismo em prol de humanos e a natureza as discussões e resultados do sínodo conectam temas como os dilemas da ecologia e da economia (extrativista, individualista e exploratória) e seus inevitáveis impactos na estrutura da sociedade e “aponta para questões geopolíticas que certamente transbordarão em ações da Igreja católica na região panamazônica e já sinalizam para a necessidade de outro pacto global em defesa da casa comum, como vem pregando Francisco desde sua assunção ao trono papal” (SOUZA, 2022, p. 49-52).

O Bispo de Roma aos poucos “vai tecendo seu magistério marcado pela alegria, apelo ao ser humano a assumir a sua responsabilidade, na crise socioambiental e, por esta mesma responsabilidade, a sua possibilidade, de trabalho para revertê-la” (SOUZA, 2022, p. 54).

Francisco promoveu uma árdua empreitada de reforma da Igreja católica. Ela é uma referência para a sociedade ocidental, e o enfrentamento das suas mazelas é fundamental para sinalizar a sociedade a importância de mudanças estruturais que a instituição eclesial deve assumir, “se propõe a colaborar na construção de uma nova sociedade. E de um novo humanismo” (SOUZA, 2022, p. 55). O Papa Francisco propõe reformas amplas e profundas na Igreja Católica que atinja toda a Igreja: a paróquia (EG n. 28), as comunidades de base, as pequenas comunidades, os movimentos e associações (EG n. 29), as Igrejas particulares (EG n. 30), o ministério do bispo (EG n. 31) e o próprio papado (EG n. 32). A todos e a tudo o papa exorta a “serem ousados e criativos nessa tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG n. 33) (SOUZA, 2022, p. 55):

As mudanças propostas pelo Papa Francisco no contexto de uma nova cultura de encontro, portanto profundamente humana e humanizadora. Um novo modelo de Igreja conectada com os problemas com os dilemas sociais, ambientais, econômicos, políticos da contemporaneidade, capaz de ser uma ponte de diálogo ecumênico com outras culturas e tradições religiosas. (SOUZA, 2022, p. 57).

2. Diálogo social e a questão da paz

Para o Papa Francisco o diálogo social e religioso com as outras religiões é um dos meios mais adequado para contribuir com a construção da paz e da justiça, também almejada por outras religiões que predica a paz e a vivência (BOFF, 2000). Ao longo do seu pontificado, Francisco, no Vaticano, tem recebido em audiência vários líderes religiosos e através das suas viagens internacionais tem demonstrado disposição para dialogar fraternalmente com todos os líderes religiosos. “E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação”, comenta Freire (1979, p. 107). Segundo Freire, o diálogo além de ser uma exigência existencial do ser humano é também um encontro respeitoso que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. O diálogo além ser cordial, é um

profundo amor pela casa comum e aos homens sempre com o propósito de promover a justiça e o bem comum. É um ato de coragem e ousadia e nunca de medo. O amor é compromisso com os homens mais necessitado e que precisa de solidariedade e de oportunidades para conquistar a justiça e a paz. Onde quer que estejam estes, oprimidos e deserdados o ato de amor está em se comprometer-se com sua causa de a libertação. “Mas, este compromisso que está a serviço dos pobres, porque é amoroso, é dialógico” (FREIRE, p.79-80). Para o Papa Francisco o diálogo deve ser sempre amável, cordial, respeitoso e que possa criar uma ponte que facilite a Igreja a manter e intensificar as relações com aqueles que não são cristãos (EG n. 251):

[...] com esse método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio. Um diálogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais. Os esforços à volta de um tema específico podem transformar-se em um processo em que, por meio da escuta do outro, ambas as partes encontram purificação e enriquecimento. Portanto, esses esforços também podem ter significado de amor à verdade (EG n. 250).

Após sua eleição, Francisco não hesitou em dar início a viagens internacionais, com o propósito de dialogar com outras religiões. Visitou, em 2014, a Turquia, com população de maioria muçulmana; a Albânia, também de maioria muçulmana; Coreia do Sul, cuja maior religião é a budista, com um quarto da população; a Jordânia, maioria muçulmana; Israel, de maioria judaica e a Palestina, de maioria muçulmana. Na viagem à Terra Santa, Francisco se encontrou com dois grã-rabinos judaicos e com o grã-mufu muçulmano na Esplanada das mesquitas em Jerusalém. Em Marrocos, país de quase totalidade muçulmana, foi emblemática a apresentação musical feita com a presença do Papa Francisco e representantes de diversas tradições religiosas, onde foi apresentada uma peça com uma cantora judia, uma cristã e um cantor muçulmano: “E continua a lista de viagem para o diálogo com representantes de religiões diversa da sua, em busca de engajamento e ação em conjunto em prol da humanidade e dos problemas que a assolam milhões de seres humanos” (SOUZA, 2022, p. 58).

Entre tantas viagens e encontros internacionais realizados pelo pontífice o que mais chamou atenção no seu pontificado foi ao Emirados Árabes Unidos, de 3 a 5 de fevereiro de 2019, o Papa Francisco assinou,

O documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum, juntamente com o grão-imã da mesquita de Al-Azhar, Sheikh Ahmad al-Tavveb. O acordo teve a intenção de celebrar o gesto de Francisco de Assis que visitou a região, de maioria islâmica a mais de oitocentos anos atrás. Foi a primeira visita de um Papa à Península Árabe, berço do islamismo. (SOUZA, 2022, p. 59).

Segundo Passos, na Jornada Mundial da Juventude, realizada entre os dias 23 a 28 de julho de 2013, o Papa Francisco esteve no Brasil e ao visitar a favela da Varginha, Rio de Janeiro, parou com sua comitiva para rezar com os irmãos pentecostais que estavam à frente do seu templo. Ao visitar Israel, abraçou, simultaneamente, um rabino e um muçulmano. Na sua visita aos Estados Unidos recebe um casal Gay e acolhe uma tabeliã que foi presa por se recusar a celebrar casamento de homossexuais em nome da fé que professava. Em junho de 2014, promoveu um encontro histórico entre os líderes dos Estados de Israel e da Palestina, com a presença do Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu I. Francisco quer mostrar ao mundo que é possível manter diálogo a partir da fé que cada religião professa e condenou a guerra naquela histórica zona de conflito. O encontro de oração foi um momento de fé que unia a todos o que Otto denomina de “totalmente outro” (OTTO, 2017, p. 117) e, ao mesmo tempo, foi um passo importante e histórico na tentativa de superar conflitos entre aquelas duas nações e produzir frutos concretos na solução da violência que seifa milhares de vidas. (PASSOS).

Segundo Ortega (2017), o diálogo entre Raúl Castro e Barack Obama só teve êxito devido a mediação do Papa Francisco e a confiança que ambas as partes tinham pelo Bispo de Roma. Sung (2015) afirma que, em um diálogo, se pressupõe que se tenha um desafio ou um problema em comum e em torno do qual se dialoga e tenta equacionar. Para Freire (1987, p. 78), o diálogo faz parte do existir do ser humano, pois “É através do diálogo que se promove um encontro e se solidarizam, reflete e age seus sujeitos endereçados ao mundo com o esforço de ser transformado e humanizado”. Foi por meio de um diálogo triangular entre três protagonistas Cuba-Igreja e Estados Unidos que o Papa Francisco intermediou das mais complexas e desafiadora situação que se prolongava por longo tempo, que foi a libertação de Alan Gros, prisioneiro norte-americano em Havana e três cubanos presos nos Estados Unidos. O Papa Francisco conversou pessoalmente com Barack Obama e Raúl Castro e confiou ao Cardeal Ortega de Cuba para fazer uma ponte entre Roma-Cuba-Estados Unidos (ORTEGA, 2017).

Em março de 2014, o Papa Francisco, no Vaticano, “recebe em audiência Barack Obama e dialogaram a respeito das duras medidas econômicas e restritivas dos Estados Unidos sob Cuba que causava pobreza e sofrimento ao povo cubano há muito tempo”. Francisco foi direto e objetivo ao entrar na cena do diálogo Cuba-Estados Unidos (ORTEGGA, 2017, p. 26). O Papa Francisco, no Vaticano, recebeu em audiência, Raúl Castro e “O Papa a convite de ambas as partes exerceu a função resolutória naquela negociação. Raúl Castro pediu que o Papa fique junto ao governo norte-americano para melhorar as relações entre os dois países” (ORTEGA, 2017, p. 48).

Em 20 de março de 2014, Obama visita à catedral de Havana agradeceu a mediação do Papa Francisco na aproximação entre Cuba e Estados Unidos e de pé fez um gesto religioso no meio da nave central da catedral, disse: “A religião é muito importante, não somente para seu país, mas também para o meu e tirou do bolso um terço que carregava que tinha sido um presente dado pelo Papa Francisco (ORTEGA, 2017, p. 43).

Alan Gross, era chave na negociação, pois foi realmente ele que acabou trocado pelos três cubanos que se encontravam nas cadeias norte-americanas graças o empenho na promoção do diálogo do Papa Francisco entre os dois presidentes: Raúl Castro e Barack Obama (ORTEGA, p. 54-54). Essas atitudes do pontífice vão ao encontro do que escreveu na EG:

Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar em um autêntico diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas, e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum. Temos de nos convencer de que a caridade ‘é o princípio não só das microrrelações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos’. Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos que se empenhem, verdadeiramente, para a sociedade, o povo e a vida dos pobres. É indispensável que os governantes e o poder financeiro levantem o olhar e alarguem as suas perspectivas, procurando oferecer trabalho digno, instrução e cuidados sanitários para todos os cidadãos. E por que não acudirem a Deus pedindo-lhe que inspire os seus planos? Estou convencido de que, a partir de uma abertura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e econômica, que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social. (EG n. 205).

Segundo Ribeiro (2022), a religião tem um papel fundamental, mesmo que corra o risco de ser mal interpretada, criticada e de compreender as religiões, apenas do viés político e social que orienta seus membros a partir de as diversas ideologias. Isto porque, “A religião

aponta para a busca do transcendente, do mistério, mas também desperta para o senso de justiça, vida digna e pelo um mundo sem guerra, sem fome e sem miseráveis” (RIBEIRO, 2022, p. 86-87). O Papa Francisco defende que cabe ao Estado promover o bem comum para todos. “Este, com base nos princípios de subsidiariedade e solidariedade e com grande esforço de diálogo político e criação de consensos, desempenha um papel fundamental – que não pode ser delegado – na busca do desenvolvimento integral de todos” (EG n. 240).

3. Igreja Católica no Brasil

A Igreja no Brasil tem uma caminhada de fé e conscientização desde a década de 1950 através de líderes carismáticos e inspirados. Tillich (2011, p. 689) diz que o Espírito tem se manifestado frequentemente em pessoas e grupos ao despertar a consciência social e conferir uma autoconsciência capaz de surpreender a todos.

Em 1952 foi fundada no Brasil a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); já havia uma experiência de uma Pastoral de Conjunto, abrangendo todo o país e criava-se um exercício de colegialidade episcopal e, “Em 1955 criou-se no Rio de Janeiro o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Nessa época ensaiava-se perspectivas globais de pastoral para todo o continente” (BOFF, 1984, p.19-20) e “O Episcopado brasileiro criou em 1955 as primeiras Comunidades Eclesiais de Base, o Movimento de Educação de Base (MEB) uma pedagogia religiosa do oprimido a partir das inspirações de Paulo Freire vinculado a CNBB” (WRIGHT, 1985, p. 98). Muitos cristãos começaram a militar, em todo o Brasil e também em todo o continente latino-americano, em organizações, populares, em partidos de esquerda, criando projetos alternativos em prol da coletividade em vários países. “Todo esse trabalho era feito dentro de um espírito de reflexão e de fé”. (BOFF, 1984, p. 22). Na década de 60, o índice de conscientização cristã crescia e multiplicava-se em toda continente latino-americano (BOFF, 1984).

Desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja no Brasil, por meio da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), foi pioneira em conjugar o religioso e o social, ambos são indissociáveis como diz o Papa Francisco “o religioso e o humano se interconectam e se interligam”. Para Eliade toda criação é obra do divino e, portanto, irrupção do sagrado que representa igualmente a irrupção de energia criadora do mundo (ELIADE, 2022, p. 86). Para a Igreja do Brasil, a criação como obra do sagrado é inadmissível tanta injustiça neste País. Tillich (2011, p. 703) diz que “a justiça supõe igualdade, mas a igualdade daquilo que é essencialmente desigual é tão injusta quanto a desigualdade daquilo que é

essencialmente igual”. Nessa perspectiva, o Papa Francisco, fez uma citação na *Evangelii Gaudium* do documento 69 n. 2 da CNBB, que comenta os desafios premente do povo brasileiro: desemprego, pobreza e fome:

Desejando assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem-teto, sem pão, sem-saúde, lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício. (EG n. 191).

O Papa Francisco demonstra conhecimento, como argentino, da atuação do episcopado brasileiro e a caminhada em conjunta do Brasil com toda América Latina na defesa dos direitos humanos e que está em sintonia com o seu modo de pensar. Foi a partir da década de 1970, que viu-se surgir no interior da Igreja Católica no Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's); o Conselho Indigenista Missionário – CIMI, a Comissão Pastoral da Terra – CPT, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, dentre outras, com o apoio da CNBB. (LÖWY, 2016, p. 227).

Segundo Löwy o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado em 1985, foi um dos principais impactos da Igreja Católica no Brasil do ponto de vista sociorreligiosa. Ele tem suas raízes na cultura sociorreligiosa do cristianismo da libertação, mesmo secular e não confessional, hoje apoiado pelo Papa Francisco. Outra pastoral criada pela Igreja Católica foi a Comissão Pastoral da Terra (CPT) em 1975 encarnou uma mística que contempla o divino e social de forma intensa, uma vasta rede formada por membros do clero, bispos, homens, mulheres, sociólogos, antropólogos e cientista da religião. A CPT, foi uma formidável escola de agentes camponeses. De início estabeleceu-se na região Norte e Nordeste do Brasil e aos poucos se estendeu por todo o País graças a sua ligação com a CNBB em sua luta pelos direitos de todos. As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) configuram a utopia sociorreligiosa do “Reino de Deus” não como transcendência projetada em outro mundo, mas como uma sociedade nova aqui na terra, fundada no amor, na justiça e na liberdade. As lutas sociais são interpretadas numa perspectiva de Rudolf Otto impulsionados pela energia do numinoso (OTTO, 2017, 55). É uma leitura hermenêutica inovadora e carregada de historicidade social do texto sagrado, a Bíblia. Foi das Comunidades e Eclesiais de Base que nasceram: O MST, CPT e O CIMI (LÖWY, 2016, p. 226-232).

Os documentos publicados pela CNBB têm como objetivo discutir a realidade social com seus desafios, desigualdade, violência etc. (CNBB, Doc 69 n. 13, 14...); as diretrizes Gerais da CNBB (CNBB, Doc n; 109) e tantas outras pastorais sociais como, pastoral da criança, pastoral carcerária etc. Dentro desse cenário de injustiça social no Brasil, surgiram líderes carismáticos que se destacaram como, Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, na década de 1970 tornou-se “o bispo católico mais célebre do mundo, será o símbolo internacionalmente conhecido do comprometimento social da Igreja brasileira e de sua confrontação com o regime militar” (LÖWY, p. 248-249); Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, ao escrever o prefácio do livro *Brasil: Nunca Mais* disse que é indescritível o sofrimento “de quem viu um ente querido desaparecer atrás das grades da cadeia [...]. O “desaparecido” transforma-se numa sombra que ao escurecer-se vai encobrindo a última luminosidade da existência terrena” (WRIGHT, 1985, p. 12). Dom Pedro Casaldáliga, em São Felix do Araguaia, no Mato Grosso e tantos outros. Segundo Lima Vaz (2002, p. 179): “A justiça é uma virtude e, como predicado da lei, que é uma proposição abstrata, deve encontrar seu conteúdo concreto na prática virtuosa do cidadão”.

Enfim, a Igreja no Brasil, atenta e obediente às orientações do Papa, busca fomentar nos cristãos católicos um pensamento social à luz do que este ensina, a partir dos seus documentos oficiais. A atuação da Igreja no Brasil busca, entre outros aspectos, contribuir para que os cristãos exerçam sua missão num mundo complexo e em constantes transformações.

Conclusão

Refletiu-se, criticamente, sobre a Exortação Apostólica EG, que aborda uma visão geral da Igreja Católica e do mundo, com seus desafios, como por exemplo, a pobreza, a injustiça social, a economia e o descaso para com o ser humano, os quais estão entrelaçados e interligados. No documento está presente e latente o pensamento do Papa Francisco como chefe da Igreja Católica e de Estado do Vaticano. Este evidencia na EG o plano de ação de seu pontificado, que interliga os contextos religioso e social (EG n. 182; TLLICH, 2011, p. 690). Observa-se no texto em questão uma síntese entre as ciências e os outros saberes, como Filosofia, Teologia e a fé no transcendente que eleva o ser humano até o mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé, a razão e a ciência caminham harmonicamente “porque a luz da razão e a luz da fé provem ambas de Deus, e não se podem contradizer entre si” (EG n. 242).

No segundo momento viu-se que a EG nasceu a partir de uma crise ética e moral no interior da Igreja Católica que levou a renúncia do Papa Bento XVI em 2013 (PASSOS, 2016,). Verificou-se, que o texto em análise tem suas raízes nos grandes eventos históricos da Igreja Católica e na vida pessoal do próprio Papa como o Concílio Vaticano II, as Conferências Latino-Americanas, a Teologia do Povo, a sua formação acadêmica adquirida na Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola em 1540, na Espanha, sua experiência nas periferias de Buenos Aires. O Papa Francisco é conhecedor das várias etnias do continente latino-americano, valoriza a riqueza e diversidade presente neste contexto, a inculturação dos textos sagrados, Antigo e Novo Testamento, na vida dos povos do planeta. Tillich (2011, p. 689) ressalta que o “Espírito sempre se manifestou na cultura, nos grupos e nas comunidades ao despertar a consciência social ou conferir ao ser humano uma autocompreensão da realidade social e eclesial”. Francisco sabe que os direitos humanos são “universais e válidos para todos os seres humanos, lutar para conquista-los enobrece o homem” (SUNG, 2018, p. 115-119). Esse repertório acadêmica, pastoral e espiritual adquirido na América Latina foi levado para o Vaticano e de Roma para o mundo a partir da EG.

Verificou-se que foi a partir das Conferências latino-americanas que nasceu a Teologia da Libertação, sistematizada por Gutiérrez, Rubem Alves, Leonardo Boff e tantos outros teólogos. A Teologia do Povo pode ser pensada como uma vertente da Teologia da

Libertação, a qual influenciou o pensamento do Papa Francisco. Sobre a visão de Francisco da “casa comum”, no planeta faz-se presente a influência ecológica e espiritual do teólogo brasileiro, Leonardo Boff. (LÖWY, 2016, p. 221).

Os horizontes utópicos trazem uma valorização dos movimentos sociais como meios de colaborar com a inclusão social, haja vista, que os líderes políticos mundiais não têm propostas concretas para sanar os problemas crônicos mundiais. O Papa propõe aos líderes dos movimentos que unam suas forças e lutem em prol da coletividade mundial para defender direitos inalienáveis como terra, moradia, emprego, etc. Para Magalhães (2022, p. 567-568) a transformação do mundo e a conquista dos direitos básicos passa por uma organização, articulação em todos os continentes. E, para “Lutar em todo planeta perante a resistência das elites dominantes não será tarefa fácil, mas nada se consegue sem consciência crítica e mobilização”. Entretanto, o único meio dos excluídos serem incluídos socialmente é a partir das reivindicações, organizações, associações, sindicatos, movimentos e outros, como expôs o Papa Francisco nos encontros internacionais dos movimentos populares. Isto porque, articulação, planejamento e conhecimento são indispensáveis para se conquistar direitos.

O Papa Francisco aposta no diálogo como meio de construir a paz e promover a inclusão social (EG n. 256) entre as religiões em todo o planeta, como o judaísmo, islamismo budismo e tantas outras para juntos colaborarem na defesa da vida. A oração em diálogo sincero e respeitoso entre as religiões são caminhos que se devem trilhar e compromisso pela mesma causa, a justiça social, a paz mundial, a defesa da casa comum, o planeta. As lideranças religiosas gozam de um prestígio tanto religioso quanto social em seus respectivos países. Para as religiões o ser humano só pode viver em um lugar sagrado (ELIADE, 2012). Esse espaço não pode ser relativizado. E Eliade continua “não existe fato religioso “puro”, fora da história, fora do tempo” (ELIADE, 2012, 27). Para Eliade a espiritualidade pressupõe o ser humano integral, o homem social, o homem econômico, assim por diante. E, mesmo assim, não se esgota por si só, pois a vida espiritual é inesgotável. Nesse contexto, as religiões podem ajudar na valorização e libertação do ser humano.

Observa-se que para Francisco a vida social deve ser um lugar de fraternidade, esperança, justiça, paz e dignidade para todos, pois a experiência do divino provoca consequências sociais (EG n.180). Barack Obama disse ao Cardeal de Havana “a religião é muito importante, não somente para o seu país, mas também para o meu” (ORTEGA, 2017, p. 43). Francisco afirma que o diálogo com os líderes políticos mundiais também faz parte da justiça social e da inclusão social, pela via de uma política que promovam a vida como ele ressaltou: “Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar em um autêntico

diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas, e não a aparência dos males do nosso mundo” (EG n. 205). E que se comprometam com a paz social, com uma economia que esteja a serviço do ser humano, a ecologia como prioridade e que faça parte da agenda de todos os governantes desse planeta e que colaborem com espírito e o senso de justiça em prol do ser humano e da casa comum.

Francisco se comunica através de uma linguagem simbólica capaz de estabelecer uma relação com pessoas humildes, intelectuais, movimentos sociais, sindicatos, associações, líderes religiosos de todos os políticos do mundo inteiro com o objetivo de valorizar o ser humano e salvar o planeta terra. Visto que, para Francisco, é necessário criar uma nova mentalidade que pense em termos coletividade dando prioridade a vida do ser humano sobre a apropriação dos bens por parte de alguns (EG n. 188).

Percebeu-se, que Francisco valoriza e motiva todas as conferências Episcopais mundiais que continuem trabalhando com o objetivo de promover a dignidade das pessoas e colaborarem com o planeta terra, conscientiza que ninguém deve ficar de fora. É um trabalho que envolve as pessoas simples, intelectuais, as religiões, os políticos locais, regionais, mundiais e todos os segmentos da sociedade.

Enfim, o Papa Francisco, no documento EG, aponta caminhos e passos para a vivência da religião em um mundo complexo e em constantes transformações. O estudo aponta a necessidade do compromisso dos cristãos católicos em colocar em prática os ensinamentos e exortações do Papa Francisco.

Bibliografia

AGUIAR, Odilio Alves. *Hannah Arendt e o Direito* (Parte II): o Outlaw e o Direito a ter Direitos*. KRITERION, Belo Horizonte, 2019. n. 143, p. 403 – 415.

_____. *O Enigma da Religião*. 6. ed. Campinas/SP: Papirus 2007.

_____. *O Suspiro dos Oprimidos*. 7. ed. São Paulo: Paulus 2012.

AMADO, Joel Portella.: alguns aspectos para sua leitura. In: AMADO, J.P.; FERNADES, L.A. (org.). *Evangelii Gaudium em Questão*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas. 2014.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. A dimensão Social da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J.P.; FERNADES, L.A. (org.). *Evangelii Gaudium em Questão*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas. 2014.

AQUINO, Júnior. Bem viver: esperança, resistência, profecia. In: GUIMARÃES, Joaquim et al. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 422.

AQUINO, Júnior. Uma Igreja pobre para os pobres: abordagem teológico- pastoral do Vaticano II a Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor. (orgs.). *Os Ventos sopram do Sul*. O Papa Francisco e a nova conjuntura Eclesial. São Paulo: Paulinas. 2019. p.149.

ARNS, D. Paulo Evaristo. *Brasil nunca mais*. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BARROS, Marcelo. *Teologia da libertação para os nossos dias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BETTO, Frei. O papa valoriza o protagonismo dos movimentos populares. In: JÚNIOR Aquino, Francisco; ABDALLA, Mauricio.; SÁVIO, Robson. (orgs.). *Papa Francisco com os movimentos populares*. São Paulo: Paulinas. 2018.

_____. *Espiritualidade*. Um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____.BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

_____.BOFF, Leonardo. *Tempo de Transcendência*. O ser Humano como um Projeto Infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio*. Uma biografia intelectual Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BRIGHENTI, Agenor (Org.). *Os ventos sopraram do Sul*. O Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 206.

CARIAS, Celso Pinto. *Outra Teologia é possível, outra Igreja também*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

CARIAS, Celso Pinto. O Papa Francisco e os movimentos populares. In: JÚNIOR Aquino, Francisco; ABDALLA, Mauricio; SÁVIO, Robson. (orgs.). *Papa Francisco com os movimentos populares*. São Paulo: Paulinas, 2018.

CHARDIN, Pierre Teilhard. *O fenômeno humano*. 3. ed. Porto/Portugal, 1970.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Nº 69. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*. nº 69 2ª ed. Brasília, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil nº 69*. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019.

COSTA, Iraneidson Santos Costa. *Volta ao Brasil e outras histórias. Justiça social, cultura e religiosidade popular na América Latina*. (1968-1974). Salvador: UFBA, 2021.

ALLAN da Silva Coelho/ Jung Mo Sung. *Pensamento Crítico e Profecia*. 100 anos do Capitalismo como Religião de Walter Benjamin. São Paulo: Recriar, 2021.

CUDA, Emilce. *Para ler a Francisco*. Teologia, ética y política. Autónoma/ Buenos Aires, 2016.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Martins Fontes, 1996.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla, uma década de sangue e esperança*. De Medellín a Sucre, 1968-1972. São Paulo: Loyola, 1981.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso; 4ª tiragem de 2012. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini. (orgas.). *Evangelii Gaudium em questão*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Puc-Rio: Paulinas, 2014.

Exortação Apostólica, EVANGELII NUNTIANDI. *Sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

Exortação Apostólica, QUERIDA AMAZÔNIA. *Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. São Paulo: Paulus, 2020.

Exortação Apostólica, EVANGELII GAUDIUM. *A alegria do Evangelho, do Papa Francisco*. 1ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2013/2014.

EVARISTO, D. PAULO. *Brasil nunca Mais*. Um relato para a História. 41. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

FAVERO, Roberto Carlos. *Sartre: Uma filosofia em defesa da Liberdade e da Ética*. INTERthesis. V. 15, n 2. p. 19 – 37, 2018.

- FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. 2. ed. Campinas/SP: Papyrus, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GALLI, Carlos. La alegría siempre nueva del evangelio y las novedades pastorales de Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor. *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019. p.91
- GIRARD, René. *O Bode Expiatório*. São Paulo: Paulus, 2014.
- GONZAGA, Waldecir. Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial (EG 195). In: AMADO, Joel; FERNANDES, Leonardo. *Evangelii Gaudium em Questão*. São Paulo: PUC/Rio, 2014.
- GUIMARÃES, Joaquim; ALVES, Claudemir. Apresentação. In: GUIMARÃES, Joaquim et al. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 15.
- IVEREIGH, Austen. *Francisco o grande reformador*. Portugal: Vogai, 2015.
- AMADO, Joel Portela; FERNANDES, Leonardo Agostini. (orgs). *Evangelii Gaudium em questão*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.
- LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo/SP: Paulinas, 2005.
- LIBÂNIO, João Batista. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus 2014.
- LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução a teologia*. Perfil, Enfoques, Tarefas. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MIRANDA, Mario de França. *A reforma de Francisco*. Fundamentos teológicos. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MILLER, Jean-Marie. *O Princípio de não-violência*. Curso filosófico, Instituto Piaget, Lisboa, 1995.
- MOSER, Frei Antônio. *O Pecado*. Do descrédito ao aprofundamento. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. (org.). *Linguagens da Religião*. Desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012.
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

OLIVEIRA, Manfredo Araujo. O Papa Francisco e o mundo de hoje. In: JÚNIOR Aquino, Francisco; ABDALLA, Mauricio; SÁVIO, Robson. (orgs.). *Papa Francisco com os movimentos populares*. São Paulo: Paulinas, 2018.

OLIVEIRA, Manfredo Araujo. O novo Humanismo segundo o Papa Francisco. In: GUIMARÃES, Joaquim et al. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p.354.

PASSOS, João Décia; SOARES, Afonso M. L. (Orgs). *Francisco. Renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. (vários autores).

RIBEIRO, Elton. Habitar humanamente na esperança. In: GUIMARÃES, Joaquim et al. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 92.

SOUZA, Robson Sávio Reis. A aurora de um novo humanismo: ideias e ações do Papa Francisco. In: GUIMARÃES, Joaquim et al. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 57.

PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica do Sumo Pontífice: Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós Sinodal Querida Amazonia*. São Paulo: Paulus, 2020.

PAPA, João XXIII. *Mater et Magistra*. Carta Encíclica de sua santidade o Papa João XXIII sobre a evolução da questão social a luz da doutrina cristã. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PIQUÉ, Elisabetta. *Papa Francisco. Vida e Renovação*. São Paulo: Leya, 2014.

PAPA, Paulo VI. *Octogesima Adveniens*. De Sua Santidade O Papa Paulo Vi Por Ocasão Do 80º Aniversário Da Encíclica Rerum Novarum. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

PAPA, Paulo VI. *Gaudium et Spes. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II Sobre a Igreja no mundo de hoje*. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo*. Raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.

SIQUEIRA, Josafá. Evangelii Gaudium: A esperança de uma nova primavera na igreja. In: AMADO, Joel; FERNANDES, Leonardo. *Evangelii Gaudium em Questão*. São Paulo: PUC/Rio, 2014. p. 24.

SOUZA, Robson. A aurora de um novo humanismo: ideias e ações do Papa Francisco. In: GUIMARÃES, Joaquim et al. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 35.

SUESS, Paulo. *Missão e Misericórdia*. A transformação missionária da Igreja segundo a Evangelii Gaudium. São Paulo/SP: Paulinas, 2017.

SUNG, Jung Mo. *Idolatria do dinheiro e direitos humanos*. Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus, 2018.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo*. Raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 6. ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2011.

TIAGO, Pedro. *Papa Francisco*. Expressão Atualizada do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2019.

VAZ, Henrique Cláudio. *Ética e Direito*. São Paulo: Loyola, 2002.

WHINTAKER, Chico. Amplificando a voz de Francisco. In: JÚNIOR Aquino, Francisco; ABDALLA, Mauricio; SÁVIO, Robson. (orgs.). *Papa Francisco com os movimentos populares*. São Paulo: Paulinas. 2018.

ZAPEDA, José de Jesus Legorreta. Ecclesiologia Lationoamericana em el pensamiento del Papa Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor. (org.). *Os Ventos sopram do Sul*. O Papa Francisco e a noca conjuntura Eclesial. São Paulo: Paulinas. 2019. p.127.

LESBAUPIN, Ivo. A igreja Católica e os Movimentos Populares ontem e hoje. In: AQUINO JR, Francisco de; ABDALLA, Mauricio; SÁVIO, Robson. (Orgs.). *Papa Francisco com os movimentos populares*. São Paulo: Paulinas; 2018.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acesso em 27/06/2024.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes do Segundo Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. 2015. Disponível: <https://www.cnbb.org.br/confira-a-integra-do-discurso-do-papa-francisco-no-encontro-mundial-dos-movimentos-populares/>. Acesso em 27/06/2024.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para os Movimentos Populares*. 2021. Disponível em: <https://ssb.org.br/noticias/mensagem-do-papa-francisco-para-os-movimentos-populares/>. Acesso em 28/06/2024.

SANCHES, Mário Antonio. *O diálogo entre teologia e ciências naturais*. O Mundo da Saúde. p. 179- 182. 2007. “Encontrado em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/download/893/830>